

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

CAMILLA DE FREITAS RODRIGUES

ANÁLISE CONTEUDÍSTICA DO *PODCAST* “PROJETO HUMANOS”

UBERLÂNDIA
2018

CAMILLA DE FREITAS RODRIGUES

ANÁLISE CONTEUDÍSTICA DO *PODCAST* “PROJETO HUMANOS”

Monografia apresentada na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne.

UBERLÂNDIA
2018

CAMILLA DE FREITAS RODRIGUES

ANÁLISE CONTEUDÍSTICA DO *PODCAST* “PROJETO HUMANOS”

Monografia apresentada na disciplina de Pesquisa em Comunicação II do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Mirna Tonus
Examinadora

Prof. Dr. Rafael Duarte de Oliveira Venâncio
Examinador

Uberlândia, 13 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que, compreendeu os momentos ausentes e pelo apoio durante toda graduação e em especial a esta pesquisa.

Ao meu orientador, pelos ensinamentos que me transmitiu durante este período de orientação. Obrigada pela paciência, pelos conselhos e atenção.

A todos aqueles que contribuíram para minha formação e de certa forma para o desenvolvimento desta pesquisa, meu sincero agradecimento!

RODRIGUES, Camilla de Freitas. **Análise conteudística do *podcast* “Projeto Humanos”**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa trata de uma análise conteudística da primeira temporada do *podcast* Projeto Humanos para observar como a prática jornalística se faz presentes nesta produção. A monografia se desenvolve em torno do problema de pesquisa “Como as características do jornalismo se fazem presentes no *podcast* “Projeto Humanos”? Para isso, foram abordados conceitos como os de *podcast*, convergência midiática, radiodocumentário e *storytelling* para entender em que campo teórico este produto se insere. Além disso, foram elencadas algumas categorias de análise com base em elementos jornalísticos para compreender se estes se faziam presentes na referida produção. O resultado foi que em todos os episódios da primeira temporada há traços jornalísticos, mas que em alguns momentos, estes se apresentam de maneira tímida e superficial.

Palavras-chave: *podcast*, “Projeto Humanos”, convergência midiática, jornalismo, radiodocumentário.

ABSTRACT

This research deals with a content analysis of the first season of the podcast Project Human to observe how the journalistic practice becomes present in this production. The monograph develops around the research problem "How do the characteristics of journalism become present in the podcast" Human Project "? For this, concepts such as podcasting, media convergence, broadcasting and storytelling were approached to understand in what theoretical field this product is inserted. In addition, some categories of analysis based on journalistic elements were listed to understand if they were present in said production. The result was that in all the episodes of the first season there are journalistic traits, but that in some moments, these appear in a timid and superficial way.

Keywords: *podcast*, *“Projeto Humanos*, *media convergence*, *journalism*, *radiocommunication*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorias de análise presente ou ausentes nos episódios do <i>podcast</i> Projeto Humanos.....	29
Tabela 2 - Duração de cada episódio do <i>podcast</i> “Projeto Humanos”.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O RÁDIO EM CENÁRIO DE CONVERGÊNCIA	9
2.1 <i>PODCAST</i> NO CENÁRIO JORNALÍSTICO	13
3 GÊNERO JORNALÍSTICO	17
3.1 O documentário presente no gênero radiofônico.....	18
3.2 Radiodocumentário em um contexto de convergência midiática	19
3.3 <i>Storytelling</i> jornalismo	21
4. METODOLOGIA E ANÁLISE	25
4.1 Análise	28
4.2 Descrição do material	30
4.2.1 Episódio 1 – “O mal puxa o mal”	30
4.2.2 Episódio 2 – “O trabalho liberta”	34
4.2.3 Episódio 3 – “A profecia”	37
4.2.4 Episódio 4 – “As filhas da guerra”	40
4.2.5 Episódio 5 – “O que Aprendemos?”	43
4.3 Considerações da análise	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DOS EPISÓDIOS	56
ANEXO B – LINK DA PRIMEIRA TEMPORADA DO <i>PODCAST</i> “PROJETO HUMANOS”	107

1 INTRODUÇÃO

A convergência midiática, conceito proposto por Henry Jenkins, trata das mudanças nos meios de comunicação que altera o processo comunicacional de meios tradicionais como o rádio (JENKINS, 2009). Estas alterações não se resumem apenas a tecnologia, inclui alterações nos modos de produção, distribuição, interação e consumo destes materiais. Com a convergência, mídias tradicionais não perdem totalmente o espaço na comunicação, mas são reagentizados para os novos contextos.

O *podcasting*, modalidade de distribuição de *podcast*, ganha espaço em um cenário de convergência midiática, em que as formas de produzir e distribuir conteúdos por meio de áudio se modifica do modelo radiofônico tradicional. O ouvinte consegue acessar produções de acordo com seus gostos e interesses particulares, a partir de diversos aparelhos como computadores, *tablets* e celulares.

De acordo com Herschmann e Kischinhevsky (2008), os primeiros programas de *podcast* eram voltados para a área da música, mas com o tempo e as facilidades de produção propiciadas pela internet, resultou em uma evolução e aprimoramento de conteúdos e formatos.

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é compreender como as características do jornalismo se fazem presentes na primeira temporada do *podcast* “Projeto Humanos”. Para tanto, tem como os objetivos específicos: entender o cenário de convergência midiática focado no rádio e como os *podcasts* e apropriam deste cenário para abrigar seus conteúdos, especificamente os jornalísticos. Assim, temos como pergunta de pesquisa: “Como as características do jornalismo se fazem presentes no *podcast* “Projeto Humanos?”.

Essa proposta se justifica com a intenção de compreender o um processo de transformação do rádio para o *podcast*, já que este tem se tornado uma opção para quem quer produzir materiais de áudio e para emissoras que utilizam da Internet para compartilhar seus programas. Também, é interessante ressaltar a popularização do *podcast*, que, segundo pesquisa feita em 2016 pelo site Blubrry há no Brasil mais de 1400 *podcasts* ativos. A escolha do “Projeto Humanos” se deu pelo interesse na temática que é apresentar histórias de pessoas reais em um formato de áudio que possibilita trabalhar com a imaginação e sensações dos ouvintes.

Para a construção desta pesquisa, será feita utilizada a Análise de Conteúdo. Com ela, será permitido analisar minuciosamente todos os episódios da primeira temporada e também dialogar com os outros conceitos já mencionados aqui. Segundo Moraes (1999), esta proposta

permitirá entender como o *podcast* “Projeto Humanos” é produzido, quais elementos são utilizados para a construção da narrativa e compreender se o *podcaster* se apropria de técnicas do documentário e do jornalismo para sua produção e como as utiliza. Ainda de acordo com Moraes (1999), há cinco fundamentos principais que são utilizados para analisar algum objeto: “preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição; interpretação.” (MORAES, 1999, p.4). Dessa forma, esta análise se faz importante neste trabalho para que os objetivos da proposta sejam alcançados.

No primeiro capítulo, aborda-se o conceito de convergência midiática proposto por Henry Jenkins que diz respeito às mudanças não somente estruturais, mas também culturais nos meios de comunicação. Processo principalmente propiciado pela Internet em que abriu espaço para novos modelos de produção, distribuição e compartilhamento de materiais. Também aborda um subcapítulo do rádio inserido no cenário de convergência e como os *podcasts* se valem deste espaço. Além disso, um subcapítulo que aborda as produções de *podcasts* caracterizados como jornalísticos permite compreender como os traços do jornalismo se fazem presentes nestes produtos, bem como a diferença deste modelo para outros.

O segundo capítulo trata a respeito dos gêneros jornalísticos e como o documentário se difere de outras produções do gênero, como a reportagem. Além disso, discute-se como o rádiocumentário se vale do cenário de convergência para se concretizar em produções como *podcasts*, incluindo o uso de características do *storytelling* para construir narrativas de áudio mais atraentes.

O terceiro capítulo aborda a metodologia desta pesquisa, que é de caráter documental e trabalha com Análise de Conteúdo segundo Laurence Bardin, haja vista que este caminho analítico se constitui com base em conteúdos de materiais da comunicação.

No quarto capítulo, apresenta-se a análise com base em elementos de categorização advindos do jornalismo para sustentar a questão central da pesquisa “Como as características do jornalismo se fazem presentes no *podcast* “Projeto Humanos’?”. À priori foi elencado um quadro para verificar a presença ou ausência dos elementos citados e em seguida tem-se a descrição do material e como as categorias se fizeram presentes.

A intenção com esta pesquisa é propiciar uma visão analítica acerca do objeto de pesquisa “Projeto Humanos” e permitir ao ouvinte maiores compreensões no que diz respeito aos conteúdos produzidos nos *podcasts*.

2 O RÁDIO EM CENÁRIO DE CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA

O rádio, segundo Kischinhevsky (2007) passa por um momento de reestruturação há mais de uma década se reconfigurando do analógico para o digital. Para entender sobre as mudanças tanto na forma de produção e distribuição dessa nova vertente comunicacional, é necessário entender o contexto da convergência midiática.

Jenkins (2009) conceitua convergência como um processo de migração de plataformas midiáticas e mudança de comportamento do público-alvo frente determinada mídia. O autor afirma que esta mudança comportamental se justifica por uma transformação cultural, haja vista que nessa transição, os consumidores de conteúdo tendem a buscar novas informações em diferentes meios. Assim sendo, o fluxo de informações em distintas mídias depende também da participação e interação de quem consome:

A convergência das mídias é mais do que apenas um mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. (JENKINS, 2009, p. 40)

As mídias tradicionais não chegarão ao fim, nem se tornarão obsoletas. De acordo com Jenkins (2009), ocorre um processo de interação, em que uma mídia carrega traços da tradicional e tem como desafio atender às exigências e particularidades do seu público, havendo assim um processo de segmentação, de forma que a produção seja destinada a nichos específicos. O estudioso expõe que mesmo havendo mudança de conteúdo e até mesmo de público, essa fase dos meios de comunicação permite que os produtores desenvolvam métodos aprimorados para maior êxito de seu material, e que a web permite maior experimentação por parte dos produtores de acordo com os seus objetivos.

A convergência ocorre tanto na maneira de produção quanto na maneira de consumo; de modo a exemplificar, Jenkins (2009) cita o caso do computador, nele, o usuário pode desempenhar várias atividades paralelas como conversar com os amigos em um bate-papo, ouvir música e responder emails. Além disso, fãs de séries, filmes podem discutir sobre os materiais, gravar músicas, seriados e distribuí-los pela Internet. Os modos de audiência nesse contexto ocorrem de modo comunitário, “a hora do cafezinho tornou-se digital. Fóruns on-line oferecem uma oportunidade para os participantes compartilharem conhecimento e opiniões” (JENKINS, 2009, p.51).

Kischinhevsky (2016) explica que o rádio teve a necessidade de reinventar seu modo de produção, circulação e se funde com novos modelos de distribuição. Em um contexto de convergência midiática, é um meio de comunicação expandido que se coloca além das ondas hertzianas tradicionais e que dialoga com outros meios como TV, celular, mídias sociais digitais e jornais. Os repórteres de rádio, no cenário de convergência, passaram a gravar suas próprias reportagens, algumas vezes, editá-las, o que aumenta sua carga horária de trabalho e exigência de produtividade, segundo o autor. Isso corrobora a definição de que a convergência midiática não é somente um processo tecnológico, como explica Lopez (2010):

A digitalização dos processos comunicacionais implicou em mudanças substanciais na essência do trabalho do jornalista nos mais variados suportes. Todas as etapas, incluindo a coleta, o processamento e a transmissão dos conteúdos informativos passaram por uma reformulação devido às possibilidades ofertadas pelas tecnologias, pela difusão do acesso às tecnologias e às novas formas de fruição que a aproximação do público com as ferramentas propicia. Desta forma, observa-se que pensar a convergência passa a ser uma ação mais ampla, para além do determinismo tecnológico (LOPEZ, 2010, p.18).

Em contexto de rádio hipermidiático¹, o áudio ainda tem o principal compromisso de levar informação, mas coloca em voga uma narrativa diferente com novas estratégias para conquistar e atender aos anseios dos ouvintes (LOPEZ, 2010). Lopez (2010) ainda destaca alguns formatos sonoros para o rádio hipermidiático: áudio slideshow, charge eletrônica, clipe e *podcast*, cada um destes com aspectos peculiares, mas que, em comum, têm a mesma função de transmitir uma informação. O primeiro permite a narrativa multimidiática e se fundamenta em duas linhas principais: aprofundar informações e ilustra a notícia como forma complementar ao áudio; a charge eletrônica é voltada para a produção opinativa no radiojornalismo; o clipe tem como característica principal elencar emoção e informação; e, por fim, o *podcast* que possibilita a disponibilização de áudio na web com o consumo sob demanda.

Kischinhevsky (2009, p.230) aponta que o *podcasting*, “radiodifusão sob demanda de caráter assíncrono” surgiu em 2004 e desde 2005 têm ganhado destaque no cenário internacional e se desenvolveu em torno das emissoras AM/FM que se apropriaram do cenário digital para proporcionar o acesso dos materiais após a transmissão tradicional em *broadcasting*, ou seja, em formato síncrono. Ainda em consonância com o pensamento do

¹“O rádio hipermidiático insere-se no contexto da tecnologização das informações, sofrendo influências principalmente do rádio digital e da entrada deste meio na internet. Sua construção narrativa apresenta-se como multimídia, mas sempre fundamentada em uma base sonora, por isso se configura como rádio”. (LOPEZ, 2010, p.9)

pesquisador, há também a desvinculação da radiodifusão tradicional, o que possibilita a variedade de temas e formatos, mas ainda assim, a maioria dos *podcasts*, material em áudio disponibilizado na internet, carrega características do AM/FM.

Kischinhevsky (2007) explica que, o *Real Simple Syndication* (RSS), sistema que notifica os usuários quando há atualização do *podcast*, possibilita uma assinatura única do material da preferência do ouvinte, e além disso, permite que os consumidores baixem e escutem a produção no momento em que quiserem.

O *podcasting* “remedia o rádio”, considera (PRIMO, 2005, p.2); o teórico se baseia nos estudos de Bolter (2001) para explicar, em linhas gerais, que essa remediação ocorre ao passo que uma nova mídia se apropria de características de uma já existente para se manter e, além disso, pode até reformular o espaço da antecedente. Para Primo (2005), o *podcasting* pode ser classificado tanto quando mídia de nicho quanto micromídia, haja vista que o primeiro remete a produções que segmentam seus conteúdos e consegue uma grande repercussão, um exemplo que o pesquisador cita é grandes empresas de comunicação; já a micromídia está ligada a produção por grupos sem relação com grupos de comunicação e que possuem baixa audiência.

Para Herschmann e Kischinhevsky (2008), o *podcasting* possibilita que o consumidor coloque “no ar” programações diferentes no “dial”, para eles, os *podcasts* vêm se transformando com o passar do tempo; inicialmente, essas produções eram voltadas para conteúdos musicais ou apenas conteúdos de blogs transformados em áudio, e, agora, os *podcasters*, produtores deste material, tendem a aprimorar seus conteúdos inserindo, em alguns, elementos do rádio como trilhas sonoras, vinhetas, além de discutirem acerca de temas diversos.

Em relação à montagem, Lopes (2015) explica que não há uma maneira correta de se produzir um *podcast*, justamente por uma das características do *podcast* é ser flexível, mas há cinco etapas fundamentais e gerais para esse tipo de arquivo: produção, gravação, distribuição, edição, publicação e distribuição. Segundo Lopes (2015), no Brasil, são raros os casos de *podcasts* que se consolidaram como empresa, de acordo com ele, a maioria dos *podcasters* produzem conteúdos, mas realizam outras atividades paralelamente.

Herschmann e Kischinhevsky (2008), explicam que os *podcasts* são importantes no processo de democratização da informação ao passo que possibilita a produção de conteúdos por grupos de movimentos sociais, ativistas, organizações não-governamentais. Logo, assuntos que não têm tanto destaque nas emissoras tradicionais são levados à Internet por meio dos *podcasts*; com isso, os autores ressaltam ainda que o *podcasting* propicia maior

sociabilidade e identificação entre os ouvintes, diferentemente dos modelos radiofônicos tradicionais.

Um dos fatores para a popularização do *podcast*, segundo Kischinhevsky (2017), modo de produção de baixo custo financeiro, já que todo o material pode ser feito de forma caseira, sem necessidade de aparelhos sofisticados e caros. O *podcast* toma frente de toda produção do material: ele grava, edita e disponibiliza, ou seja, têm um contato maior com o produto final, diferentemente do modelo radiofônico tradicional. Primo (2005) reforça essa reflexão ao argumentar que a construção do *podcast* ocorre de maneira pessoal e simples, exigindo do realizador apenas um gravador de áudio e programas de armazenamento dos arquivos na Internet.

Primo (2005) comenta que alguns *podcasters* amadores utilizam das mídias tradicionais para suas pautas e comentam de forma mais livre estes temas; porém, é preciso ter cuidado em não considerar o *podcaster* como aquele que detém a verdade e sim compreender que o discurso dele tem caráter opinativo e alguns momentos podem reproduzir discursos carregados de preconceito.

Tal visão idealizada de um podcaster o retrataria como alguém bem intencionado, que tem acesso à verdade única e inquestionável. Em outras palavras, um podcaster amador, apesar de sua produção independente, pode reproduzir o discurso da grande mídia ou mesmo defender pontos-de-vista radicalmente conservadores ou mesmo preconceituosos (PRIMO, 2005, p.7).

Segundo Kischinhevsky (2009, p.232), “ao produzir e veicular um *podcast*, o ator social assume certo protagonismo no processo de comunicação, borrando as fronteiras entre o que se entendia como emissor e receptor”. Isso permite uma interação e troca de informações mais direta entre quem produz e consome os *podcasts*. Nas discussões entre a interação do emissor e do receptor, o autor explicita que a radiodifusão tradicional é voltada para a massa, mas o consumo de *podcasts* por mais que pareça ser individualizado, pode ser sim coletivo, uma vez que esses conteúdos podem ser compartilhados entre uma rede de amigos e até mesmo consumidos ao mesmo tempo por duas pessoas.

De acordo com Primo (2005), a internet propicia um efeito de rede semelhante ao “boca a boca” presencial, em que as informações se propagam e se transformam em palco de grandes discussões. Dessa forma, segundo o pesquisador, a relação entre emissor e receptor se dá de maneira dialógica em que cada uma das partes atuam e refletem no comportamento de ambos, e essa interação permite abertura maior para debates Primo (2005) esclarece que muitos *podcasts* são ligados a um *blog* o que possibilita maior interação entre emissor e

receptor e, também, com outros ouvintes. Estes, além de comentarem e expressarem suas opiniões acerca de um tema pode sugerir outros e convidar mais pessoas para conhecer o material, já que, segundo o estudioso, os *podcaster* estimulam o seu uso desse espaço digital para ter *feedback* de suas produções e melhorá-las de acordo com os anseios dos receptores.

Embora haja facilidade na produção e no compartilhamento de materiais por meio do *podcast*, Primo (2005) explica a necessidade de os estudos e análises da produção e distribuição dos *podcasts* não serem polarizados no emissor nem tampouco sejam reduzidos simplesmente à democratização da mídia e livre publicação devido a dois fatores: primeiro, existem outras formas alternativas de produzir conteúdos advindos da televisão e jornais alternativos que possibilitam dar voz às minorias que não estão nos grandes meios de comunicação; segundo, é preciso analisar de maneira mais ampla a relação e interação entre emissor e receptor e compreender que mesmo com toda facilidade de produção nem todos receptores querem ser emissores e produtores de algum conteúdo.

Coloca-se que a produção de *podcasts* nacionais é simples e fácil, pautada em conversa entre amigos com temáticas aleatórias, mas “há muito trabalho antes e depois da divulgação de cada episódio” (SOUZA, 2018, p.2) e mesmo que qualquer indivíduo possa produzir, é necessário estudar as formas de produção e distribuição dos materiais tanto por parte do produtor quanto do consumidor. Souza (2018) explica que todo o processo de escolha da temática, apuração, gravação, edição e publicação exigem muito do *podcaster* para que sua produção se mantenha. A pesquisadora aponta ainda que os *podcasts* não podem ser reduzidos à democratização da mídia, haja vista que mesmo com toda facilidade de produção e distribuição, variados programas interromperam a circulação de seus conteúdos devido a falta de recursos financeiros e falta de tempo dos *podcasters*. Devido a isso, Souza (2018) explica que o *podcast* se sustenta pela publicidade e que, em alguns casos, é produzido mais por *hobbiedo* que como ocupação de renda.

2.1 Podcast no cenário jornalístico

Como já visto no subcapítulo anterior, com a convergência midiática, o papel do jornalista sofreu algumas alterações. Agora, este profissional passa a acumular atividades que exigem dele maior habilidade com várias áreas da comunicação. Foi visto também que os *podcasts* podem ser produzidos tanto por amadores, quanto por profissionais da comunicação, logo, o intuito deste é esclarecer que há *podcasts* de caráter jornalístico e também há aqueles que se apropriam de alguns elementos para se constituírem.

Medeiros (2006) classifica os *podcasts* em quatro modelos: editado, educacional, metáfora e registro, e explica que o *podcast* não pode ser denominado como radiojornalismo, mas que alguns destes modelos se aproximam deste tipo de produção tradicional de regras específicas.

O modelo editado é uma opção que emissoras de rádio utilizam para disponibilizarem suas produções na íntegra na internet após a programação em tempo real. É editado e fica disponível para download, ou seja, o ouvinte têm acesso ao conteúdo quando quiser; o modelo educacional é o tipo de *podcast* usado por professores para disponibilizar aulas e, em grandes casos, há uma produção continuada que servem para discutir temáticas relacionados ao meio educacional; modelo metáfora possui elementos de um programa de rádio convencional com locutor/apresentador, vinhetas, entrevistas, blocos musicais. Segundo Medeiros (2006), este modelo pode ser considerado o pioneiro, pois o inventor do *podcasting* Adam Curry surgiu com a ideia de inovar um programa de rádio e personalizá-lo; por fim o modelo registro: pode ser considerado como “*audioblogs*” e contam com produções de temas variados, sem regras específicas.

De acordo com Medeiros (2006), o *podcasting* não pode ser considerado como prática de radiojornalismo somente, primeiramente pelo formato, que é assíncrono, não depende de uma grade de programação para se consolidar, não é hertziano, não concentra o poder de informação na emissora e é produzido sob demanda. Segundo, porque os programas de *podcasts* podem ser produzidos não só por jornalistas, uma vez que tem a produção descentralizada seguindo um modelo todos para todos, diferentemente do rádio tradicional, em que a produção é de um para todos. Ou seja, no *podcasting*, qualquer pessoa pode produzir o que desejar e disponibilizar quando bem entender na Internet. Por fim, Medeiros (2016) ressalta que o modelo que se aproxima do radiojornalismo é o metáfora, pela presença de elementos como locução, vinhetas e entrevistas, porém é apenas um estilo de produção, e o *podcast* não tem a obrigatoriedade de possuir esses elementos.

Além do modelo metáfora que se aproxima do radiojornalismo tradicional, existe o *podcast* jornalístico que são as produções de conteúdos de informações, de acordo com Vaisbih (2006). Como já visto anteriormente, qualquer pessoa com acesso a internet e gravador de voz pode produzir e distribuir um *podcast*, mas para Vaisbih (2006) o diferencial de uma produção *do podcaster* está em trazer elementos analíticos para o material. De acordo com ele é preciso abordar recursos além dos já utilizados na mídia tradicional como comentários e análises aprofundadas. Outra crítica em relação a esse tipo de *podcast*, segundo Vaisbih (2006) se dá pela incapacidade de ser imediatista em sua produção. O pesquisador

explica que os *podcasts* são materiais que permitem maior portabilidade, como já falado anteriormente nesta pesquisa, porém, não é possível disponibilizar um conteúdo de *podcast* ao vivo, ou seja, o ouvinte antes de ter acesso ao material, provavelmente já leu ou assistiu alguma reportagem semelhante.

Junior (2017) discorre que no Brasil ainda há muitos equívocos sobre o conceito de *podcast* e que isso corrobora para a dificuldade de elaborar procedimentos estratégicos das ferramentas de áudio. De acordo com pesquisa realizada por Junior (2017), dentre as principais emissoras jornalísticas de São Paulo, as de radiodifusão não utilizam do para potencializar a comunicação com seus ouvintes; segundo o estudioso isso acontece por falta de entendimento conceitual. Conforme exemplifica, a Rádio CBN possui o programa “Podcast CBN Professional” em sua página, mas mesmo com a distribuição digital e a possibilidade de baixar o arquivo. A Rádio Jovem Pan, segundo ele, busca maior interação com seus ouvintes através do meio digital, mas também não possui a assinatura, mas Junio (2017) aponta que as produções não permitem a assinatura por *feed* RSS, fator essencial para qualificação de *podcast*.

Segundo Lopez (2010), o *podcast* permite ao radiojornalismo, além de ampliar o conteúdo das emissoras, dois aspectos importantes: a memória e o arquivo. Por meio destes, é possível que as emissoras disponibilizem seus arquivos para que o ouvinte possa ter acesso a qualquer momento aos conteúdos e também possibilita que o usuário produza seus próprios *podcasts* e colabore para discussões e propagação do material. De acordo com a estudiosa, a estes dois elementos propiciam a fidelização do ouvinte com a emissora, além de permitir uma produção colaborativa entre os dois.

Junior (2017) cita em seu trabalho uma pesquisa de público feita pela agência Prótons, empresa foca em publicidade de *podcast*, realizada com os ouvintes do programa *SciCast* e foi constatado que, do total de entrevistados, acompanham pela Internet, uma porcentagem de 98,8; 73,3% deles dizem acessar conteúdos de *podcasts* diariamente pelo celular e, 51,5% destes consumidores, tomam para si as opiniões e sugestões encontradas nos *podcasts*. Acerca desses dados, Junior (2017) discorre que no país há consumidores com gostos e interesses variados e que isso abre uma série de possibilidades para as emissoras de rádio, ao passo que propicia a inserção de conteúdos que ainda não foram pauta da programação tradicional.

3 GÊNERO JORNALÍSTICO

O jornalismo, segundo Bahia (2009), é um processo histórico e cultural que se desenvolveu ao longo do tempo, sendo um dos instrumentos que permite a participação do público na vida social, assumindo um papel de intermediador da sociedade. De acordo com o autor, com o jornalismo, é possível levar ao público acontecimentos e informações que, apuradas e selecionadas com veracidade e exatidão, facilitam a compreensão da realidade.

A dificuldade de definir o jornalismo se deve, muitas vezes, a ser reduzido a técnicas e formatos de sua produção em que os jornalistas são meros empregados de uma fábrica produtora de notícias, (TRAQUINA, 2012). Nesse sentido, o autor ressalta que os jornalistas têm papel importante na construção da realidade e são os modernos contadores de “estórias”, já que contam acontecimentos de tragédias e da vida.

Assis e Melo (2016) tratam o processo jornalístico não só como atividade humana e linguística, mas também como campo teórico da Comunicação, o que implica analisá-lo de acordo com as peculiaridades que a área possui. Os pesquisadores salientam que a partir do momento em que o Jornalismo se tornou discussão na academia, há muitos debates a respeito da classificação das atividades jornalísticas. De acordo com os estudiosos, para melhor compreender essas práticas, há uma subdivisão de gêneros e formatos.

Os estudiosos, Assis e Melo (2016) definem os gêneros como o agrupamento de vários formatos, elementos que possuem características específicas e que são veiculados através de um suporte, seja ele físico ou digital:

a classe de unidades da Comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas (ASSIS, Francisco de; MELO, Marques de, p.49, 2016).

Os formatos, com base nas proposições de Assis e Melo (2016), são elementos únicos com suas especificidades e que se constituíram juntamente com o avanço histórico do jornalismo. Os autores relatam que a dificuldade do cenário atual é conseguir classificar e identificar novos formatos ligados ao gênero jornalístico, haja vista que a prática da profissão está sempre em desenvolvimento.

Os gêneros representam aquilo que é de interesse dos cidadãos, ou seja, aquilo que precisam conhecer e acompanhar, segundo Assis e Melo (2016). Não obstante, os

pesquisadores afirmam também que o papel da imprensa é, por meio desses gêneros, possibilitar que o público exerça a cidadania e fundamente suas ações corriqueiras. Ressaltam ainda que existem duas características principais para a constituição de um gênero: disposição em reunir diversos formatos e a função social que cada um deles possui.

Dessa forma, Assis e Melo (2016, p.49) classificam o gênero jornalístico de acordo com a função social que exercem da seguinte forma: “informativo: função de vigilância social; opinativo: fórum de ideias; interpretativo: papel educativo e esclarecedor; diversional: distração e lazer; utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas”.

Barbosa (2003) aponta que o gênero jornalístico se faz presente no rádio nos seguintes formatos, como por exemplo, a nota, boletim, notícia, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica e documentário jornalístico. A presente pesquisa tem como foco o documentário.

3.1 O documentário presente no gênero radiofônico

O idealizador do *podcast* “Projeto Humanos”, Ivan Mizanzuk, expõe que seu produto se assemelha a um documentário em formato de áudio, já que utiliza de características do *storytelling* para construir sua narrativa e ainda ressalta que essa forma de produção recorda às práticas de jornalismo literário aqui no Brasil. Devido a isso, neste capítulo, iremos tratar sobre o radiodocumentário e as características do jornalismo literário e sua relação com o *storytelling*.

Barbosa (2003) classifica os gêneros radiofônicos como uma relação entre a função específica deles com a expectativa de audiência. Afirma também que o gênero jornalístico propicia que o rádio informe e atualize o público de acordo com uma série de fatos do cotidiano. Segundo o autor, é possível, em alguns formatos do rádio, identificar este gênero como, por exemplo, a nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo, divulgação tecnocientífica.

O documentário jornalístico, de acordo com Barbosa (2003), tem como principal função analisar alguma temática de maneira aprofundada por meio de um repórter condutor. O autor aponta algumas características presentes na produção deste material como pesquisa documental, comentários de especialistas e de pessoas envolvidas em um caso, além de investigação dos fatos.

A respeito de produções de documentário radiofônico, Ferrareto (2014) define como uma abordagem aprofundada de um determinado tema e que se sustenta e se constrói a partir de dados. De acordo com o pesquisador, há muita confusão entre o documentário com programa especial ou grande reportagem, e, segundo o autor, a diferença é que o primeiro trabalha com uma produção mais apurada e aprofundada, exige gravação e edição, enquanto no segundo, a transmissão geralmente é feita ao vivo e o conteúdo da produção é voltada para algo programado, como uma data histórica.

Em relação a diferença entre a reportagem e o documentário, Ferrareto (2014) expõe que o senso comum os distingue pela duração, então, nesse caso, o documentário seria classificado como uma versão ampliada da reportagem. Entretanto, Gil e Muñoz (*apud* Ferrareto-Luiz, 2014, p. 260) apontam claramente essas diferenças, além da duração das produções:

nos documentários, há abundância de depoimentos, mais longos, e com maior espontaneidade do que nas reportagens; (2) a menor duração das reportagens obriga uma edição comprimida a reduzir a naturalidade da fala; (3) sem a pressão dos prazos, comum no caso das reportagens, o tempo de produção e realização pode se expandir; (4) nesse contexto, o documentário, ao contrário da grande reportagem ou reportagem especial, conforma-se como um “programa em si mesmo (1990, p.69).

Pessoa (2010) afirma que o radiodocumentário ocupa pouco espaço no Brasil devido ao fato de que as emissoras ainda estão presas aos modelos radiofônicos tradicionais como o radiojornal e os boletins informativos. Segundo a autora, o formato factual é o mais encontrado principalmente nas emissoras que se dedicam suas produções ao caráter jornalístico e isso faz com que o documentário fique de lado, lançando mão de produções com informações mais detalhadas e aprofundadas.

Santos (2017) assevera que com a internet, algumas emissoras, como a BBC, passaram a disponibilizar o acervo de suas produções deste formato no meio online. Além disso, com o crescimento das rádios com ondas não hertzianas, é possível encontrar outros materiais em plataformas digitais, o que facilita tanto a busca para consumo próprio quanto contribui para a evolução de pesquisas nessa área.

3.2 Radiodocumentário em um contexto de convergência midiática

Como visto anteriormente, a convergência midiática possibilita que haja interação entre mídias tradicionais e novas em que uma utiliza a outra para ganhar espaço e atender as necessidades de seu público-alvo. Assim sendo, este subcapítulo tem como proposta abordar como o radiodocumentário se configura em um cenário de convergência.

Conforme aponta Barbosa (2015) as primeiras produções eram voltadas mais para o drama e para ficção e por falta de equipamentos não sofisticados, as gravações eram feitas de maneira mais restritas. A estudiosa aponta ainda que com a invenção do gravador portátil, os repórteres passaram a produzir materiais mais elaborados e “se libertavam de estúdios isolados para capturar um pouco desse barulho e ar fresco” (BARBOSA, 2015, p. 11).

Desde o século XX, o radiodocumentário tem se transformado, mas em muitos momentos é visto como um “gênero marginalizado” (BARBOSA, 2015, p.8) ocupando espaços de menos prestígio nas emissoras. Barbosa (2015) discorre que as narrativas que se fazem presentes em *podcasts* e na internet derivam de mais de duas décadas dos programas de rádio. Barbosa (2015) explana que emissoras de radiodifusão notaram a potencialidade dos *podcast* para disponibilizar um conteúdo diferenciado com baixo custo. Segundo (Madsen, 2009, p. 1205-1206) citado por Barbosa (2015):

Certos tipos de conteúdo típicos das rádios públicas, formas mais intensas de experiência auditiva e produções baseadas em storytelling não eram tão encontrados em outros lugares por razões financeiras ou técnicas e foram favorecidos pelo podcasting (BARBOSA, 2015, p. 15)

De acordo com Barbosa (2015), o principal objetivo do documentário é conquistar o ouvinte. Salienta também que esta produção permite abarcar temas de maneira aprofundada e possibilitam, através de seis elementos - entrevista, cenas, sons, narração, música e estrutura e edição- em que o ouvinte participe ativamente da narrativa, ao passo que este cria em sua mente imagens de acordo com o conteúdo do áudio.

Segundo dissertação de Santos (2017), a produção de radiodocumentário cresceu no Brasil em um período de três a quatro anos. O estudioso realizou uma pesquisa entre fevereiro de 2014 a julho de 2016 por meio do buscador do Google e nas plataformas de compartilhamento de conteúdo *SoundCloud.com* e *Youtube.com*.

Ainda seguindo as conclusões da pesquisa de Santos (2017), infere-se que esse gradual aumento nas produções de radiodocumentário se firma pela facilidade de produção e pelos baixos custos, já que o documentário no rádio se constrói por áudios, logo, como já visto no capítulo 1, basta um gravador para que haja materialização da produção, e, internet para o compartilhamento por meio de plataformas digitais ou hospedagem de *podcasts*.

De acordo com Santos (2017), o radiodocumentário é produzido, em grande parte, por pessoas que não são profissionais da área, por apaixonados, e também por acadêmicos de comunicação em seus trabalhos e projetos do curso. A produção acontece sem nenhuma ou limitada, vinculação com alguma emissora sonora, o que corrobora para o pouco espaço dedicado a essa produção no âmbito das pesquisas e exploração no campo mercadológico.

Santos (2017) discorre ainda que, além da popularização dos *podcasts*, o futuro promissor do radiodocumentário se fortalece aliada também à capacidade que a internet propicia em conectar grupos de interesses, por possibilitar um espaço maior para contação de histórias, *storytelling* e, também, ao aumento da capacidade de armazenamento dos *smartphones*.

O radiodocumentário ganha marca nos *podcasts* e, a respeito do tipo de narrativa presente nesse material, Barbosa (2015) cita um trecho de entrevista de em junho de 2015:

Os podcasts americanos fazem o que chamam de jornalismo narrativo. Acho que isso os tem tornado muito interessantes. Usam storytelling, técnicas bem fortes para contar histórias, e então misturam isso com jornalismo. Se você está escutando um documentário produzido por um jornalista em quem você confia, sabe que os argumentos desenvolvidos não são falsos, que pode confiar. É isso que é tão interessante com essa nova revolução do podcast. Os programas que são produzidos por jornalistas estão empregando maneiras mais criativas de fazer as pessoas escutarem.

Assim sendo, o próximo subcapítulo abordará o conceito de *storytelling* e como ele se relaciona no jornalismo para compreender de fato como este conjunto de técnicas narrativas corrobora para uma produção mais atrativa.

3.3 *Storytelling* e jornalismo

Segundo Terenzo e Palacios (2016), para entender a palavra *Storytelling*, é preciso dividir os termos. De acordo com os autores, “*story*” é a parte idealizada da história, aquela versão sobre um determinado assunto que cada pessoa tem na sua mente, já “*telling*” é parte prática da história, momento em que a história ganha vida e sai do plano das ideias e passa para um meio material. Assim sendo, os autores definem o *Storytelling* como a arte de contar “histórias fabulosas” e afirmam também que é uma ferramenta composta por várias técnicas e que, para construir uma boa narrativa, esses passos devem ser seguidos. Para Terenzo e Palacios (2016, p. 63), “O *Storytelling* - escrito assim, com S capitular - é uma tecnologia de

comunicação que implica em saber encontrar e contar uma história fabulosa, com um propósito épico, de forma fantástica.”

Terenzio e Palacios (2016) expõem que histórias são contadas desde há muito tempo pelos homens, e que são passadas de geração em geração para que alguns fatos não se percam com o passar dos anos, mas que é necessário usar alguns elementos para que as pessoas se sintam atraídas e se convençam sobre algum fato.

As narrativas teriam sido a forma que encontramos para que os aprendizados mais importantes pudessem ser preservados, retransmitidos e, acima de tudo, acumulados, geração após geração. Inventamos às histórias justamente para que não tivéssemos que reinventar a roda. Nesse caso, o Storytelling seria uma espécie de evolução externa ao corpo, que pertence ao plano do pensamento (TERENZZO, PALACIOS, 2016. p.50).

Cinco pontos, de acordo com Terenzio e Palacios (2016), são fundamentais para que o uso do Storytelling consiga ser otimizado. Primeiro deles é o protagonismo: espaço em que é criado um personagem que represente sua ideia de narrativa, alguém com uma capacidade de impactar e que esteja próximo do seu público alvo. Segundo fundamento é a tensão, momento em que o protagonista ganha espaço e resolve problemas e conflitos na narrativa. O terceiro é o ensinamento, essa é hora em que o protagonista tira uma lição de vida, momento em que a experiência do personagem passa a ter significado. Por isso, o quarto fundamento é o significado, ponto em que a história faz sentido e o protagonista compreende a motivação daquela história. Por fim, a verdade humana é o momento em que quem constrói a narrativa expressa a verdade incontestável sobre determinado assunto; além disso, o protagonista provoca empatia e faz com que as pessoas reflitam a narrativa.

De acordo com Cunha e Mantello (2014), o uso do *storytelling* resulta em um texto sinestésico, que atinge os sentidos de quem tem contato com determinada história independentemente do meio que está inserido, seja impresso ou audiovisual. Segundo esses autores, isto resulta em proximidade entre emissor e receptor, causa empatia, humaniza determinado fato e atrai os receptores:

Da mesma forma, a técnica do storytelling é empregada na humanização dos personagens. Encontrar personagens com boas histórias que materializem os relatos jornalísticos organizados pelo princípio da objetividade técnica é tarefa difícil em qualquer apuração. No entanto, é preciso ir além e descrever e narrar a essência quando o objetivo é despertar sensações estéticas no consumidor de notícia, provocando a empatia (CUNHA E MANTELLO, 2014, p.62).

De acordo com Lima (2014), a técnica de *storytelling* pode ser relacionada com o jornalismo literário, já que este, diferentemente do jornalismo tradicional, tende a explorar mais as fontes e os fatos de uma maneira ampla e complexa, para que o ouvinte, ouvinte ou telespectador possa ficar imerso naquele acontecimento.

Por isso, o literário tende a não ficar preso aos fatos objetivos. Procura igualmente. Da mesma maneira, o literário não se limita ao fato concreto e material que dá base às notícias – a notícia é o elemento primário e essencial que traduz um acontecimento social presente e constitui a razão de ser do jornalismo informativo convencional –, procurando transcender essa esfera reducionista para encontrá-la envolvida por outros fatores que a condicionam. Por isso, o literário tende a não ficar preso aos fatos objetivos. Procura igualmente apreender a atmosfera psicológica e a reverberação emocional que dá sentido a um acontecimento, a uma situação, a um estado de coisas que é foco de sua abordagem (LIMA, 2014, p.122).

Para Lima (2014), contar história é resultado de uma combinação entre espaço, tempo, personagens e conflitos, de tal forma que o jornalismo literário é capaz de suprir essas necessidades. Segundo o autor, este tipo de jornalismo não está atrelado a somente informar, bem como fazer com o ouvinte tenha diferentes pontos de vista sobre determinado acontecimento e consiga, a partir de seus sentidos, imergir na narrativa. Lima (2014) explica que diferentemente do jornalismo tradicional em que as fontes são pessoa que podem ser facilmente esquecidas e que tem a finalidade de credibilizar determinada informação, no jornalismo literário, as fontes são consideradas personagens e têm papel fundamental na narrativa enquanto protagonistas.

Segundo Terenzzo e Palacios (2016), praticar o jornalismo nos tempos atuais é algo desafiador considerando que os jornais trabalham com a ideia do imediatismo; logo, informar as pessoas mais rápido é o que está em voga. Além disso, para estes autores, o perfil de quem consome os jornais mudou. Hoje em dia, o ouvinte, ouvinte, telespectador ou internauta têm acesso a muitas informações rapidamente por meio de redes sociais e não param para apreciar uma boa narrativa.

Para Terenzzo e Palacios (2016), o *lead*, elemento usado para responder cinco perguntas “o que?” “quem?” “quando?” “onde?” “como?” “Por quê?” nas primeiras linhas do texto jornalístico, é um fator importante que explica reportagens com conteúdos rasos e que não atizam o interesse de quem lê: ou seja, o ouvinte não se sente atraído para querer saber mais sobre determinada informação. Os autores argumentam que se o jornalismo continuar com essa estrutura nada atrativa, a credibilidade será perdida.

A internet, segundo Terenzzo e Palacios (2016), é a saída para que o jornalismo se estruture de uma nova maneira e consiga prender a atenção dos ouvintes para os acontecimentos. Para os pesquisadores, a internet é um espaço em que o jornalista não fica preso a número de caracteres, palavras e pode inserir recursos visuais e sonoros em suas produções. O rádio do início do século XX, segundo Lopez (2010), esteve marcado pela presença da oralidade sobre a roteirização da forma escrita e, com o passar do tempo, reconfigurou-se de acordo com novas demandas e situações comunicacionais para não chegar ao fim. Segundo a pesquisadora, com a chegada da internet, não foi diferente; o rádio precisou se redefinir juntamente com seu modelo de narrativa e linguagem. Ainda nesta ideia, os autores expõem que o *Storytelling* é capaz de tornar estas informações atrativas e permite maior imersão de quem consome.

Considerando os capítulos expostos a respeito de *podcast*, radiodocumentário documentário em contexto de convergência midiática e técnicas de narrativa destes materiais, o próximo capítulo trará a metodologia desta pesquisa, bem como a introdução do método de análise a ser explorado.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi necessário estruturar uma série de fatores como objeto, problema e os possíveis caminhos para respondê-lo. A presente pesquisa pode ser classificada como documental, uma vez que, de acordo com Gil (2002), este tipo de trabalho consiste na análise de um material que ainda não foi abordado analiticamente ou que podem ser reformulado. Na pesquisa documental, há os documentos de “primeira mão” como àqueles de instituições, gravações fotografias e diários, e, existem os de “segunda mão”, que de alguma forma já foram analisados, como tabelas e gráficos.

O trabalho pretende verificar quais são as características do jornalismo que se fazem presentes na construção narrativa da primeira temporada do *podcast* “Projeto Humanos”. Para isso, o método de pesquisa é a Análise de Conteúdo, que tem como objetivo sistematizar o conteúdo dos produtos de comunicação. A Análise de Conteúdo pode ser definida “como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011, p.44). Acerca disso, Moraes (1999) destaca:

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo (MORAES, 1999, p.02).

Para desenvolver o tratamento dos dados brutos desta pesquisa, a análise se constitui em torno da proposta de método de Bardin (2011) que pode ser dividido em quatro partes: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise, segundo Bardin (2011), é a primeira fase de organização da análise e que se debruça em três pontos: escolha dos documentos, formulação das hipóteses, dos objetivos e indicadores que dá base à interpretação final; além do mais, essa fase é constituída das seguintes atividades: leitura flutuante, momento em que há o primeiro contato com o material a ser analisado em que o pesquisador têm suas primeiras impressões acerca do material; escolha dos documentos e formulação de hipóteses.

No momento de leitura flutuante, foram observados dois *podcast*: o Projeto Ninguém e o “Projeto Humanos”, dois materiais que afirmam trabalhar com a contação de histórias e utilizam técnicas do *storytelling* em suas produções. Para esta pesquisa, foi escolhido o

podcast “Projeto Humanos” diante o outro material, pois observou-se que apresentava uma melhor estrutura organizacional tanto no site quanto nas temporadas trabalhadas. O *corpus* - “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p.126)- escolhidos foi a primeira temporada “As filhas da guerra” seguindo a regra da exaustividade. De acordo com Bardin (2011), é necessário considerar todos os elementos daquele recorte, por isso, será analisado todo o material inserido na temporada que inclui cinco episódios e um material extra. A hipótese formulada é que dentro do *podcast* “Projeto Humanos” se pode encontrar elementos jornalísticos e que as técnicas de *storytelling* possibilitam essa interação na narrativa.

A exploração do material, que abarca a organização sistêmica das pré-análise, “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”, BARDIN (2011, p.131)

Por fim, a pesquisadora Bardin discorre a respeito do tratamento dos resultados e a interpretação, momento em que o pesquisador trata os dados brutos dando a eles significados e, por consequência, possibilita um norte mais amplo de interpretações acerca dos objetivos propostos. De acordo com Chang e Ikeda (2005), nesse momento da análise se pode utilizar de quadros e diagramas para melhor ilustrar os resultados.

A categorização, de acordo com Bardin (2011), é um dos procedimentos da análise de conteúdo e consiste em uma classificação de elementos com um título genérico que possibilita a transformação de dados brutos em organizados. Esta pesquisa abordará uma categorização de acordo com a pertinência, neste tipo, “o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação, as questões do analista e/ou corresponder às características das mensagens” (BARDIN, 2011, p.150).

Nesta pesquisa a categorização se apoiará em: duração; fontes; informações extras; narração e *storytelling* e sonoplastia como informação. Todos os elementos serão justificados a seguir.

Incluir a duração como elemento de categorização se deu pelo fato de que Ferrareto (2014) explica que uma das diferenças entre a grande reportagem e o documentário jornalístico é a duração do material, sendo que o segundo pode ser considerado uma versão ampliada da primeira. Além do mais, Pessoa (2010) ressalta que o documentário, diferentemente do trabalho desenvolvido pelas emissoras tradicionais radiofônicas que estão focadas no factual, abre espaço para produções mais detalhadas que podem ser tratadas com mais tempo. Kleina (2013) com base nas teorias de McLeish explana que o pesquisador considera um tempo médio de 20 minutos a 1 hora para o radiodocumentário.

O elemento fontes se faz presente porque, em um documentário jornalístico, segundo Barbosa (2003), os temas são tratados de maneira aprofundada e alguns fatos são investigados; logo, exige uma quantidade maior de entrevistas, pesquisas documentais e comentários de especialistas. A intenção nesta pesquisa é ver como cada fonte corrobora para a construção da produção. Bahia (2009, p.47) explica que as fontes de informação podem ser divididas em diretas, indiretas e complementares, sendo que a primeira se refere a “informantes de um acontecimento - seus autores, suas vítimas, suas testemunhas, comunicados oficiais, quem fala em nome do quê -”; o segundo tipo está associados a “todas as informações adicionais que contribuem para esclarecer ou enriquecer a história (...) como terceiras pessoas, informantes envolvidos circunstancialmente nos fatos, papéis e documentos de consulta, relatos parciais” e, por fim, as fontes complementares “documentos, referências (de livros, pesquisa, recortes, etc.)”. Também é importante salientar que, de acordo com Lima (2004), no jornalismo literário as fontes ocupam papel de protagonistas na história, diferentemente do jornalismo tradicional, em que se costuma usar este elemento apenas para credibilizar algo.

Analisa-se as informações extras, por, segundo Primo (2005), muitos *podcasts* possuem um blog de suporte o que propicia inserção de outros materiais que não sejam somente em formato de áudio. Além do mais, de acordo com o pesquisador, o fato dos *podcasts* estarem inseridos na internet, o compartilhamento de materiais se torna mais eficaz à medida que os ouvintes podem ter acesso aos conteúdos complementares. Assim sendo, analisar essa categoria se faz necessário nesta pesquisa para compreender como o *podcaster* permite que seus ouvintes possam ter acesso a outros conteúdos, para além dos estritamente sonoros.

A narração, conforme aponta Barbosa (2015, p.35), permite “conectar os diferentes elementos que compõem de um enredo; descrever pessoas e lugares; e apresentar fatos e informações - como hora, local, nome e atribuição dos entrevistados”. A pesquisadora salienta ainda que muitos *podcasters* utilizam características do *storytelling* para que a narração consiga atrair o ouvinte. Assim sendo, a intenção é analisar como esses recursos se fazem presentes no “Projeto Humanos”, pois por meio deles, o ouvinte pode ter uma compreensão melhor do assunto tratado e consegue imaginar determinadas situações.

A sonoplastia é um recurso importante para as produções de áudio, haja vista que corroboram para a construção de sentido de um material para o ouvinte, Ferrareto (2008 *apud* Ferreira, p. 276) explica que “A sonoplastia é, portanto, um dos elementos fundamentais na construção das imagens sonoras, que sugerem e projetam situações, mas ganham significados

na medida em que são “discretizadas” e identificadas pelo ouvinte. Segundo Alan Hall (2010) *apud* Barbosa (2015, p.34), “Nenhum som é inocente”. Logo, a proposta de incluir o elemento sonoplastia como informação na análise é compreender como o *podcaster* Ivan Mizanzuk trabalha com os sons durante o *podcast* como efeitos sonoros e trilhas como isso contribui na construção da narrativa.

A análise do *podcast* “Projeto Humanos” de acordo com essas categorias e todo arcabouço teórico apresentado anteriormente é apresentada a seguir.

4.1 ANÁLISE

Como mencionado anteriormente, a análise se desenvolve em torno dos cinco episódios da primeira temporada, “As filhas da Guerra”, do *podcast* “Projeto Humanos”. Inicialmente será analisado quais as características do jornalismo que se fazem presentes na produção e, em momento posterior, como se sustentam ao longo do material. Acredita-se que ao realizar a análise com base nestas duas frentes, a problemática da pesquisa - “Como as características do jornalismo se fazem presentes no *podcast* ‘Projeto Humanos’? - seja respondida.

Em um primeiro momento, são analisadas, por meio de um quadro, a presença ou ausência das categorias de análise referente aos episódios: **(A)** fontes; **(B)** informações extras; **(C)** narração e *storytelling* e **(D)** sonoplastia como informação. Depois de verificada a presença ou ausência, desenvolve-se o processo analítico baseado nestes elementos, acrescidos de uma categoria, **(E)** duração do episódio, com intuito de interpretar os resultados e responder a questão apontada no parágrafo anterior. O indicativo gráfico “X” indica que a categoria se faz presente no referido episódio.

Para melhor acompanhamento da análise desenvolvida foi disponibilizado em anexo a transcrição dos episódios.

Quadro 1 - Categorias de análise presente ou ausentes nos episódios do *podcast* “Projeto Humanos”

	A	B	C	D
1	X	X	X	X

2	X	X	X	X
3	X	X	X	X
4	X	X	X	X
5	X	X	X	X

Fonte (própria autora)

Legenda: A: fontes; B: informações extras; C: narração e *storytelling*; D: sonoplastia como informação.

1: episódio “O mal puxa o mal”; 2: “O trabalho liberta”; 3: “A profecia”; 4: “As filhas da guerra;”5: “O que aprendemos”?

Quadro 2–Duração de cada episódio do *podcast* “Projeto Humanos”

Episódio	Duração
1	39’03’’
2	1 hora e 11 minutos
3	27’25’’
4	32’36’’
5	1 hora e 06 minutos

Fonte (própria autora)

Legenda: 1: episódio “O mal puxa o mal”; 2: “O trabalho liberta”; 3: “A profecia”; 4: “As filhas da guerra;”5: “O que aprendemos”?

A partir do Quadro 2, observa-se que o tempo de duração de cada episódio contempla o que foi discutido anteriormente sobre a extensão dos documentários em áudio: as produções variam entre 20 minutos a 1 hora, mencionado neste capítulo. Nota-se inicialmente que a afirmação de que *podcaster* sua produção assemelha a um documentário se valida à priori pela duração (E), mas ainda é necessário analisar se de fato a sua produção condiz com este formato e, mais do que isso, se o produtor aproveita a duração mais extensa para oferecer um material de qualidade, atrativo e que seja coeso para o ouvinte. Afinal, não basta um conteúdo com extensa duração se não for capaz de abordar temáticas com clareza, principalmente para o tipo de receptor deste material – ouvinte – que não tem acesso a nenhum outro recurso visual para absorver todos os *offs* e sonoras dos episódios.

Após elencar a presença ou ausência das categorias de análises dos episódios, inicia-se o processo de descrição e interpretação dos resultados.

4.2 Descrição do material

4.2.1 Episódio 1 – “O mal puxa o mal”

O primeiro episódio “O mal puxa o mal” contém 39 minutos e três segundos e foi disponibilizado no dia 10 de agosto de 2015. Neste material, foram encontradas as cinco categorias referentes às características do jornalismo: **(A)** fontes; **(B)** informações extras; **(C)** narração e *storytelling*; **(D)** sonoplastia como informação. A seguir, estes elementos serão abordados separadamente para entender como elas se constituem na produção.

Como a proposta do *podcast* “Projeto Humanos”, segundo Ivan Mizanzuk (2015) é contar histórias de pessoas reais, percebe-se que a fonte principal da primeira temporada é Lili Jaffe, já que todos os episódios se desenvolvem segundo sua experiência de vida. Ela assume o papel de fonte protagonista referente ao que Lima (2004) cita em sua teoria, de que em produções do jornalismo literário, as fontes são protagonistas da história. Nota-se a presença de outras fontes. Por volta dos três minutos, o *podcaster* conversa por telefone com Carlos Reiss, coordenador geral do Museu do Holocausto em Curitiba; esta fonte discorre sobre o museu, a importância do mesmo tanto a nível nacional quanto internacional; além disso, explana a respeito de tópicos da história e da política na época do holocausto. Por meio desta fonte, é possível trazer credibilidade ao relato de Lili Jaffe e situar o ouvinte sobre o período histórico de aprisionamento no campo de concentração nos anos 1944 e 1945 durante todo episódio. O ouvinte consegue compreender a realidade vivida na época, bem como os fatores que levaram à concretização deste acontecimento na cidade de Auschwitz.

Por volta de 06’29”, o *podcaster* insere um trecho retirado do “Programa do Jô” de 2013 para que o ouvinte saiba que o livro que Noemi, filha de Lili, produziu com base no diário foi retratado em outro programa. De 12’35” até 14’15”, Mizanzuk insere algumas locuções da época da morte do rei Alexandre I em 1934. Essa inserção ocorreu devido à fala de Lili Jaffe em momento anterior:

Ivan: Que você lembra da sua vida na Iugoslávia? Como que era?

Lili: Ah, era boa. Era muito boa, antes eu estava ainda criança quando tínhamos reinado... e o rei, mataram o rei Alexander, e o filho ficou no lugar dele, Peter... Tinha uma vida muito boa. (PROJETO HUMANOS, 2015)²

² Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e01/>. Acesso em: 19/10/2018.

Como Lili menciona o rei, o *podcaster* vê a necessidade de situar o ouvinte sobre o acontecimento e, como ele mesmo diz, a intenção não é aprofundar o assassinato de Alexandre I, mas sim contextualizar:

Em nossa conversa, Lili não falou muito sobre esse evento, mas acontece que, como sabemos, a Iugoslávia deixou de existir em 2003, justamente por conta dos inúmeros conflitos de regiões que a compunham. Essa parte da história europeia é bastante complexa e não é de nosso interesse aqui explorar em profundidade. Mas vale mencionar que o rei Alexandre I, ou Alexander que Lili menciona, era da região Sérvia, assim como ela, e foi assassinado em 1934 durante uma visita à França. Seu assassinato, que ocorreu em praça pública, foi filmado e tornou-se notícia no mundo todo (PROJETO HUMANOS, 2015).³

Por conta disso, o ouvinte tem acesso a locuções noticiosas antigas e esse é um recurso utilizado para informar o receptor e também dar credibilidade à fala de Lili.

Em relação às informações extras **(B)**, o *podcaster* menciona no último *off* do primeiro episódio o nome e alguns materiais que ajudaram na elaboração do produtor.

Projeto Humanos é um podcast que visa apresentar histórias íntimas de pessoas anônimas. Ele tornou-se possível graças à ajuda dos padrões do Anticast, que contribuem mensalmente para que nossos programas continuem acontecendo. Se você gostou da nossa proposta e gostaria de ajudar, clique no link do post do Patreon e contribua também. Agradecimentos especiais a Gabriela Giannini, que me ajudou em algumas transcrições; Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba, que me auxiliou com vários pontos da pesquisa sobre o Holocausto; Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, que me ajudou com questões políticas sobre a história da Iugoslávia. Obrigado também a Domenica Mendes, do site Ouvinte Cabuloso, que leu algumas passagens do diário de Lili. E, é claro, não posso deixar de agradecer Lili, Stela e Noemi, que me receberam de braços abertos e cederam seu tempo e memória para que este programa ocorresse. A trilha sonora utilizada é de Kevin Macleod, do site incompetech.com, e do site *Audio Network*. Eu sou Ivan Mizanzuk, vou ficando por aqui. Nos vemos no próximo encontro (PROJETO HUMANOS, 2015).⁴

Ao final, ele disponibiliza alguns *links* para que o ouvinte possa ter acesso a outros materiais. No site do “Projeto Humano”, Mizanzuk disponibiliza o do site do Museu Nacional do Holocausto, e o do Xadrez Verbal, que apresenta conteúdos voltados à política e atualidades. Já na plataforma do *SoundCloud*, o *podcaster* compartilha o *link*, além dos citados, da “Patreon” - forma de contribuição online para o Projeto – e, também, outros

³ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e01/>. Acesso em: 19/10/2018.

⁴ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e01/>. Acesso em: 19/10/2018.

podcasts produzidos por ele. Assim, nota-se que o ouvinte consegue ir além do material oferecido e pode complementar seus conhecimentos a respeito da temática trabalhada, inclusive ter acesso a outros tipos de produção do mesmo produtor.

A respeito da narração e *storytelling*(C), constata-se que o *podcaster* utiliza elementos levantados na parte teórica desta pesquisa como a riqueza de detalhes trazida tanto pelo produtor, repórter e narrador Ivan Mizanzuk, quanto por Lili Jaffe, que resgata sua história com o máximo de elementos possíveis para que o ouvinte consiga imaginar de maneira mais real possível como foi sua experiência no holocausto. Mizanzuk enquanto narrador utiliza de um elemento do *storytelling*, a humanização, ao passo que desperta a empatia no ouvinte acerca do tema. O *podcaster* imerge o ouvinte na sua narrativa, situando-o em espaço, tempo e assunto, e constrói isso à medida que insere trilhas sonoras, efeitos sonoros ou utiliza seu papel de narrador para introduzir e explicar alguns fatos que sustentam a história central. A seguir, foi extraído um trecho da transcrição que ajuda a ilustrar esta análise:

Ivan (narração): Imagine, então, o cenário: uma família judia que não escondia suas práticas religiosas, na Iugoslávia, país que já tinha enormes tensões culturais e que agora ainda tinha que enfrentar um novo inimigo que vinha com força por influência do norte.

Ivan: Como que foi sair da escola? Porque você saiu de lá?

Lili: É, por causa disso. Já começou antissemitismo. Então não foi na outra escola. Foi, um guarda (...) já começou contra judeus.

Ivan: Ou seja, você era judia, família judia, não... nem entravam na escola? Não deixavam entrar na escola?

Lili: Deixaram, mas as crianças mesmo... interessante, as crianças às vezes são piores do que adultos.

Ivan: Sim. E a escola era a única que aceitava os judeus, ou...?

Lili: Não, tinha mais, mas tudo saíram.

Ivan: Todas saíram... Porque não dava mais para ficar?

Lili: Não, não dava para aguentar. Interessante que os iugoslavos não eram antissemitas, mas... eu não sei, o mal puxa o mal. Ficaram também. Então depois, onde eu nasci... morava, pertencia antigamente aos húngaros. Era Hungria. E os iugoslavos depois pegaram esse pedaço, então ficou da Iugoslávia. E, durante a guerra, os húngaros pegaram de volta esses pedaços. Então, já era antissemitismo húngaro.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA) (PROJETO HUMANOS, 2015).⁵

Sonoplastia como informação (D) se faz presente em vários momentos do primeiro episódio. As trilhas sonoras variam durante o material, cada uma delas se relacionam com o

⁵ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e01/>. Acesso em: 19/10/2018.

tipo de informação que acabou de ser comentado ou que virá. Além disso, as trilhas servem para que o ouvinte consiga absorver todo o conteúdo sem ficar cansativo e tedioso. Em um minuto de produção, insere-se uma trilha sonora de abertura, que foi utilizada posterior à narração de Mizanzuk em que relata brevemente a temática central da temporada. Esta trilha permite que o ouvinte compreenda o início do episódio. Percebe-se que nenhum recurso sonoro foi utilizado de maneira aleatória, todos eles foram utilizados para formar a narrativa do primeiro episódio para que não fosse um produto apenas com as entrevistas e narração, o que tornaria a produção menos atrativa.

Por volta de 03'04'', a trilha sonora indica uma pausa na conversa entre Mizanzuk e Jaffe, o recurso foi utilizado, porque à frente, o *podcaster* insere a entrevista da fonte Carlos Reiss. Este elemento permite que o ouvinte compreenda a mudança de entrevistado na produção. Após a primeira participação de Reiss, o *podcaster* utiliza outra trilha sonora curta, mas com tom dramático e isso possibilita que o ouvinte entenda toda carga emocional da história do holocausto, situada por Reiss e que será desenvolvida durante o episódio.

Nos 22 minutos e 25 segundos aproximadamente, apresenta-se uma trilha sonora também curta, que segmenta o bloco de conversa do narrador Mizanzuk, Jaffe e Reiss. Este som permite que o ouvinte entenda o clima de tensão acerca da última fala de Jaffe a respeito do início do antissemitismo húngaro, além de possibilitar que o espectador tenha uma pausa no episódio para que consiga absorver tudo o que foi falado anteriormente e a relação dos fatos.

Cerca de 25 minutos e 34 segundos, nota-se uma trilha sonora que desperta tristeza, este elemento foi utilizado para segmentar a fala de Jaffe e a próxima sonora que era a leitura de um trecho do diário da personagem principal.

Por volta de 37'35'', uma trilha sonora de caráter dramático é inserida e interrompida subidamente, como aparece na transcrição. Este elemento permite que o ouvinte se sinta instigado para saber o que virá depois da fala de Jaffe “No outro lado. Eles... eles deixaram virar, mas no fim, acho que ele ficou doente, ele... talvez mataram.”, já que depois da trilha, Mizanzuk comenta a respeito do próximo episódio, indicando que o primeiro se encerrou. O elemento permite uma criação de expectativa no ouvinte para que este se sinta atraído e curioso para a próxima produção. Após sua narração, o *podcaster* insere a trilha sonora de encerramento do episódio, coloca ainda mais um *off* de agradecimento a todos que contribuíram para a realização do conteúdo e encerra o episódio com a mesma trilha.

4.2.2Episódio 2 – “O trabalho liberta”

Este episódio contém 1 hora e 11 minutos e aborda como era o campo de concentração em Auschwitz desde a estimativa de pessoas que viveram o horror da guerra até como se davam as divisões entre homens, mulheres, adultos e crianças. Nele, foram encontradas todas as categorias de análise elencadas, que são explicadas, uma a uma, a seguir.

No que diz respeito às fontes, item (A), as duas fontes principais do material se repetem: Lili Jaffe, o diário escrito pela protagonista da narrativa e Carlos Reiss, coordenador geral do Museu do Holocausto de Curitiba. Com a leitura de alguns excertos do diário, é possível ter noção detalhada do que a sobrevivente viveu com sua família e, assim entender como ocorriam as separações das famílias e o que acontecia com essas pessoas dentro do campo de concentração. A seguir, um trecho do diário:

Auschwitz, 4 de junho de 1944. Mandaram-nos sair dos vagões sem os pacotes. Separam homens e mulheres. Papai com meu irmão, nós cinco numa outra fileira. Mamãe, minha priminha de 4 anos, meu primo de 8, e eu. Fila longa. Ouvimos um alemão gritar de longe: ‘Direita! Esquerda!’ Quando chegamos mais perto, mamãe escondeu-me debaixo do casaco dela, que ainda possuía, tentando evitar que nos separassem. Chegamos até o primeiro alemão. Mandou-nos ir para a esquerda. Um outro nos examinou e nos deixou passar. Mas o terceiro ordenou que eu fosse para o lado direito (PROJETO HUMANOS, 2015).⁶

A participação de Carlos Reiss é utilizada neste caso para sustentar os fatos descritos por Lili; com a fala do coordenador do Museu, é possível credibilizar todos os escritos da iugoslava judia. Logo, as falas de Reiss aparecem para sustentar e esclarecer historicamente todas as situações colocadas em voga durante o material. O trecho retirado da fala do coordenador do museu é inserido após a leitura do primeiro trecho destacado no parágrafo anterior do diário.

Normalmente, as pessoas que eram separadas de um lado, que não tinham capacidade física para o trabalho, no caso de Auschwitz, eram enviadas muitas vezes nos próprios caminhões, que iam pro outro lado do campo. E ali deixavam seus pertences. E eram assassinadas ali mesmo, naquele mesmo dia. E os outros eram realocados dentro desse grande complexo pra aqueles que iriam trabalhar em alguma fábrica, alguma obra próxima. Fábrica de munições, fábricas de qualquer coisa. De panela, de cinto, de armas. A mão-de-obra escrava. E outros eram realocados para alguma outra parte do campo, para aguardar uma próxima ordem. E essa próxima ordem muitas vezes era deportação pra um outro campo, onde se precisava de mão-de-obra. Então, se desenvolveu um sistema muito bem executado de seleção, de separação de pessoas. Isso no caso de Auschwitz, no caso desse complexo

⁶ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e02/>. Acesso em: 19/10/2018.

tão grande, isso aconteceu durante muito tempo (PROJETO HUMANOS, 2015).⁷

Percebe-se que a fala de Lili é mais descritiva, ilustra a divisão que ocorria no campo de concentração, já a de Reiss complementa o raciocínio trazendo a causa da divisão e qual era o objetivo de separar as pessoas. Nota-se durante o episódio, por meio das fontes selecionadas, dois aspectos importantes para uma produção jornalística de qualidade, informação e credibilidade, mas ainda não suficientes no que tange o formato documentário, já que este formato, como mencionado no capítulo anterior, exige maior número de fontes, para que o material seja explorado através de vários posicionamentos.

Analisando a segunda categoria, **(B)** informações extras, Mizanzuk traz um trecho de áudio do documentário “O anjo da morte”, que aborda a Segunda Guerra Mundial e a dominação do nazismo na Europa. Também conta sobre Joseph Mengele, que selecionava pessoas do campo de concentração para seus experimentos. Este trecho é para complementar a fala de Carlos Reiss, em que cita o Joseph Mengele para falar a respeito da separação no campo de concentração, como era feito esse processo e qual a finalidade.

Também, como informação extra, o *podcaster*, ao final do episódio, agradece os parceiros que contribuíram para o material ir ao ar e menciona produções dessas pessoas.

O Projeto Humanos é um podcast que visa apresentar histórias íntimas de pessoas anônimas. Ele tornou-se possível graças à ajuda dos patrões do Anticast, que contribuem mensalmente para que nossos programas continuem acontecendo. Se você gostou da nossa proposta e gostaria de ajudar, clique no link do post do Patreon e contribua também. Agradecimentos especiais à Gabriela Gianinni, que me ajudou em algumas transcrições; Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba, que me auxiliou com vários pontos da pesquisa sobre o holocausto; Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, que me ajudou com questões políticas sobre a história da Iugoslávia. Obrigado também à Domenica Mendes, do site Ouvinte Cabuloso, que leu algumas passagens do diário de Lili. E é claro, não posso deixar de agradecer Lili, Stella e Noemi, que me receberam de braços abertos e cederam seu tempo e memória para que este programa ocorresse. A trilha sonora utilizada é de Kevin Macleod, do site incompetech.com e do site *Audio Network*. Eu sou Ivan Mizanzuk e vou ficando por aqui. Nos vemos no próximo encontro.

Além disso, disponibiliza o *link*, no *SoundCloud*, para a compra do diário de Lili, o da contribuição para a manutenção do *podcast*, do Xadrez Verbal, do Museu do Holocausto de Curitiba e de algumas produções de Mizanzuk para que o ouvinte possa se situar e acessar os materiais. Já no site do projeto, o *podcaster* disponibiliza diretamente dois *links*, do Museu do

⁷ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e02/>. Acesso em: 19/10/2018.

Holocausto de Curitiba e do Xadrez Verbal. No site, há os nomes juntamente com os perfis de redes pessoais de quem transcreveu, editou e revisou o conteúdo.

Quanto à narração e *storytelling* (C), o material apresenta características mais descritivas, já que traz trechos do diário de Lili que dispõe da riqueza de detalhes. A intenção do episódio é situar o ouvinte em relação ao campo de concentração e, para isso, o *podcaster*, juntamente com as fontes selecionadas, possibilita que o ouvinte imagine como era o campo de concentração e consigam enxergar o cotidiano do povo judeu nas mãos dos nazistas. A narração se prende aos detalhes, para que construa, por meio do som, determinada imagem. O Mizanzuk, como entrevistador, se direciona tanto a Lili quanto a Reiss de forma que eles possam destrinchar ainda mais as situações que falam que fique claro para o ouvinte do *podcast* como era a vida naquele período. Pelos trechos de Lili Jaffe e Carlos Reiss já selecionados referentes a este episódio, percebemos essas características de riquezas em detalhes, escrita em primeira pessoa, por se tratar do diário, e uma construção típica do *storytelling* que é o apego aos detalhes. Além do mais, Mizanzuk consegue relacionar os episódios, de forma que o segundo seja uma continuação clara do primeiro, a história é construída de forma coesa e não com abordagens aleatórias.

Para ilustrar como o *podcaster* intermedia essas situações, destacamos o trecho abaixo:

Ivan (narração): Olá, pessoal. Aqui é Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos. Histórias reais sobre pessoas reais. Neste segundo episódio de “As Filhas da Guerra”, retomamos o ponto de onde paramos. Lili chegou em Auschwitz, e lá passou pelo processo de separação de prisioneiros.

Ivan: Eles estavam separando como? crianças, adultos...?

Lili: Crianças, velhos...

Naomi: Homens, mulheres.

Lili: É. Homens para um lado, jovens para o outro lado.

Ivan: Aí, você foi separada da sua mãe?

Lili: É.

Ivan: Você ficou sabendo do que aconteceu com ela, depois que separou?

Lili: Ah, depois a gente soube que tem crematório.

Ivan: Mas você não viu mais ela, foi a última vez que você viu a sua mãe, foi aquela vez?

Lili: Isso.

Ivan: E o seu pai, já tinha...?

Lili: No outro lado. Eles deixaram ele virar, mas, no fim, acho que ele ficou doente. Ele, também mataram.

Ivan: Como que eram separadas as pessoas nos campos de concentração? Então, por exemplo, a pessoa chegou lá. Qual que ia ser já a triagem para ver onde que ela ia, por exemplo, em Auschwitz?

Carlos: Bom, o caso de Auschwitz é um caso específico.

Ivan (narração): Novamente, Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba.

(PROJETO HUMANOS, 2015).⁸

A sonoplastia como informação **(D)** se faz presente neste episódio à medida que as trilhas sonoras condizem com o sentimento expressado durante a história. Algumas fecham pensamentos e outras são utilizadas como gancho para as próximas. No início do episódio, a trilha remete a tambores, sons compassados que fazem o ouvinte imaginar que vem pela frente uma situação de tensão. Por volta dos 15 minutos, a trilha se constituiu com um barulho longo que também retoma a sensação da primeira, situação de tensão e tristeza. Por volta dos 24 minutos, há a leitura de um trecho do diário que conta um momento em que as mulheres foram colocadas em um Bloco - construção de madeira denominada assim - e lá, elas sentiam frio e dividiam pouca quantidade de comida entre muitas. Logo depois, é apresentada uma trilha que apresenta ruídos, barulho, o que faz o ouvinte imaginar um lugar cheio de pessoas em situações desagradáveis.

Percebemos algumas estratégias utilizadas por Mizanzuk para causar mais impacto, na transcrição podem-se encontrar alguns elementos: **“(FADE IN DE TRILHA SONORA, QUE CESSA ABRUPTAMENTE COM UM SOM DE IMPACTO); (EFEITO SONORO DE PULSAÇÃO LENTA E GRAVE) e (EFEITO SONORO GUTURAL DE PULSAÇÃO GRAVE)”**. Todos estes elementos colaboram para que o ouvinte tenha sensações e emoções a respeito do assunto tratado durante o episódio.

4.2.3 Episódio 3 – “A profecia”

O terceiro episódio tem 27’25” e consiste em abordar a história do fim da Guerra e o desenrolar da vida de Lili Jaffe depois de viver no campo de concentração.

As fontes **(A)** utilizadas foram a própria Lili, excertos do seu diário, com participação de sua filha Noemi e entrevista com o Carlos Reiss. Mais uma vez as fontes repetem. O coordenador do museu aparece em apenas um momento, por volta dos 6’ do episódio, e que se desenvolve acerca da estimativa do número de mortos no holocausto, 6 milhões. Para comprovar sua fala, cita o Museu do Holocausto em Jerusalém, que desde os anos de 1950,

⁸ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e02/>. Acesso em: 19/10/2018.

por meio de fichas - que podem ser preenchidas por vítimas, familiares, amigos ou conhecidos - tenta resgatar estes dados. O diário de Lili serve como fonte à medida em que ajuda a ilustrar e compreender o período do holocausto, bem como sua experiência. Noemi tem seu espaço neste episódio complementando informações que às vezes a mãe não comenta e também no momento, por volta dos 13, 14 minutos, em que descreve e lê trechos de uma história fictícia, produzida por ela mesmo, mas baseada em fatos reais. O centro da história é uma personagem judia que realmente viveu em um campo de concentração, mas Noemi não conhece de fato sua história.

Acredito que por falar sobre o fim da guerra, o *podcaster* poderia ter trazido outras fontes além do coordenador do Museu do Holocausto para abarcar outra visão sobre o fim da guerra e o impacto que isso teve para os países envolvidos. O episódio ficou concentrado mais no abalo que esse momento teve para Lili sem uma contextualização histórica mais detalhada e enriquecedora para que os ouvintes pudessem compreender o período com fontes diferentes.

No quesito **(B) informações extras**, assim como nos outros episódios, o *podcaster*, agradece os parceiros que contribuíram para o material ir ao ar e menciona produções dessas pessoas. Disponibiliza no site o *link* do Museu do Holocausto, do Xadrez Verbal, do site de colaboração para a produção e outros materiais produzidos por ele mesmo, bem como os *link* dos perfis das pessoas que transcreveram, editaram e revisaram o material. Já no *SoundCloud*, o *podcaster* compartilhou, além dos *links* do site, a rede social da filha de Lili, Noemi, o site para compra do diário e outros materiais produzidos pelo próprio *podcaster*. Novamente nota-se que Mizanzuk utiliza da internet para compartilhar outros materiais que possam agregar o conhecimento dos ouvintes.

A **(C) narração e storytelling** se fazem presente com aspectos descritivos, rico em detalhes, que permitem que o ouvinte crie na sua mente imagens do que é narrado. A leitura dos excertos juntamente com a entrevista espontânea de Lili é um fator importante para que o ouvinte consiga situar no tempo e espaço, já que o diário não foi escrito na mesma época que o *podcast* foi disponibilizado. Assim sendo, quem ouve consegue notar o que Lili sentia e vivia na época do holocausto e como ela enfrenta e convive com esse momento marcante na sua história.

Mizanzuk conduz a entrevista explorando detalhes e também, enquanto narrador, antes de algumas falas de Lili, Carlos Reiss ou da leitura de um trecho do diário, contextualiza a situação, como nestes exemplos: 10'32": "Agora na Suécia, alimentada e aquecida, o horror das experiências do campo podiam até ter ficado para trás, mas suas consequências ainda tinham que ser descobertas.". Logo após essa fala, conta um pouco sobre o destino de seus

familiares e adiante, o *podcaster* utiliza de seu lugar como narrador para que o ouvinte possa imaginar uma situação:

“Por um minuto visualize essa situação. Um dia você está em casa com sua família, amigos, sua rotina normal. De repente, do dia para a noite, tudo isso é retirado de você, com base puramente no ódio que o governo tem pelo seu grupo. E, ao finalmente retornar para casa, você descobre que seus pais, diferente de você, não voltaram.” (PROJETO HUMANOS, 2015).⁹

Isso propicia que o ouvinte fique mais imerso e consiga se aproximar da narrativa visualizando detalhes e interpretando de maneira mais real todas as situações expostas. Para compreender outros momentos em que o *podcaster* utiliza da posição quanto narrador para ligar os assuntos durante o episódio, basta se atentar na transcrição em anexo, as falas de Ivan que aparece da seguinte forma: **“Ivan (narração)”**.

O segundo episódio contém o elemento **(D)** sonoplastia como informação cujo *podcaster* utiliza de efeitos e trilhas sonoras que servem para abrir o episódio, complementar falas, dividir assuntos e encerrá-los. Os sons também provocam reações e sentimentos no ouvinte. A seguir, a explicação da categoria.

Por volta dos 49’’, inicia a trilha sonora com sons que lembram tambores e que remetem um clima de tensão. Logo em seguida, começa a leitura de um trecho do diário de Lili. Logo após a leitura, é executado a mesma trilha, dando o mesmo sentido do que o já mencionado.

Cerca de 2’09’’, há a leitura de um trecho do diário que comenta o anúncio da morte de Hitler, em seguida, **“(EFEITO SONORO DE ESTAMPIDO SEMELHANTE A TIRO)”** esse som é utilizado para complementar a fala.

Em 3’20’’, Lili conta que os alemães que estavam no campo de concentração também não tinham comida; então, os judeus pediram que os matassem, mas uma alemã disse que haviam pedido ajuda da Cruz Vermelha, mas que se a eles não chegassem até a noite, eos matariam, mas chegaram. Depois disso, o efeito inserido pelo *podcaster* é: **“(EFEITO SONORO DE PULSAÇÃO LENTA E GRAVE)”** e esse recurso cria no ouvinte um sentimento de alívio, porque eles iriam melhorar suas condições de sobrevivência e estavam salvos pela Cruz Vermelha.

⁹ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e03/>. Acesso em: 19/10/2018.

Aos 10', há o trecho em que Lili conta sobre sua vontade reencontrar seus familiares e a respeito de seus planos para o futuro. Logo após é inserido uma trilha calma, com barulhos que remetem a brinquedos de criança, o que desperta no ouvinte a sensação de um recomeço.

Aos 13'40, o *podcaster* insere uma trilha calma, porque, em seguida, virá a leitura de uma história criada pela filha de Lili, Noemi, que conta a vida de uma judia. A trilha serve como divisor de assuntos durante a produção. Logo após, há novamente a execução da trilha, dividindo o trecho das próximas falas de Noemi.

Em 16'44, insere-se trilha sonora para dividir o momento de Noemi e retomar a história de Lili, que, de modo tranquilo e com ritmo longo permite que o ouvinte entenda o fim de um assunto.

Aos 25'48'', é feita a inserção de uma trilha sonora que curta, usada como uma segmentação, já que a história do segundo episódio se encerra e as próximas falas dizem respeito ao próximo episódio e agradecimentos. Logo após, insere-se novamente a trilha utilizada na abertura do programa para encerrá-lo.

O ritmo das músicas inseridas, bem como os efeitos sonoros, provoca no ouvinte algumas sensações como descrito acima. Estes elementos corroboram para uma narrativa menos tediosa e mais atrativa, além de permitir a coesão de assuntos e fontes não apenas por texto. Para um episódio de 27', menor que os outros, penso que a quantidade de trilhas usadas e a forma em que foram inseridas cumpre o papel de construir sentido no episódio.

4.2.4 Episódio 4 - “As filhas da Guerra”

O episódio tem duração de 32'36'' e se desenvolve em torno de como Lili e seu marido contam a história de vida no campo de concentração para seus familiares.

As fontes (A) neste episódio continuam sendo Lili, suas filhas e Carlos Reiss. As falas de Lili percorrem toda produção, já Reiss aparece por volta de 2'57'' até 5'07'' comenta sobre relatos dos sobreviventes que em sua maioria não apresentam discursos de ódio, esclarece que as vítimas do holocausto tentam combater toda violência sofrida com amor, mas um ponto interessante é que as gerações próximas sentem muito mais inquietação do que as próprias vítimas.

Como o episódio se desenvolve na forma de como Lili e seu marido transmitiram as histórias para seus familiares, penso que o *podcaster* poderia trazer de maneira breve outros exemplos de sobreviventes do holocausto que também tiveram que lidar com esse momento

de conversar sobre uma temática pesada com quem possuem uma relação de amor e carinho. Acredito que dessa forma, o ouvinte conseguiria ter melhor percepção do que Reiss relata em sua entrevista de que já ouviu outras histórias que os filhos tiveram sentimentos diferentes dos pais em relação ao modo em que estes foram tratados antes de construírem uma família.

As informações extras **(B)** estão baseadas nos *links* dos sites do Museu do Holocausto e Xadrez Verbal, agradecimentos aos colaboradores diretos e indiretos, *links* dos perfis de redes sociais dos colaboradores de transcrição, edição e revisão. No *SoundCloud* o *podcaster* sugere outros conteúdos do produtor Mizanzuk, e, além dos mesmos compartilhamentos do site do projeto, o *podcaster* disponibiliza o twitter de Noemi e outras produções dele mesmo. Os ouvintes podem ter acesso a outros materiais e buscar outros conhecimentos tanto acerca da história do holocausto quanto a diferentes produções de variadas temáticas.

Quanto à **(C)** narração e *storytelling*, o episódio inicia com a narração de Mizanzuk que contextualiza o foco da história neste momento. Por volta de 2’36’’, o *podcaster* insere uma fala pessoal do que o surpreendeu durante a conversa com Lili já nos minutos iniciais, que foi a “ausência de ódio”. Isso permite que o ouvinte entenda a relação de proximidade entre o *podcaster* e os entrevistados, além de gerar reflexão sobre o tema a ser tratado no episódio.

Mizanzuk comenta ainda que outros relatos de sobrevivente isso também se fez presente e introduz a próxima entrevista que é com Carlos Reiss. Este adendo do *podcaster* faz com que o ouvinte também se coloque em uma posição reflexiva acerca de tudo que já ouviu a respeito do holocausto e como interpreta toda essa história. Mais uma vez o ouvinte consegue se sentir próximo do narrador e por consequência, da narrativa.

Por volta de 05’06’’ o narrador, a partir de sua fala, conecta o assunto da entrevista com Carlos Reiss a respeito da relação entre pais e filhos que viveram a guerra e seu foco de entrevista, que é a relação entre Lili e suas filhas: “Mas eu me perguntava como será que suas filhas encaravam isso. Especialmente a Noemi, que se esforçou tanto em publicar o diário da mãe.”. Isso permite que o ouvinte não fique perdido em relação ao próximo momento do episódio e também entenda as inquietações do *podcaster*, bem como o que o levou a fazer determinadas perguntas ou abordar alguns pontos específicos da história de Lili com a filhas.

Mizanzuk também utiliza seu espaço de narrador para explanar falas dos entrevistados; isso propicia maior clareza do ouvinte a respeito da participação da fonte e ainda, corrobora para compreender que o *podcaster* optou por trazer os trechos das entrevistas de maneira espontânea. Pode-se compreender isso com esse trecho, em 09’27’’, em que

organiza a fala de Stela, outra filha de Lili: “Ela disse que depois que o Aaron castigava a Stela, ele entrava no quarto e chorava.”

Por volta de 19’35”, o narrador, depois de ouvir os relatos das filhas Noemi, Jane e Estela sobre a situação que os pais vivenciaram, Mizanzuk faz um breve comentário sobre o que essas falas representam e expressa sua opinião acerca do próprio material coletado. Isso permite que o ouvinte compreenda as impressões do *podcaster*, além de conseguir prever minimamente como será o encaminhamento posterior das entrevistas.

O que percebemos com esses relatos, então, é que nem mesmo os próprios sobreviventes tinham noção do que havia sido o holocausto como um todo. Havia tanta dor, sofrimento e até dificuldades de comunicação, que apenas anos mais tarde, que o assunto passou a ser debatido, mais inclusive pelos seus filhos e especialmente netos, refletir sobre o tema tornou-se tarefa deles, gerando grandes diferenças de percepção emocional (PROJETO HUMANOS, 2015).¹⁰

Na última sonora de Mizanzuk, o *podcaster* conclui, por meio de uma narrativa detalhista, com o que foi abordado no episódio, bem como o que será explorado no próximo e, ainda, é um narrador em primeira pessoa que se coloca como um aprendiz da história, numa narrativa mais intimista e próxima do ouvinte. Esse recurso instiga a escutar o próximo episódio, bem como retomar tudo o que foi tratado anteriormente, afim de que o espectador já consiga conectar o que acabou de ouvir com o que virá no próximo episódio.

A filha que se esforça em explicar as diferenças sobre a maldade para a própria mãe, que presenciou o mal em pessoa. Como se pegassem sua mão e a acompanhassem pelos sentidos da vida que passou. Uma maneira de lidar com a própria herança que lhe foi dada. E assim como Lili até hoje busca entender as diferenças entre os tipos de maldade, nós mesmos, como raça humana, parece que estamos constantemente aprendendo. E muitas vezes, parece que não fomos capazes de tirar nenhuma lição que o tempo nos deu. Afinal, seria muito cômodo falarmos que o antissemitismo acabou. Ou que nunca mais o holocausto irá acontecer, seja com judeus ou com qualquer outro grupo. Mas, infelizmente, essa não parece ser a realidade. E um pequeno exemplo disso, Se pesquisarmos no Google, por exemplo, sobre o holocausto, não é incomum encontrarmos pessoas que argumentam que ele nunca existiu. Mas ao ouvir um relato como o de Lili e de tantos outros sobreviventes, que tiveram suas vidas destruídas por puro preconceito, essas ideias incomodam. Naquela tarde que conversamos, eu as indaguei sobre isso. É uma coisa que eu sempre quis conversar com um sobrevivente. O que você pensa sobre pessoas que defendem que o holocausto nunca aconteceu? E é sobre isso que falaremos no próximo programa (PROJETO HUMANOS, 2015).¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e04/>. Acesso em: 19/10/2018.

¹¹ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e04/>. Acesso em: 19/10/2018.

A respeito da **categoria (D) sonoplastia como informação**, é interessante ressaltar que o *podcaster* optou por, durante as entrevistas, deixá-las o mais natural possível para que o ouvinte possa perceber a espontaneidade dos entrevistados e da conversa entre eles, além de dar a sensação de que quem ouve está participando daquela conversa, é o que acontece nestes trechos: “**Lili:** O que é... A gente nem sabia que é alegria (risos ao fundo).”; “**Stela:** Sou Stela Jaffe de Lima Forte, tenho 64 anos e sou avó (risos). Hoje sou avó (risos). Não sou mais nada, sou avó.”; “**Stela:** É, teimosa. E ele falava “faz isso” e eu falava “não faço”, “faz!” “não faço”. E ele adorava pegar o cinto, dobrar e esticar. (risos ao fundo). E isso era uma... eu me lembro que eu defendia virando a cadeira, tipo leão e domador.”.

Nota-se também que neste episódio há uma presença menor de trilhas sonoras, que se fazem presente no final do *podcast*. Pela duração do episódio, 32’36”, a quantidade não interfere na qualidade produção do material, nem da construção da narrativa.

A primeira trilha, que inicia aos 22’34”, apresenta um som melancólico, o que leva o ouvinte a refletir sobre toda a produção do quarto episódio, já que durante todo “As filhas da Guerra”, o ouvinte ficou centrado nas sonoras de Lili e suas filhas, sem nenhuma interrupção da trilha. Aqui seria então o momento que, depois de ouvir todos os relatos, o ouvinte possa absorver todo o conteúdo. Também, a trilha serve para segmentar os conteúdos, haja vista que anteriormente fora colocado todos os relatos e, depois de 22’34”, a filha de Lili, Estela, explica sobre a carga que têm na expressão “filhos da guerra”, aqueles que sentem o impacto da guerra em pessoas tão próximas e que junto aos pais, evoluem.

A segunda trilha é a padrão de finalização do episódio inserida aos 31’25, seguida do *off* de agradecimento e executada novamente aos 32’36”: “Lili: Não, mas interessante que, como que o sentimento, se você ouve uma coisa triste, sente, sente como ele balança. Não, não é como ele. Mas sente raiva e sente. E eu que estava dentro? É diferente mesmo.”

4.2.5 Episódio 5 - “O que Aprendemos?”

As fontes **(B)** selecionadas neste episódio, além de Lili e suas filhas, são: Filipe Figueiredo, do *podcast* Xadrez Verbal, e Carlos Reiss, do Museu do Holocausto. Figueiredo aparece no episódio por volta dos 5’20”, explicando sobre os tipos de negacionistas que criam teorias de que o holocausto não existiu e como eles conseguem convencer outras pessoas. Durante o episódio, ele também apresenta dados e conteúdos históricos que explicam a dureza da guerra, do nazismo e suas consequências.

Nota-se que só no último episódio foi inserido uma fonte diferente dos outros quatro. O ponto positivo é a utilização de outra pessoa, além de Reiss para comentar acerca dos negacionistas, mas o ponto negativo é que por se tratar de um historiador, o *podcaster* poderia ter utilizado em outros episódios para equilibrar as falas de Lili, de suas filhas e do coordenador do Museu. Figueiredo trata de um assunto peculiar que é a contraposição de opiniões acerca do holocausto, a sensação que dá é que essa fonte tem conhecimento a respeito da temática e poderia ter contribuído mais na construção da narrativa da primeira temporada em si.

As informações extras **(B)** seguem o mesmo parâmetro dos outros episódios no site, compostas por *links* do Museu do Holocausto, *podcast* Xadrez Verbal, além de marcar as redes sociais dos colaboradores que fizeram a transcrição do episódio. Também no *SoundCloud* é seguido o mesmo padrão, com o twitter de Noemi, site para compra do diário, *link* para o depósito de colaboração financeira e outras produções do *podcaster*. Assim, é possível que os ouvintes tenham contato extra com outras pessoas que ajudaram a produzir o conteúdo, bem como a diferentes materiais.

A categoria **(C)** narração e *storytelling* também se faz presente durante este episódio. O material trata toda a história do holocausto com detalhes e apresenta dados e informações a respeito de relatos que vão contra essas experiências. O *podcaster*, como narrador, neste episódio, tem a função de conectar entrevistas, assuntos e se posiciona em alguns momentos. Aqui, como nos outros episódios, Mizanzuk trabalha com a descrição já que o cerne do episódio é como Lili se sente ao saber que existem pessoas que não acreditam em tudo que ela viveu e isso, mais uma vez, remete aproximação entre o *podcaster* com as fontes e proximidade do ouvinte com toda a narrativa.

Logo nos minutos iniciais, Mizanzuk introduz o assunto a ser tratado no episódio. Além disso, traz um fato pessoal que é a sua relação com seu pai, que se interessava por assuntos da guerra e que chegaram a fazer grandes discussões a respeito do holocausto dada a quantidade de documentos históricos dispostos e que não entendiam como isso era possível. Esse recurso, gera no ouvinte a reflexão já que leva-o a pensar, mais uma vez, em tudo que sabe a respeito do holocausto, bem como ter a empatia de se colocar no lugar da sobrevivente Lili Jaffe.

Ivan (narração): Olá, pessoal. Aqui é Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos. Histórias reais sobre pessoas reais. Este é o último episódio da nossa primeira temporada “As filhas da guerra”. Mas já adianto que no final do programa trarei algumas surpresas que podem interessar a vocês ouvintes. Mas enquanto não chegamos lá, temos que terminar nossa história com Lili. E para continuarmos de

onde paramos, eu gostaria de falar algumas coisas sobre mim. Meu pai, depois de muitos anos, decidiu fazer faculdade. Era algo comum para pessoas da minha geração, que hoje tem em torno de 30 anos, os pais fazerem faculdade só depois de estarem estabilizados em suas carreiras. Como ele sempre gostou de história, foi o curso que acabou fazendo, já na casa dos 40. E o tema predileto dele sempre foi guerras, especialmente a Segunda Guerra Mundial. O resultado disso é que, durante toda a minha vida, eu assistia com ele filmes, documentários, conversávamos... E quando surgia o tema Holocausto, era sempre um assunto que vinha acompanhado de toda a carga emocional que exige. Sempre pensávamos como que é possível que as coisas tenham chegado a tal ponto. Não somos judeus e, como já expus no episódio passado, sempre fomos homens brancos, héteros, classe média, com formação cristã. Ou seja, com todos os privilégios que o mundo podia oferecer. Aceitar que um horror daquele tamanho possa ter acontecido era algo inconcebível e sentíamos por todas as vítimas. Em outras palavras, o Holocausto sempre foi um dado histórico cujos pesos da documentação existente ressoava até em nós que supostamente não tínhamos nada a ver com isso. Mas então veio a internet (PROJETO HUMANOS, 2015).¹²

Por volta de 3'40'', o *podcaster*, como narrador, discorre acerca de conteúdos disponibilizados na internet e que vão contra a existência do holocausto. De acordo com Mizanzuk, esses materiais despertam em quem consome a sensação de que descobriu uma falha na história e isso provoca uma sensação de sagacidade elevada, de maneira que quem lê ou ouve algum material se sente superior à outra pessoa por ter descoberto materiais que confrontam o holocausto. Ressalta ainda que sua conversa com Lili pôde ajudá-lo a compreender o sentimento de uma pessoa que vivenciou todo o holocausto em frente a comentários que negam isso:

No total, esse vídeo tem mais ou menos uma hora de duração. Mas há incontáveis vídeos com esse tema. Se vemos a quantidade de sites com esse objetivo, os números tornam-se incalculáveis. Como toda teoria da conspiração, essas narrativas de que o Holocausto não aconteceu são muito sedutoras. Na minha opinião, atraem por apenas um motivo. Nos dão a sensação de que descobrimos alguma verdade oculta, que somos mais especiais, inteligentes e, portanto, melhores, mais lúcidos e iluminados. Estamos acima da humanidade. Mas como geralmente brincamos em estudos históricos, as teorias da conspiração fazem tanto sentido que só podem estar erradas. Não é possível exigirmos bom senso ou lógica da humanidade. Eu não sei quanto a vocês, mas digamos que eu sofri algum tipo de violência. Tipo, eu fui assaltado, sequestrado ou algo assim. Digamos que eu conte isso para alguém. Se essa pessoa não acreditar em mim, no meu sofrimento, por menor ou maior que seja, eu me sinto muito irritado. Como se sentiria então alguém que passou por um horror tão grande como o Holocausto, ao ser confrontado com ideias desse tipo? Desde aquela minha experiência no Orkut, quando encontrei pela primeira vez a versão de que o Holocausto nunca teria acontecido, eu sempre tive vontade de perguntar para algum

¹²Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e05/>. Acesso em: 19/10/2018.

sobrevivente o que eles achavam sobre isso tudo. Com Lili eu pude fazer isso. Mas antes eu precisava conversar com alguém que entendesse melhor sobre o assunto... (PROJETO HUMANOS, 2015).¹³

A sonoplastia como informação(D) se faz presente também neste último episódio e, a seguir, serão analisados esses elementos.

A primeira trilha, a de abertura, aparece após seu primeiro *off* introdutório é breve e marcada por três barulhos que levam o ouvinte a entender a continuação da história, já que em seu *off* introdutório, Mizanzuk termina com a frase “Mas aí veio a internet”, a trilha faz alusão algo que terá continuação. Logo após, o *podcaster* cita a rede social Orkut e explica que em um grupo desta rede social, um membro não acreditava na ocorrência do holocausto.

Depois de sua narração a respeito do Orkut, por volta de 2’25’’, o *podcaster* insere um clipe de áudio de um vídeo do YouTube que mostra outros depoimentos contrários à existência do holocausto. Esta inserção permite que credibilizar a fala de Mizanzuk e toda temática desenvolvida durante episódio, que é negação do holocausto. Cada trecho de áudio é separado por um efeito sonoro de “clique”.

Outra trilha curta com um som longo e contínuo que é executada, por volta de 10’32’’ serve para segmentar informações. Antes, Mizanzuk conversava com o Filipe, do Xadrez Verbal, depois disso, a fonte entrevistada é o Carlos Reiss do holocausto, A trilha serve para dividir estes momentos.

Após a fala de Reiss, outra trilha é inserida, com toques calmos e melancólicos de piano, que serve tanto para outra segmentação, já que os próximos minutos de fala serão de Figueiredo, quanto para denotar a carga de tristeza da entrevista com Reiss sobre o que ele diria se conversasse com alguém que nega o holocausto.

Por volta de 10’40’’, é introduzida um fundo de trilha sonora em baixo volume na entrevista de Figueiredo, já que durante sua fala, percebe-se um teor de nervosismo por saber que existem pessoas com pensamentos contrários à existência do holocausto. Esta trilha segue até o final de sua fala e o volume é aumentado, concluindo a participação de Figueiredo naquele momento e dando espaço para outra parte de entrevista com Lili Jaffe.

Por volta de 49’’, é inserido uma trilha sonora com o toque doce, remetendo ao ouvinte algo relacionado à lembranças e ao passado. Depois da trilha, Mizanzuk pergunta a Estela, filha de Lili, qual a lembrança boa que ela tinha do pai e em sua resposta, a trilha volta

¹³ Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/as-filhas-da-guerra/s01e05/>. Acesso em: 19/10/2018.

em volume mais alto. Depois, Estela, em uma narrativa detalhista discorre mais sobre suas lembranças com seu pai. A trilha sonora retorna.

Por volta dos 57'23'', insere-se uma trilha sonora ao toque de um piano que inicia em volume mais alto e acompanha a narração de Mizanzuk a respeito de sua volta para casa depois da entrevista com Lili. A trilha é longa e encerra em 58'41'', depois de sua fala, o que desperta no ouvinte um tom melancólico e dramático.

A última trilha é a padrão quando se encerra os episódios; ela abre os agradecimentos do *podcaster* a respeito da produção da primeira temporada e encerra a o episódio.

A categoria sonoplastia como informação **(D)** contempla bem toda 1 hora e 06 minutos de duração, por meio delas a narrativa se torna mais leve e atrativa e, assim como nos outros episódios, serve para conectar fontes, pensamentos e permitir que o ouvinte assimile todo conteúdo trabalhado durante este tempo. Cada som desperta uma sensação em quem ouve e facilita a compreensão das sensações que os entrevistados tiveram ao relembrar determinado assunto e, além disso, construir a narrativa de forma coesa na imaginação do espectador.

4.3 Considerações da análise

No subcapítulo anterior foram verificadas a presença ou ausência de características do jornalismo e foi desenvolvida também uma análise de como essas categorias se fazem presentes durante os episódios da primeira temporada do *podcast* Projeto Humanos. Nota-se que em todos os cinco, há a presença de todos os elementos de “A” a “D” do quadro.

Agora, para refletir sobre a questão norteadora desta pesquisa “Como as características do jornalismo se fazem presentes no *podcast* ‘Projeto Humanos?’”, apresenta-se uma análise geral com base em todos os dados levantados anteriormente.

Em relação à categoria de fontes, pode-se perceber que em todos episódios a Lili e suas filhas, Noemi, Estela e Jane são as fontes principais que contam a história de vida de Lili no campo de concentração na época do holocausto. Nota-se ainda a presença de Carlos Reiss, do Museu do Holocausto, Filipe Figueiredo do *podcast* Xadrez Verbal que durante toda temporada sustentam as falas e a narrativa de Ivan Mizanzuk e principalmente de Lili Jaffe. Aqui, o “Projeto Humanos” cumpre seu papel de credibilizar tudo aquilo que é explanado durante os episódios, característica marcante do jornalismo. Porém, no que diz respeito ao uso de fontes no documentário, percebe-se que a quantidade utilizada durante a primeira

temporada não é suficiente. Acredito que para aprofundar ainda mais a temática, o autor deveria trazer outras fontes durante os episódios, para que mais pontos de vista fossem abarcados e sustentassem ainda mais toda a produção.

Trazer, além da fonte-personagem, duas outras vozes faz com que a história do holocausto possa ser vista por dois ângulos. Talvez, o narrador poderia inserir entrevistas com outros historiadores e sustentar a narrativa não somente com a história de Lili, mas ainda assim trazer mais dados de sobreviventes ou até mesmo pequenos depoimentos de outras pessoas que viveram ou conhecem alguém que esteve em um campo de concentração.

Apesar de a proposta do *podcast* trabalhar com histórias de pessoas reais, penso que, para ser caracterizado de fato como um documentário, as fontes deveriam ter sido mais exploradas, para que não parecesse apenas uma grande reportagem.

Em relação às informações extras, (percebemos que o *podcaster* utiliza o espaço da internet para, além de conectar os usuários, trazer *links* referentes tanto ao material que tem similaridade temática quanto de outras produções dele próprio. Isso é uma das qualidades que o *podcast* proporciona, o diálogo com outros conteúdos, pode-se explorar e propiciar outras visões para o ouvinte. Acredito ainda que o *podcaster* deveria apresentar uma ficha técnica com detalhes da produção, para credibilizar ainda mais os colaboradores que ajudam o “Projeto Humanos” ir ao ar. Entretanto, não há uma ficha técnica no player do *podcast* o que contribuiria para melhor propagação dos produtores colaboradores de conteúdo e os créditos seriam dados de outra maneira além do off de Mizanzuk ao final dos episódios.

No que diz respeito à narração e o *storytelling*, juntamente com a categoria de sonoplastia como informação, pode-se concluir que Mizanzuk aproveita de forma eficaz as peculiaridades narrativas voltadas para o áudio. Com riqueza de detalhes, sons e forma de narração que desperta sentidos e emoção em quem ouve, o *podcaster* consegue informar e prender a atenção do ouvinte durante a temporada. Além disso, nota-se que Mizanzuk consegue construir uma narrativa coesa, sendo que cada episódio se conecta com outro.

O *podcaster* enquanto narrador consegue conectar informações, falas e pensamentos dos seus entrevistados. Também introduz e conclui linhas de raciocínio, fomenta as discussões e consegue, por meio de suas interrupções e inserções de trilha, provocar empatia no ouvinte. Em relação ao emprego da técnica de *storytelling*, pode ser encontrado os cinco elementos descritos por Terenzo e Palacios (2016) e que foram explicitados na página 24 desta monografia que são: protagonismo, tensão, ensinamento, significado e verdade humana. Estes elementos podem ser percebidos a cada episódio da seguinte maneira: a protagonista Lili Jaffe é sobrevivente de um campo de concentração nazista e esta posição causa impacto nos

ouvintes, já que quando se trata deste assunto, já é associada uma ideia de morte, guerra e sofrimento. Em seguida, Lili é colocada em uma situação de tensão, momento em que é separada de seus pais e vive todo o terror da guerra. Depois do fim da guerra, a sobrevivente é liberta do campo de concentração e tenta reconstruir sua vida; aqui se observa o ensinamento, já que a protagonista tem conhecimento da proporção do sofrimento vivido e tira uma lição de vida que em seguida será passada a suas filhas. Por fim, a verdade humana, ponto em que o *podcaster* é capaz de comprovar a existência da história do holocausto e consegue provocar a reflexão do ouvinte acerca de toda temática.

No que tange à sonoplastia como informação **(D)**, nota-se que o *podcaster* consegue informar e provocar reações no ouvinte com as inserções de trilhas e efeitos sonoros. É possível perceber a espontaneidade das entrevistas e através delas, o ouvinte é capaz de compreender momentos em que os entrevistados estão à vontade, tensos ou até mesmo quando, no silêncio, fazem um resgate na memória sobre determinada situação. Os sons permitem que os ouvintes se situem na narrativa, haja vista que eles complementam falas e em alguns momentos correspondem às emoções dos próprios entrevistados, exemplo disso é uma trilha que remete à infância quando a filha de Lili relembra sua história com o pai. Além disso, as trilhas de abertura e fechamento são as mesmas em todos os episódios, o que permite a criação de identidade desta temporada e também a assimilação por parte do ouvinte de que o início ou fim do episódio está próximo.

Como dito no início deste capítulo, a duração do *podcast* condiz com o tempo médio de um documentário, mas considerando a utilização das fontes durante a temporada, percebe-se que o tempo poderia ter sido aproveitado de maneira melhor. O *podcaster* consegue usufruir de um estilo de narrativa que condiz com este formato jornalístico, constrói a história de maneira a situar e conectar todos os acontecimentos, mas acredito que não consegue surpreender o ouvinte durante estes cinco episódios com outros pontos de vista. Acredito que no que tange a estrutura narrativa do *podcast*, Mizanzuk consegue atrair o ouvinte e o instiga a acompanhar os próximos episódios, mas o ponto negativo é que ele foca nas mesmas pessoas durante os cinco episódios, o que torna a produção restrita demais para a exploração de temática que o documentário proporciona.

Apesar disso, o material consegue sim trabalhar com as características do jornalismo nessa primeira temporada, Mizanzuk consegue informar por meio de sua narrativa e permite que o ouvinte conheça, por meio da história de uma sobrevivente, o holocausto e suas consequências não só em curto prazo, mas como toda essa vivência reflete no comportamento de outras gerações. Penso que o *podcaster* consegue abarcar algumas características do

jornalismo e do documentário neste objeto de pesquisa, mas acredito que este formato e a Internet permitem mais ousadia por parte dele para um conteúdo mais aprofundado.

O *podcaster* diz que sua produção aproxima do documentário, mas acredito que têm grande potencial para se apropriar deste formato com convicção. Mizanzuk consegue estruturar os episódios de maneira instigante, além de imergir o ouvinte na narrativa, consegue conectar diferentes entrevistados, além de um episódio ao outro. A única ressalva para que seja de fato um documentário tratar de maneira mais aprofundada com utilização de outras fontes e outras explanações breves de sobreviventes, já que a intenção do produtor é trabalhar com histórias de pessoas reais. Dessa forma, ele poderia explorar outros relatos e conseguir humanizar ainda mais toda sua produção, claro que sem perder o foco da protagonista principal, Lili Jaffe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o processo de convergência midiática, mudam-se ou se reconfiguram as formas de distribuição e consumo dos meios de comunicação, de tal forma que se percebe uma mudança de produção destes conteúdos. Os *podcasts* conseguem reformular o rádio tradicional com conteúdos mais atraentes e direcionados a públicos específicos. Posto isto, durante a pesquisa, analisamos principalmente como as características do jornalismo se fazem presente nesse tipo de produção, já que se pode perceber uma mudança nos materiais de cunho jornalístico como acúmulo de tarefas pelo repórter e notícias rápidas.

Durante a pesquisa, foram abordados os conceitos de convergência midiática, *podcasting*, gêneros jornalísticos, documentário e *storytelling*. Com base nesse aporte teórico, foi possível concluir que este *podcaster* apostou em uma narrativa diferente da encontradas em emissoras de rádio tradicionais com conteúdo aprofundado, utilizando ainda técnicas que atraiam e prendam a atenção do ouvinte durante longos minutos de áudio.

Os documentários ganham espaço no mundo de *podcasting*, haja vista a liberdade que a Internet propicia, já que ao baixarem estes conteúdos, os usuários podem acessar quando quiserem e assim podem pausar o *podcast*, retomar algum momento específico ou ouvir várias vezes.

O objetivo central desta pesquisa era responder como as características do jornalismo se fazem presentes na primeira temporada do *podcast* “Projeto Humanos” e, considerando todo arcabouço teórico aqui empregado, bem como todo método de análise, pode-se inferir que o “Projeto Humanos” utiliza com qualidade elementos do jornalismo e isso faz com que o conteúdo seja informativo e atraente, mas ainda assim, como levantado no capítulo anterior, haveria possibilidade de elencar mais elementos e se aproveitar melhor da liberdade que a Internet proporciona tanto para o produtor, quanto para o ouvinte.

Além do mais, percebe-se que o *podcaster* utiliza bem o espaço da Internet para abrir espaço aos comentários dos ouvintes, bem como disponibilizar outros materiais complementares a

eles. Percebe-se isso pelos *links* presente em todos os episódios que contam tanto com materiais de produção dele quanto materiais que se relacionam com a temática.

Esta pesquisa é apenas um pequeno norte acerca das produções de *podcasts*, não se pretende com ela colocar fim nas discussões temáticas, até mesmo por se tratar de uma monografia de graduação realizada em um semestre. Mas nota-se que o *podcasting* é uma boa estratégia para manter estruturas do rádio tradicional e que por meio dele, as emissoras podem conquistar novos ouvintes. Além disso, permite que amadores e até mesmo estudantes de Comunicação possam usar deste espaço para veicular conteúdos com características e temáticas diversas.

Por fim, ressalta-se que discussões acerca do exercício da profissão Jornalismo devem ser feitas, haja vista que qualquer pessoa pode produzir um *podcast*. No entanto, cabe sempre questionar se aqueles que possuem traços jornalísticos estão sendo feitos com qualidade e não somente sendo utilizados como um espaço para compartilhar opiniões e disseminar informações sem apuração ou tratamento adequado.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em: 10/12/2018.
- BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo**. Volume 2. 5 edição - Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast: uma análise da linguagem, da mídia e do cenário**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.academia.edu/19991949/Jornalismo_narrativo_em_podcast_-_Uma_an%C3%A1lise_da_linguagem_da_m%C3%ADdia_e_do_cen%C3%A1rio. Acesso em: 10/10/2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl São Paulo: Edições 70, 2011.
- BUFARAH JUNIOR, Alvaro. **Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas**. Curitiba. 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2638-1.pdf>. 09/09/2018. 28/08/2018.
- CHANG, Sandra Rodrigues da Silva; IKEDA, Ana Akemi. **Análise de Conteúdo - Uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social**. 2005. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/download/618/467. Acesso em: 23/10/2018.
- CUNHA, Karenine da; MANTELLO, Paulo. **Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos**. 2014. Disponível em: <http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/viewFile/516/265>. Acesso em: 20/08/2018.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>. Acesso em: 24/09/2018.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2009.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão**. Rio de Janeiro. E-papers, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: Mediações e Interações Radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Mauad, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora.** 2009. Disponível em: https://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/cultura_da_portabilidade.pdf. Acesso em: 20/09/2018

LIMA, Edvaldo. **Storytelling em plataforma impressa e digital: contribuição potencial do jornalismo literário.** 2014. Disponível em: <http://www.revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/download/692/541> Acesso em: 20/08/2018.

LOPEZ, Cristina Debora. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica.** LabComBook,2010.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico.** Nova Iguaçu: Marsupial, 2015. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-podcast-guia-basico-leo-lobes-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 01/11/2018.

MEDEIROS, de S. Marcello. **Podcasting: Um Antípoda Radiofônico.** 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/109425410741320594702700363707183744831.pdf> f. Acesso em: 01/09/2018.

MIZANZUK, Ivan. **As filhas da guerra.** Agosto de 2014. Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/>

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PESSOA, Sônia Caldas. **Radiodocumentário: gênero em extinção ou lócus privilegiado de aprendizado?** In: FERRARETO, Luiz Artur e KLÖCKNER, Luciano. **E o rádio? Novos horizontes midiáticos.** Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

PRIMO, A. F. T. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting.** Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005 – Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4210>. Acesso em: 28/08/2018.

VAISBIH, R. dos. **Ganhos e perdas de uma renovada linguagem radiofônica jornalística, via podcast.** *Cenários da comunicação*, São Paulo, v.5, p.13-25, 2006. Disponível em: <http://www.revistabrasileirmarketing.org/ojs2.2.4/index.php/remark/article/viewFile/122/119> Acesso em 17/10/2018.

SANTOS, Gustavo Nascimento dos. **Um cinema para os ouvidos: mapeando o radiodocumentário.** São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-09032017-101526/es.php>. Acesso em 03/10/2018.

SOUZA, Juliana de. **Podcasts: exemplo de democratização na internet?**.2018. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-0416-1.pdf> . Acesso 09/09/2018.

TERENZZO, Martha; PALACIOS, Fernando. **O guia completo do Storytelling**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 3. ed.rev.2012.

ANEXO A

Transcrição dos episódios retirada do próprio site do “Projeto Humanos”

Transcrição do episódio 1 –“O Mal Puxa o Mal”

Ivan (narração): Olá, pessoal. Aqui é Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos. Histórias reais sobre pessoas reais. Esta é a nossa primeira temporada, chamada “As filhas da guerra”, que contará com 5 episódios. E eu prometo que esse nome vai fazer bastante sentido no futuro. Mas até lá, para este primeiro programa, eu vou convidar vocês para fazer um exercício. Então imagina o seguinte, você recebe um diário e ele foi escrito por uma iugoslava sobrevivente de um campo de concentração nazista. Lá, essa sobrevivente conta toda sua história, sobre como deixou sua cidade natal, como foi perseguida, como parou no campo e como saiu de lá. O diário acaba, ela tem uns 18, 19 anos, e algumas páginas adiante a letra muda totalmente. Agora você já não lê mais o diário dela, você está lendo cartas de amor de um homem a esta sobrevivente. O que você imagina que aconteceu? Pra onde foram estas pessoas? Esta é a história de Lili Jaffe.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Estou no bairro de Higienópolis em São Paulo. Acabei de descer do avião há menos de uma hora. Não chove mas o céu insiste em dizer que quer. Ao descer do táxi, olho para a rua e noto um pai e seus dois filhos. Todos trajando as roupas que condizem com o código de vestimenta ortodoxa judaica. Deve ser aqui, penso. E estou certo. Ao passar pela portaria, noto outra mulher, também roupas típicas, cuidando de um bebê. Quando subo para o apartamento, sou recebido pela minha amiga, escritora Noemi Jaffe, com quem já conversei no Anticast, sua irmã Stela e sua mãe Lili. E é com ela que vim conversar.

Ivan: Então, poderia, por favor, dizer seu nome, idade e o que você fez...

Lili: A idade... (risos)

Ivan: Se quiser, é claro...

Lili: Não, pode falar... Posso falar... Tenho 88 anos. Eu vim da Iugoslávia. Meu nome de casada?

Ivan: Qual você quiser. Como você... hoje.

Lili: Livia Jaffe.

Ivan: Livia Jaffe.

Lili: Isso.

Ivan: Mas chamada de Lili...

Lili: Lili.

Ivan: Lili.

Lili: É... sou conhecida desde criança... Lili... Quando chegamos para pegar passaporte para vir aqui. Entramos por... poloneses... falaram: Lili não é nome. (risos). Então virou Lívia. Eu nunca sabia antes. Então fiquei Lívia.

Ivan: Ah, Lívia. Mas não era o seu nome antes?

Lili: Não, eu chamava Lili.

Ivan: Ah, Lili mesmo... Lili é seu nome iugoslavo...

Lili: É... Lili Stern

Ivan: Ah... daí fica difícil já... (risos). Lili Stern?

Lili: Stern Lili. Iugoslavo é antes. Antes se fala o sobrenome.

Ivan: Ah tá. Uhum...

Lili: Então fala Stern Lili.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Carlos: Tá... Meu nome é Carlos Reiss. Reiss com dois S. Tenho 33 anos e sou coordenador geral do Museu do Holocausto de Curitiba.

Ivan (narração): Há alguns anos, eu visitei o museu que o Carlos dirige, e foi uma experiência bastante impactante para mim. Sendo assim, eu entrei em contato com ele para que me ajudasse em algumas questões sobre a história de Lili. A conversa foi por telefone e por isso a sua voz está um pouquinho diferente.

Carlos: O Museu do Holocausto de Curitiba é único no Brasil. Ele não é a única instituição no Brasil que lida com o tema do Holocausto. Pelo contrário. Existem muitas que fazem isso de forma muito competente. Mas o museu, ele é o único que uniu no mesmo projeto questões relacionadas à educação, à pesquisa, à memória do Holocausto dentro de um projeto museológico. Aí sim ele é o único do Brasil e é o terceiro da América Latina.

Ivan (narração): A instituição possui uma missão didática, que é ensinar a história das pessoas que passaram pelo Holocausto numa perspectiva mais microscópica.

Carlos: Bom, é muito importante a gente compreender o Holocausto não como uma história de milhões de pessoas, mas como milhões de histórias diferentes. Isso é muito importante, na medida em que a gente compreende que cada história é uma história, né. Que cada pessoa tem ou tinha sua própria história, seu nome, seu sobrenome. Durante muitos anos, se transmitiu o Holocausto de uma forma massificada. É aquilo que a gente pode se lembrar nos anos 80, nos anos 90, aquelas pilhas de sapatos, pilhas de cabelos, pilhas de corpos. A necessidade de chocar, de mostrar o tamanho da barbárie. Essa perspectiva foi se alterando nos últimos 15, 20 anos, na medida em que se torna necessário a gente transmitir cada uma dessas histórias, resgatar essas histórias. Então, o mais importante não é chocar mostrando uma pilha de sapatos e sim, através de um sapato por exemplo, a gente questionar de quem era aquele sapato, o que aconteceu com a dona daquele sapato, o que nós, humanidade, perdemos sem a dona desse sapato aqui. Quando a gente fala em personificar, em contar histórias individuais, significa aprender as lições de cada uma delas.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Lili é uma sobrevivente do Holocausto. Quando tinha 17 anos, ela foi tirada da sua cidade natal e levada a Auschwitz, onde passou um ano de sua vida. Hoje é mãe de 3 filhas: Stela, Jane e Noemi. E foi esta última que foi a responsável por transformar seu diário, escrito logo após a experiência da guerra, no livro “O que os cegos estão sonhando?”. Em sua visita ao “Programa do Jô”, de julho de 2013, ela explicou o nome da obra.

(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO: PROGRAMA DO JÔ)

Jô Soares: E aí, Noemi? Esse livro aqui é da Editora 34.

Noemi: É.

Jô Soares: Como é que é essa história? Como é que surgiu essa indagação, “O que os cegos estão sonhando?”

Noemi: Ah, é uma história bem legal porque a minha mãe, que tá aqui... Ali... A dona Lili.

Jô Soares: Onde é que tá dona Lili? Tá ali dona Lili.

Noemi: Tá ali. Aquela que fez tchauzinho... Ela... Ela ainda tem uma assim, uma... Ela fala português fluentemente. Tá aqui há já 60 anos, mas ela faz ainda alguns erros de português. Então, ela confunde o presente...

Jô Soares: Os tempos verbais...

Noemi: Os tempos verbais. Ela confunde o presente do indicativo com o presente contínuo. Então assim, por exemplo, em vez de dizer “os gatos miam” ela fala “os gatos estão miando”.

Jô Soares: Ahm...

Noemi: E ela tem umas curiosidades, assim, sobre a natureza. Curiosidades cosmológicas. Então, uma vez ela me telefonou e perguntou... Ela me chama de *Nô*, né... Ela falou, “Nô, o que os cegos estão sonhando?” Aí, eu falei, “Que cegos, mãe?” Aí ela falou, “Os cegos, o que os cegos estão sonhando?” Ela tava perguntando o que os cegos sonham...

Jô Soares: Sonham, claro...

Noemi: ... que é uma curiosidade muito legal, né. Saber o que os cegos sonham. Aí, na hora que ela falou isso, eu tava no processo de escrever o livro. Na hora que ela disse, eu pensei, “Esse é o título do livro!”

Jô Soares: ... “É o título do livro”... Ela já trabalhou em negócio de venda por telefone? (risos) Que usa aqueles gerúndios? Eu vou ficar perguntando...

(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)

Ivan (narração): Foi graças ao livro da Noemi que tive contato com o diário de Lili. E apesar de ele ter sido lançado apenas em 2012, ele já vinha sendo planejado há muito mais tempo.

Noemi: Noemi Jaffe, escritora, 52 anos. Esse livro, “O que os cegos estão sonhando?”, tem uma história muito longa. Eu... quando eu comecei a pesquisar pra escrever o livro, eu fui olhar os meus cadernos antigos. E desde que eu tinha 16, 17 anos, eu já pensava em escrever um livro sobre o diário...

Lili: É?

Noemi: É.

Lili: Eu não sabia.

Noemi: ... sobre o diário da minha mãe. Porque eu sempre soube, desde pequena, que ela tinha um diário da guerra. Mas o diário tava escrito em iugoslavo. Eu não entendo iugoslavo...

Ivan (narração): Na década de 90, Lili, com a ajuda de duas filhas, traduziu o diário. E Noemi tentou publicá-lo numa edição que contaria com textos de pessoas comentando os escritos da mãe. E uma dessas pessoas seria, inclusive, Moacyr Scliar, o grande escritor brasileiro, já falecido. Infelizmente o projeto não foi pra frente e anos depois, ainda com interesse em publicá-lo, Noemi passou a pensar em outras propostas.

Noemi: Aí, os anos foram passando. Eu acabei me tornando uma escritora. Em 2005, eu publiquei um livro de poesia. Aí, eu continuava com essa ideia de publicar esse livro sobre a minha mãe. Aí, surgiu um edital da Petrobras oferecendo bolsas para escritores. Eu fui aprovada nesse edital e... com o projeto de escrever um livro sobre o diário. E eu já sabia que seriam 3 partes. Uma que seria o diário dela, outra minha e outra da minha filha. Que minha filha nessa época já era grande e também ela tava fazendo letras, e também se interessava muito em escrever. E a ideia era fazer um livro de 3 gerações de mulheres, né. Minha mãe, eu e minha filha.

Ivan (narração): Agora, com a ideia de sua filha, Leda, participando, bastava saber como seria a estrutura do livro. E a ideia final veio após uma viagem que Noemi e Leda fizeram à Europa.

Noemi: A gente foi pra Berlim. Lá, a gente conheceu vários monumentos. Os museus, Museu Judaico. Depois fomos pra Polônia. Aí, fomos até Auschwitz. Aí, em Auschwitz, eu conheci as instalações, né, os lugares parecidos com... onde a minha mãe ficou, e vi vários documentos lá, sobre a organização deles, sobre como eles eram organizados e anotavam tudo. Depois eu fui pra Israel também, fui para o Museu do Holocausto. E aí, quando a gente voltou para o Brasil, a minha filha ficou bem traumatizada com essa visita a Auschwitz e ela decidiu que ela não iria mais participar do livro. Depois ela mudou de ideia e resolveu que ela ia escrever só uma parte bem curta. E aí, eu fiquei pensando em como eu iria escrever e decidi que eu ia dividir por temas. Achei as coisas mais importantes que eu tinha vivenciado nessa visita a Auschwitz. Então, a ideia do frio, da fome, da humilhação...

Ivan (narração): Agora a ideia estava montada. A primeira parte do livro seria o diário da sua mãe, contando suas experiências nas mãos dos nazistas. A segunda parte seriam as reflexões de Noemi sobre variados temas evocados no relato da mãe, fornecendo mais detalhes e profundidade à narrativa. E a terceira parte seria uma breve reflexão de Leda, neta de Lili, sobre a experiência da avó e suas próprias impressões pessoais. E é este o livro que tenho em mãos e que me levou a fazer este programa e conversar com a Lili.

Ivan: Que você lembra da sua vida na Iugoslávia? Como que era?

Lili: Ah, era boa. Era muito boa, antes eu estava ainda criança quando tínhamos reinado... e o rei, mataram o rei Alexander, e o filho ficou no lugar dele, Peter... Tinha uma vida muito boa.

Ivan (narração): Em nossa conversa, Lili não falou muito sobre esse evento, mas acontece que, como sabemos, a Iugoslávia deixou de existir em 2003, justamente por conta dos inúmeros conflitos de regiões que a compunham. Essa parte da história europeia é bastante complexa e não é de nosso interesse aqui explorar em profundidade. Mas vale mencionar que o rei Alexandre I, ou Alexander que Lili menciona, era da região Sérvia, assim como ela, e foi assassinado em 1934 durante uma visita à França. Seu assassinato, que ocorreu em praça pública, foi filmado e tornou-se notícia no mundo todo.

(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO: LOCUÇÕES ANTIGAS)

“You are about to see the most amazing pictures ever made. The assassination of King Alexander, of Iogoslavia.”

(EFEITO SONORO DE EXPLOSÃO)

“Marselha, 1934. No dia 9 de outubro, o rei da Iugoslávia, Alexandre I, chega no contratorpedeiro Dubrovnik para uma visita oficial à França. O Ministro de Relações Exteriores da França, Barthou, deposita grandes esperanças nesta viagem. A França deseja fazer acordos militares com países do leste e sudeste europeu, com o objetivo de se defender da Alemanha que, com Hitler, se tornou novamente ameaçadora.”

“It’s a great Day in Marceille. Viva, Alexander! Viva (incompreensível)!”

“O rei Alexandre, no carro com o ministro Barthou, sabe que pode haver um atentado contra sua vida aqui em Marselha. A derrota da Áustria na Primeira Guerra teve como consequência o estabelecimento do reino da Iugoslávia, em 1918. Mas o país está dividido por causa das lutas internas entre os diversos grupos étnicos.”

(OUVE-SE UMA MULTIDÃO)

“Um terrorista no estribo da limusine do rei.”

(OUVEM-SE SONS DE TIROS)

“Uh, they’ve been shot!”

(OUVE-SE GRITARIA)

“Outras pessoas também são alvejadas. Nacionalistas croatas e macedônios assassinam o rei sérvio da Iugoslávia. Os sérvios são odiados pelos outros grupos do país, por formarem a maioria do povo. O ministro francês que estava ao lado do rei Alexandre foi ferido. A multidão continua a festejar sem desconfiar de nada. Aqui morre uma esperança...”

(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)

Ivan (narração): Com a morte do rei Alexandre I, assumiu seu filho Peter, Pedro II, como príncipe regente. Mas ele era muito jovem, então o predomínio do poder concentrou-se em Paulo, o primo de Peter. Em seus esforços, buscou uma neutralidade política da Iugoslávia no cenário da Segunda Guerra, especialmente em relação às forças alemãs. Contudo, em 1941, um golpe militar aconteceu que buscou uma aproximação com os aliados, e ao notar isso, as forças alemãs invadiram o país em 1941, dividindo a região. Foi o começo do fim da vida que Lili conhecia.

Lili: Eu estava no ginásio, segundo ano. Porque lá não tinha oito anos primários, tinha 4 anos, depois tinha que fazer...

Noemi (voz distante): Exame.

Ivan (narração): Essa falando ao fundo é a Noemi que, assim como sua irmã, Stela, ajudou Lili na entrevista, quando ela não lembrava as palavras certas em português.

Noemi (voz distante): Admissão?

Lili: Admissão, como entra no outro... para entrar no ginásio. Entrei e meus pais eram religiosos, então, sábado não podia carregar mala. Então, nós tínhamos um homem que me esperava na escola, na saída, para me levar a mala. E todo mundo ria de mim. Isso já era em 1942. Então eu me senti muito... muito mal. Saí da escola.

Ivan (narração): É interessante notarmos que esses pequenos atos de crianças na escola, tirando sarro das práticas e crenças da família de Lili, eram apenas a ponta de um problema histórico muito mais sério que já vinha sendo construído há séculos.

Carlos: É importante a gente entender a complexidade que é a história do antissemitismo. O antissemitismo é uma bola de neve, né. Quando a gente vai falar do ódio em relação aos judeus, a gente tem que entender por partes. Uma delas é o que a gente acredita, a gente enxerga como um ódio relacionado ao diferente, né. É como a gente encara o racismo, o preconceito, a discriminação, a intolerância. Por um lado é isso, pelo outro é a série de componentes históricos. O judeu vai ser acusado de ter matado Jesus, o judeu vai ser acusado de sequestrar criancinhas pra tirar o sangue delas, o judeu vai ser acusado de emprestar dinheiro cobrando juros lá na Idade Média que a Igreja não permitia, depois o judeu vai ser acusado de ser um traidor do seu país, de ser de raças inferiores, de ser dono do banco, dono de Hollywood, dono de sei lá o quê... da Globo, de tudo. Isso é a história do antissemitismo, que é muito contextual, ela não é única e exclusivamente explicada por uma simples teoria do bode expiatório, sabe? “Ah, vamos colocar a culpa nos judeus”. Não é simplesmente isso, tem muito a ver com o contexto, misturado com essa ideia do preconceito... por que o ser humano discrimina aquele que acredita ser diferente? Será que isso é uma coisa natural nossa? Será que isso é fruto do meio? Todas essas discussões, elas estão inseridas nesse conceito. E ali no início do século 20, ele é fundamental pra gente entender como algumas ideias que vinham sendo desenvolvidas já a muito tempo, algumas delas no próprio século 19 – o darwinismo social, a ideia de raça superior, da eugenia, melhoramento genético -, aquilo vai cair como uma luva no discurso demagógico de uma Alemanha que tinha perdido a Primeira Guerra Mundial, que estava destruída, que estava humilhada, e aquilo vai encaixar muito bem no discurso.

Ivan: Teve uma onda migratória grande de judeus também entre as guerras, né? Pra que isso acontecesse.

Carlos: Também, há uma grande onda migratória judaica, ela acontece a partir do fim do século 19 já...

Ivan: Ah, tá...

Carlos: No fim do século 19, a maior parte dos judeus do mundo viviam no que hoje a gente conhece como a Rússia e os países da antiga União Soviética. Boa parte vai para os Estados Unidos, alguma parte começa a ir para o local onde futuramente seria o estado de Israel... No Entre-guerras, especificamente, até a ascensão do nazismo, essa imigração era muito maior dos países do leste europeu do que na Alemanha, na França, na Inglaterra... Nesses lugares os judeus já estavam emancipados, assimilados, eram cidadãos como os outros. A partir da ascensão do Hitler é que essa imigração se intensifica. Mas ao mesmo tempo, ela se dificulta, porque boa parte dos países começa a fechar as portas, né. Inclusive o Brasil, Getúlio Vargas fecha as portas, a imigração fica bastante comprometida nos primeiros anos do nazismo, especificamente na Alemanha.

Ivan: Sim, e eu tava vendo que teve até judeus que lutaram pela Alemanha na Primeira Guerra e que, daí, de repente...

Carlos: Isso...

Ivan: Ahã, e na Segunda já...

Carlos: Porque era uma tensão racial, né. Teve muitas histórias de judeus que lutaram. A gente, inclusive, tem muito material no museu, medalhas, por exemplo, cruces de ferro de judeus que lutaram pela Alemanha e que lá na frente vão perguntar “mas eu sou alemão como você, que você tá fazendo?” Porque não era uma questão de ser ou não ser, ter lutado ou não ter lutado, ser rico ou ser pobre, ser religioso ou não ser religioso, era uma questão de caráter racial, né. De caráter de sangue, de seres humanos superiores racialmente e seres humanos inferiores racialmente. No caso da Alemanha, eu posso dizer que 100% da população judaica na Alemanha se considerava alemã, e não só se considerava, era considerado, até a República de Weimar, como alemães como outros quaisquer.

Ivan (narração): Imagine, então, o cenário: uma família judia que não escondia suas práticas religiosas, na Iugoslávia, país que já tinha enormes tensões culturais e que agora ainda tinha que enfrentar um novo inimigo que vinha com força por influência do norte.

Ivan: Como que foi sair da escola? Porque você saiu de lá?

Lili: É, por causa disso. Já começou antissemitismo. Então não foi na outra escola. Foi, um guarda (...) já começou contra judeus.

Ivan: Ou seja, você era judia, família judia, não... nem entravam na escola? Não deixavam entrar na escola?

Lili: Deixaram, mas as crianças mesmo... interessante, as crianças às vezes são piores do que adultos.

Ivan: Sim. E a escola era a única que aceitava os judeus, ou...?

Lili: Não, tinha mais, mas tudo saíram.

Ivan: Todas saíram... Porque não dava mais para ficar?

Lili: Não, não dava para aguentar. Interessante que os iugoslavos não eram antissemitas, mas... eu não sei, o mal puxa o mal. Ficaram também. Então depois, onde eu nasci... morava, pertencia antigamente aos húngaros. Era Hungria. E os iugoslavos depois pegaram esse pedaço, então ficou da Iugoslávia. E, durante a guerra, os húngaros pegaram de volta esses pedaços. Então, já era antissemitismo húngaro.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan: E como... quando que você percebeu que tava começando a ficar muito perigoso?

Lili: Ah, já em 43, já estava... já começou a ficar ruim.

Ivan: Cê lembra de algum fato que te marcou nesse período? Que daí você já tava sentindo que tava ficando perigoso, tava ficando ruim, mas que aconteceu e você teve medo mesmo, assim?

Lili: Não sei, eu fui criada para não ter medo e nunca tinha medo. Mas era perigoso, muito ruim. Já começaram xingamento e proibição, não ir aqui não ir lá. O comércio era ruim, era tudo ruim. Começaram a se... pegaram o meu pai para trabalho forçado. Tinha... limpar rua.

Ivan: O que seu pai fazia antes?

Lili: Comércio.

Ivan: Comércio? Vendedor, comerciante?

Lili: É.

Ivan (narração): Já na sua cidade, então, os judeus começaram a sentir os efeitos da política nazista. Num primeiro momento, famílias judias inteiras foram obrigadas a deixar de exercer seus trabalhos, sendo deslocadas para outros tipos de função. E, após serem marginalizadas o suficiente, começaram a vir os avisos de que os judeus seriam retirados de lá.

Lili: Foi... chega... um anúncio que esses – não sei que dia mais – vamos buscar vocês para preparar alimentos e roupas, e às oito horas vamos todo mundo para se encontrar na escola. Então, foi assim.

Ivan: Todos os judeus?

Lili: Só judeus, é.

Ivan: O que vocês conversavam entre vocês?

Lili: Ah, todo mundo tava triste, né? Todo mundo tava assustado como vai ser. A minha mãe tinha ainda paciência de fazer bolo para levar para a viagem, vai saber para onde a gente ia.

Ivan: Cês não tinham ideia da onde iam?

Lili: Não.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Senta, 25 de abril de 1944.

Todos à minha volta, assim como eu, estamos tristes. Sabemos o que está acontecendo e também o que acontecerá. Meu pai está sentado no sofá durante a manhã toda, calado, fitando o nada. Por vezes, olha-nos e fecha os olhos tristes. Minha mãe nos consola, não acredita no mal, porém está arrumando as malas, faz doces e suspira fundo, sem que ninguém possa ver. Meu irmão e eu observávamos e, sendo duas crianças, saíamos para chorar. Ninguém nos conta nada, mas sabemos o que está acontecendo. Sabíamos que no dia seguinte, às 8h, os alemães viriam nos buscar e nos arrancar de nosso lar.”

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan: O que vocês sabiam sobre esses deslocamentos de judeus?

Lili: Nós ouvimos que tinha na Polônia, já que entraram os alemães e maltrataram os judeus, ouvimos mas não... pensamos que nunca vai chegar na Iugoslávia.

Ivan: E... mas o que vocês sabiam que tavam fazendo com os judeus. Vocês sabiam alguma coisa, na Polônia mesmo?

Lili: Certo, certo, não sabíamos. Mas sabíamos que tavam matando e maltratando.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Senta, 26 de abril de 1944.

Levantamos bem cedo. Tudo estava arrumado. Chegaram na hora certa. Eram sete. Um deles se sentou junto à mesa e começou a escrever. O segundo olhou em nossas coisas e deu uma ordem: ‘Estejam com suas tralhas prontas em cinco minutos, são coisas para duas semanas. Levem comida e saiam da casa.’ Está chovendo. Estamos juntos. Nossa família junto com as outras famílias judias. Vão nos levar para a escola judaica. Duas mulheres alemãs nos revistam, um por um, à procura de jóias. Estamos dormindo no chão.”

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan (narração): É difícil, hoje, falarmos sobre o Holocausto sem lembrarmos que a existência dos campos de concentração era até conhecida, dado o expurgo que eles estavam sofrendo em todos os territórios nazistas. Mas o que realmente acontecia por lá era ainda um mistério para muita gente, especialmente para os judeus.

Carlos: A maior parte dos campos de concentração... eles estavam, se localizavam no Leste Europeu, né. Alguns na Alemanha... os campos de extermínio, aí esses sim, sua totalidade, era no Leste Europeu. Quanto mais próximo dessa grande região, que pega hoje parte da Polônia, parte de antigas repúblicas soviéticas – a gente inclui aí a Lituânia, Ucrânia, Bielorrússia, Moldávia, a própria Rússia; quanto mais próxima dessas regiões, maior era a percepção do que tava acontecendo. Quanto mais distante da região onde foram inseridos... foram colocados esses campos, menor era a percepção do que poderia estar acontecendo lá. E isso é verdade, muitas histórias se passavam, existiam alguns grupos de resistência que chegaram a mandar pessoas escondidas até o final da linha do trem para saber realmente para onde estavam indo, porque estavam dizendo que estavam indo para a Sibéria, que estavam sendo realocados. Mas realmente o que estava acontecendo? E aí, começaram a surgir esses boatos de que já... A partir de 1943... Fim de 43, início de 44... Já era... já era sabido. Acontece que em muitas partes da... da Europa, continuavam a ser invadidas pelo... pelo exército alemão, como é o caso dos Balcãs, como é o caso da própria Grécia, em que, a partir do momento em que existia essa invasão, os judeus eram confinados e eram deportados para estes campos. Então, uma coisa é perguntar para um judeu, na região de Varsóvia, se ele sabia

o que tava acontecendo nos campos. Outra coisa é perguntar pra alguém que vivia na França, ou que vivia na Sérvia, ou que vivia na Grécia. Então, como eu disse, é muito... é impossível a gente generalizar essa ideia.

Ivan: Perfeito.

Carlos: No caso da Iugoslávia, das antigas repúblicas da Iugoslávia, é muito provável que existisse uma confusão muito grande, uma falta de informação exata do que poderia tá acontecendo. Até porque foi só em 1944 que houve uma invasão física do exército alemão, diferente, por exemplo, do que acontecia em outras regiões da Europa.

Ivan (narração): No fim, era ainda pior do que imaginavam.

Lili: Levaram primeiro nós para a Hungria, Seguedina (Szeged). Lá, limparam... limpamos os lugar onde estavam os porcos. E... sim, como chama esse... esse fios de...

Noemi: Feno.

Lili: *Femo.*

Noemi: Feno.

Lili: Feno... tinha um pouco feno... meu pai adoeceu, pegou friagem por baixo. E ficamos lá no silo, não me lembro mais quantas semanas.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“28 de abril de 1944.

Chegamos às 11h, com nossas bagagens nas costas, cansados. Andamos cinco quilômetros dentro da cidade. Horrível. Velhos e crianças choram, pedem ajuda, em vão. Quem não andava, apanhava. Jogamos fora muitas coisas para o peso ficar mais leve. Chegamos com muita dificuldade. Colocaram-nos, sessenta, num só quarto, e ordenaram: ‘Vocês devem deixar o local limpo, levantar às 5 e meia da manhã e deitar às 10 da noite. Escolham alguém do grupo para ser responsável pela ordem.’ Queriam escolher mamãe, ela não aceitou. Ficamos ali durante um mês, comendo pó. Tínhamos ainda comida que havíamos trazido de casa.”

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan (narração): Caso quisessem, podiam ter ficado naquele celeiro na Hungria. Mas lá, sua mãe encontrou duas crianças da família que estavam sendo deslocadas para outro lugar. Como estavam sem ninguém, a mãe de Lili quis ir com elas, e levou sua família junto.

Lili: Nós paramos num lugar que, se gente ficasse, lá poderíamos ficar, mas nós achamos... a minha mãe achou o cunhada, que tinha duas criancinhas, uma de 4 anos, outro de 6, e a mãe enlouqueceu de tristeza. Então, minha mãe pegou as crianças, então nós não podíamos ficar lá. Quem ficou lá, se salvou, mas minha mãe levou no... no trem, de volta, as crianças. Por causa das crianças que minha mãe saiu, também.

Ivan: Sua mãe podia ter ficado lá, então?

Lili: Podíamos ficar.

Ivan: Uhum... e ela foi por causa das crianças?

Lili: É.

Ivan: E por que elas tinham que ir?

Lili: Quê?

Ivan: Por que elas, as crianças, tinham que ir?

Lili: Não tinha onde ficar mais, enlouqueceu, coitada. E o marido... tava no outro lugar, então, nós... nós levamos, pegamos as crianças.

Stela: Mas por que ela não podia ficar naquele lugar com as crianças? Tinha que ir no trem?

Ivan (narração): Essa é a Stela, a outra filha de Lili.

Lili: Nós podíamos ficar...

Stela: Por que não puderam ficar lá com as crianças?

Lili: Não sei, minha mãe não quis, podíamos ficar...

Stela: Com as crianças também?

Lili: Eu acho que sim, não sei. Não tenho certeza. Depois, levaram-nos para... para... no, no trem... não se chama trem. Chama... ai, como se chama? Esse onde o gado vai, vai... onde colocam o gado. Tem muitas, não sei quantas, acho que 50, quantas delas vão, vão caber...

Noemi: É, um trem... um trem de carga.

Ivan: Um trem de carga.

Lili: É. Gente ficou sentado lá, onde gente tinha pacote, sentamos em cima.

Ivan: E daí, foram pro campo?

Lili: É.

Ivan (narração): Esse campo era Auschwitz.

Lili: Nós chegamos no campo, e tinha um médico que selecionava: “esse vai a cá. À direita, à esquerda, direita, esquerda”. E minha mãe, para nós... não dividir eu dela, me escondeu em baixo do casaco, e o alemão me tirou.

Ivan: Eles estavam separando como? Crianças? Adultos?

Lili: Crianças, velhos...

Stela: Homens, mulheres.

Lili: É. Homens para um lado, jovens pro outro lado.

Ivan: E você foi separada da sua mãe?

Lili: É.

Ivan: Você ficou sabendo o que aconteceu quando ela foi separada?

Lili: Ah, depois a gente soube que tem crematório.

Ivan: Mas você não viu mais ela? Foi a última vez que você viu sua mãe...

Lili: Isso.

Ivan: Foi aquela vez... e o seu pai já tinha...

Lili: No outro lado. Eles... eles deixaram virar, mas no fim, acho que ele ficou doente, ele... talvez mataram.

(FADE IN DE TRILHA SONORA, QUE CESSA SUBITAMENTE)

Ivan (narração): No próximo episódio: como era a vida em Auschwitz? Por que ele é um campo tão citado, e o que era necessário para sobreviver nele? Tudo isso, na próxima parte de “As filhas da guerra”, aqui, no Projeto Humanos.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Projeto Humanos é um podcast que visa apresentar histórias íntimas de pessoas anônimas. Ele tornou-se possível graças à ajuda dos patões do Anticast, que contribuem mensalmente para que nossos programas continuem acontecendo. Se você gostou da nossa proposta e gostaria de ajudar, clique no link do post do Patreon e contribua também. Agradecimentos especiais a Gabriela Giannini, que me ajudou em algumas transcrições; Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba, que me auxiliou com vários pontos da pesquisa sobre o Holocausto; Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, que me ajudou com questões políticas sobre a história da Iugoslávia. Obrigado também a Domenica Mendes, do site Leitor Cabuloso, que leu algumas passagens do diário de Lili. E, é claro, não posso deixar de agradecer Lili, Stela e Noemi, que me receberam de braços abertos e cederam seu tempo e memória para que este programa ocorresse. A trilha sonora utilizada é de Kevin Macleod, do site incompetech.com, e do site *Audio Network*. Eu sou Ivan Mizanzuk, vou ficando por aqui. Nos vemos no próximo encontro.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Transcrição por: Giancarlo Palmeira, Jean Carlos Oliveira Santos, Hana Augusta Andrade, Cadu Carvalho. Editado por Sidney Andrade. Revisado por: José Roberto A. Frutuoso

Transcrição do episódio 2 –“O Trabalho Liberta”

**(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)
(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)**

“Bayern, 28 de maio de 1944. Ainda ontem, os húngaros ficaram à nossa volta. Hoje pela manhã, já vi um alemão. Depois eles eram mais e mais. Já não tínhamos medo. Estávamos prontos para o pior. Tivemos de formar uma fila, às 9h. Os alemães fizeram uma contagem de pessoas e nos levaram. Na mesma noite, deixamos nosso chiqueiro e fomos conduzidos à estação. 70 dentro de um vagão, com os pacotes que foram atirados para dentro depois de termos entrado. Papai e mais alguém procuravam criar alguma ordem ali. Arrumaram os pacotes, uma fileira em volta, espaço no meio. Cada um pôde se sentar sobre suas próprias coisas.”

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

“Viajamos durante 6 dias. Sem água, sem comida. Papai tem febre o tempo todo, mas se faz de forte. Mamãe nos consola, abraça-nos. Minha velha mãe chora. Doem as costas. Nem consegue ficar sentada mais.”

(FADE IN DE TRILHA SONORA, QUE CESSA ABRUPTAMENTE COM UM SOM DE IMPACTO)

Ivan (narração): Olá, pessoal. Aqui é Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos. Histórias reais sobre pessoas reais. Neste segundo episódio de “As Filhas da Guerra”, retomamos o ponto de onde paramos. Lili chegou em Auschwitz, e lá passou pelo processo de separação de prisioneiros.

Ivan: Eles estavam separando como? crianças, adultos...?

Lili: Crianças, velhos...

Naomi: Homens, mulheres.

Lili: É. Homens para um lado, jovens para o outro lado.

Ivan: Aí, você foi separada da sua mãe?

Lili: É.

Ivan: Você ficou sabendo do que aconteceu com ela, depois que separou?

Lili: Ah, depois a gente soube que tem crematório.

Ivan: Mas você não viu mais ela, foi a última vez que você viu a sua mãe, foi aquela vez?

Lili: Isso.

Ivan: E o seu pai, já tinha...?

Lili: No outro lado. Eles deixaram ele virar, mas, no fim, acho que ele ficou doente. Ele, também mataram.

Ivan: Como que eram separadas as pessoas nos campos de concentração? Então, por exemplo, a pessoa chegou lá. Qual que ia ser já a triagem para ver onde que ela ia, por exemplo, em Auschwitz?

Carlos: Bom, o caso de Auschwitz é um caso específico.

Ivan (narração): Novamente, Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba.

Carlos: Para cada campo, eles tinham um processo. A mecânica, por mais que existiam semelhanças, elas eram diferentes entre si. Eu vou dar um exemplo de um... Nem de um campo, de um gueto. Na verdade, é um híbrido entre um gueto e campo, que é o caso de Theresienstadt, na antiga Tchecoslováquia. O gueto de Theresien era um gueto, mas ali as crianças eram separadas dos pais. Isso não era uma praxe nos guetos. Nos guetos, as crianças ficavam com os pais, com a família. E no caso de Theresien, elas ficavam separadas. É só um exemplo de como tudo isso era variável de campo para campo. No caso dos campos de extermínio, em dois deles existia um processo mais rebuscado de seleção. Apenas Auschwitz e Majdanek tinham um processo de seleção mais apurado, por causa justamente da necessidade de mão-de-obra. Nos outros campos, a seleção era ínfima. Escolhiam pessoas que tinham algumas capacidades pra fazer algum tipo de trabalho específico pro funcionamento do próprio campo. No caso de Auschwitz, quando os prisioneiros chegavam até lá, eles eram

separados, em primeiro momento, em dois grandes grupos. A lógica dessa divisão era a lógica do trabalho. A Alemanha estava em guerra, não só matéria-prima era necessário, mas também a mão-de-obra. Então, a questão do trabalho era o argumento principal. Então, de um lado iam bebês, crianças pequenas, mulheres doentes, grávidas, idosos, deficientes. Pessoal que não tinha a capacidade física de encarar um trabalho escorchanto. Do outro lado iam pessoas jovens, que tinham ainda certa condição física para o trabalho. Porque muitos que chegam nos campos, chegam após anos dentro de um gueto. Outros não, outros já chegam com suas melhores roupas, vindos lá da parte ocidental da Europa. Então, é muito diferente um grupo de outro. Essa era a primeira seleção. Muitos contam de chegar em Auschwitz e se deparar com uma pessoa fazendo um sinal com o polegar pra esquerda ou pra direita. Uma dessas pessoas que fazia esse trabalho, algumas vezes, de separar essas pessoas, era o próprio médico Joseph Mengele, que já separava, ali na triagem, as vítimas dos experimentos médicos.

(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO)

“Segunda Guerra Mundial. O nazismo avançava pela Europa, deixando uma mancha negra de ódio e violência. O poder de Hitler crescia em todos os cantos do continente ocupado. Os campos de concentração recebiam cada vez mais prisioneiros do Terceiro Reich. Em Auschwitz, um nome ressoava entre as pessoas assustadas que chegavam, gelando o sangue dos mais fortes: Joseph Mengele, o anjo da morte, cujo trabalho era decidir o destino dos prisioneiros que chegavam ao campo e selecionar os melhores exemplares para suas experiências sobre-humanas

(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)

Ivan (narração): Esse é um trecho do documentário “Mengele, O Anjo da Morte”, do *History Channel*. Ele foi, provavelmente, o mais conhecido dos médicos dos campos que conduziam experiências nos prisioneiros. E assim como muitos nazistas, no final da guerra, ele fugiu para a América do Sul e morou por muito tempo no Brasil, vindo a falecer em 1979, na cidade de Bertiooga, no interior do estado de São Paulo. O campo onde trabalhou e ficou mais conhecido foi justamente Auschwitz, local onde Lili agora era prisioneira.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Auschwitz, 4 de junho de 1944. Mandaram-nos sair dos vagões sem os pacotes. Separam homens e mulheres. Papai com meu irmão, nós cinco numa outra fileira. Mamãe, minha priminha de 4 anos, meu primo de 8, e eu. Fila longa. Ouvimos um alemão gritar de longe: ‘Direita! Esquerda!’ Quando chegamos mais perto, mamãe escondeu-me debaixo do casaco dela, que ainda possuía, tentando evitar que nos separassem. Chegamos até o primeiro alemão. Mandou-nos ir para a esquerda. Um outro nos examinou e nos deixou passar. Mas o terceiro ordenou que eu fosse para o lado direito.”

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Carlos: Normalmente, as pessoas que eram separadas de um lado, que não tinham capacidade física para o trabalho, no caso de Auschwitz, eram enviadas muitas vezes nos próprios caminhões, que iam pro outro lado do campo. E ali deixavam seus pertences. E eram assassinadas ali mesmo, naquele mesmo dia. E os outros eram realocados dentro desse grande complexo pra aqueles que iriam trabalhar em alguma fábrica, alguma obra próxima. Fábrica de munições, fábricas de qualquer coisa. De panela, de cinto, de armas. A mão-de-obra escrava. E outros eram realocados para alguma outra parte do campo, para aguardar uma próxima ordem. E essa próxima ordem muitas vezes era deportação pra um outro campo, onde se precisava de mão-de-obra. Então, se desenvolveu um sistema muito bem executado de seleção, de separação de pessoas. Isso no caso de Auschwitz, no caso desse complexo tão grande, isso aconteceu durante muito tempo.

Ivan: No caso até da sobrevivente que eu entrevistei, ela disse que entraram numa fila, que os médicos tavam selecionando, e ela tava com a mãe dela. Ela tinha 17 anos, a mãe tinha 38. A mãe tentou esconder ela debaixo do casaco. e daí, os alemães já viram, já tiraram ela de lá e

separaram ela lá. E disse que nunca mais viu a mãe de volta. E antes disso, já tinha sido separada também do pai e do irmão, né.

Carlos: Normalmente, separavam por gênero, e depois nesse sistema. NO caso, uma das minhas avós, aconteceu a mesma coisa. Ela tinha 17 anos, e ela foi separada da mãe, justamente ali. Nunca mais a viu novamente. Muitas pessoas chegavam doentes, já dos anos, ali, no gueto. E até eram aconselhadas, por algumas pessoas, ali naquele processo, de pegar terra no chão e passar nas mãos, no rosto, pra dar a impressão de tá um pouco mais sadio. Tinha gente que furava o dedo pra passar um pouquinho de sangue na maçã do rosto, pra dar a impressão, também, de tá um pouco mais sadio.

Ivan: É, porque se não, já era a morte direto, né.

Carlos: Eu conheço histórias de jovens que mentiram a própria idade. Um deles tinha 14 anos, e ele não aparentava ter 14 anos, aparentava ter mais. E aí, uma parte da família foi pra um lado, outra parte da família foi pro outro. Ele queria ficar com a mãe, e a mãe falou, “meu filho, vá ficar com seus irmãos, lá do outro lado, fala que você tem 17 anos, ou coisa assim, e eles vão poder cuidar melhor de você, porque de mim, agora, eu não sei o que vai acontecer.” E ele acaba indo. Eu não consigo nem imaginar, pra uma mãe, de ver isso pro filho, naquele momento. Ela também não sabia o que ia acontecer. E ele acaba fazendo isso. Ele consegue sobreviver, praticamente a família inteira é morta, inclusive a mãe, nesse episódio. E ele acaba sobrevivendo e vindo construir sua vida aqui no Brasil. E tá vivo aí, pra contar pra a gente essa história. Então, a parte da seleção é muito específica da necessidade da mão de obra, da necessidade do próprio campo, do funcionamento do próprio campo, pra que aquele campo criado. NO caso de Auschwitz, (incompreensível) um complexo com vários campos, várias fábricas, a seleção era mais criteriosa.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Éramos muitas jovens, entre elas, minha amiga *Katzar Laher*, chorávamos juntas. Ela chegou depois de mim e disse que mamãe lhe gritava de longe que tomasse conta de mim. À meia-noite, entramos no campo de concentração. Caminhamos muito até chegar a um banheiro. Entramos. Dentro, estava cheio de alemães e alemãs que tirara de nós tudo o que tínhamos ainda. Em seguida, precisamos ficar nuas e entrar em outro lugar. Havia somente mulheres ali, que cortaram os nossos cabelos. Tentei escapar, entrando em um outro recinto, mas o mesmo destino me aguardava lá. Sentia muito pelo meu cabelo, mas quando pensava em meus pais, não sentia nenhuma outra dor. Depois de terem cortado os nossos cabelos, tomamos um banho com água quente. Levam-nos, molhados ainda, para um lugar seco, onde recebemos vestidos. Era algo terrível, mas, ainda assim, rimos. Uma mulher de uns 30 anos recebeu um vestido infantil curto. Tentou devolver, mas não trocaram. Algumas só recebiam uma saia, sem blusa. Outras, só blusa, sem saias. Sentia frio, nua e molhada, parada em pé, ali, até que chegasse a minha vez. Ganhei um vestido preto longo. Disseram-me que tenho sorte. Puseram-nos, novamente, em fila, diante do banheiro. Estava escuro, era 1h da manhã. Um pouco mais tarde, quando os olhos se acostumaram com a escuridão, percebi que havia homens ao nosso lado. Procurava por conhecidos, e então vi papai e meu irmão, que indagavam onde estava mamãe. No momento em que tentava lhes responder, vieram os alemães e me levaram dali. Não se enxergava nada em volta. Havia fogo, chamas, e dava a impressão de que, cada vez mais, nos aproximávamos do fogo. Tínhamos medo, mas não chorávamos. Havia, entre nós, quem chorasse e gritasse, eles eram levados para um outro lugar. Sei lá pra onde.”

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan: Quantos campos que existiram, no total? A gente tem esse número?

Carlos: Esse número não é... Eu posso dizer que ele não existe, e eu vou te explicar o motivo. É a mesma pergunta que se faz sobre os guetos. Algumas pessoas falam, “ah, são 700

campos... foram mil e tantos campos...” Nem todos os campos... Primeiro que não existiam apenas campos de concentração, existiam vários tipos de campos. Tinham campos de prisioneiros de guerra, campos de trânsito, os campos de extermínio, e por aí vai. Outra dificuldade é a de que não existiam apenas campos fixos... Eu posso dizer, campos permanentes. Existiam muitos campos que eram temporários. Campos que existiram por um mês, ou campos que existiram por uma semana, campos que existiam por alguns dias. Então, a gente não tem... Não consegue estimar. O que a gente consegue é estimar, por alto, é que, pelo menos, sobreviventes... Pelo menos 700 mil pessoas que sobreviveram ao Holocausto, passaram por alguns campos, foram registradas em algum momento.

Ivan (narração): Os números astronômicos e a complexidade de documentos existentes sobre o funcionamento dos campos de concentração, às vezes, mais dificultam entendê-los do que, necessariamente, ajudam. Para se ter uma ideia, há sempre uma certa confusão de estimativa sobre quantos judeus teriam realmente morrido nos campos. O número mais aceito é em torno de 6 milhões, mas esse cálculo depende da própria noção que se monta acerca do que é, efetivamente, um campo de concentração.

Carlos: Isso é um outro problema, pra se chegar naquele número de 6 milhões de nomes, é que muitos não passaram por campos ou por guetos. Então, eles não foram registrados. Muitos foram simplesmente chacinados, mortos, principalmente na invasão da Alemanha à União Soviética. Entravam nas casas das pessoas, tiravam, levavam pra ravinas, pra bosques, simplesmente assassinavam essas pessoas ali, sem nenhum tipo de registro. Já no caso do campo de concentração, do gueto, tem ali algum tipo de documento, algum registro, seja ele o próprio aparato nazista ou dos seus colaboradores. Então, é muito difícil estimar. É muito difícil chegar a um número exato. Existiam campos que duravam um dia...

Ivan (narração): Não havia apenas essa instabilidade sobre o número exato de campos de concentração, havia também os constantes deslocamentos de prisioneiros entre campos, que foi o caso de Lili, que havia sido, antes, alocada na Hungria, mas, em seguida, foi para Auschwitz.

Ivan: Auschwitz é tão citado por causa do tamanho que tem? É essa a importância que tem, do campo?

Carlos: É, pela complexidade do próprio campo em si. Mas eu acredito que tenha se tornado uma referência, falar de Holocausto significa falar de Auschwitz, pela dimensão dele. Isso também é perigoso, do ponto de vista educativo, porque a gente restringe o Holocausto a um campo, por maior que ele seja, por mais representativo que ele seja. Mas ele se tornou um símbolo disso tudo, pela dimensão dele, pelo tamanho, pelo número de pessoas e pela complexidade que era todos aqueles trabalhos em vários campos, em várias fábricas. Tudo isso se tornou símbolo.

Ivan (narração): Separada de seus pais, Lili ficou sem sua família, e dela, enquanto esteve no campo, chegou apenas a ver seu irmão, uma única vez, através das cercas que separavam homens de mulheres.

Lili: Depois nos levaram para um... *lager*, como se fala?

Noemi: Um *lageré* tipo um... uma parte do campo

Lili: É... tinha um, tipo, cabia mil pessoas dentro...

Noemi: É tipo um barracão.

Ivan: Você tinha quantos anos?

Lili: Eu tinha dezessete.

Ivan: Dezessete. E você... eram só meninas, daí, que ficavam?

Lili: Tinha separado, meninas... meninos... O *lager*, como se falava?

Noemi: É alojamento, barracão.

Lili: Mas inteirinho era só de mulheres, outro só de homens.

Ivan: E separado por idade?

Lili: Não!

Ivan: Não?

Lili: Não... quem eles deixaram já tinha a idade que eles queriam para trabalho.

Ivan: Como que... Depois que foi feita a seleção, como é que era dividido o campo, ah... digamos, trabalhadores ficavam num galpão, ou o pessoal ficava em outro, como é que ficava isso?

Carlos: Depende muito, no caso de Auschwitz, como era muito grande, era dividido em vários subcampos, tudo isso era muito relativo. Existiam partes do campo que não existia estrutura nenhuma, existiam barracas. Eram barracas que só se cobria o teto e as pessoas dormiam no chão.

Lili: E tinha... tinha, se chama cama, três andares de...

Noemi: De madeira, né?

Lili: É, de madeira. Era largo, cada parte dormiam dez pessoas. E alguém queria virar, então virava todo mundo.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Chegamos à uma construção de madeira que chamavam de Bloco. Mil de nós foram enfiados neste Bloco. Dentro, também estava escuro e ouvia-se apenas uma voz rude que, gritando, ordenava: ‘Sente-se onde estiver!’ Senti um cimento úmido, não me sentei, ajoelhei apenas. De madrugada, acho que por volta das três da manhã, mandaram-nos sair. Mostraram como devíamos ficar paradas e nos leram as regras de como devíamos nos comportar. Levantar, geralmente às três da madrugada, ir em fila até o banheiro, voltar em fila. Ficar em fila de cinco, que era chamada de *Zeltapow*, Às 5h, viria um alemão que faria contagem de quantos éramos. Às 6h, seria distribuído um café, e quando ouvíssemos um sino, o *Zeltapow* estaria encerrado. Feita a revista, de volta ao pavilhão, em filas. Ao anoitecer, às 6h da tarde, seria distribuído o jantar: duzentos gramas de pão, sopa e uma colher de margarina. Ficar em pé das 3h às 6h era horrível. Quando percebíamos que não havia um alemão por perto, abraçava-nos para não sentir tanto frio. O pior mesmo era antes do amanhecer, quando fazia mais frio. Mal podíamos esperar aquela água negra e quente. Café, aquilo não era. Uma tarde, eu nem consegui morder o pão que nos haviam distribuído, parecia um simples pedaço de tijolo. De fato, era feito de pó de madeira. No primeiro dia eu não comi nada, nem no segundo... Mas depois precisava... eu tinha fome e aquilo que eu recebia também era pouco. Num campo, éramos trinta mil. Trinta blocos com mil pessoas cada. Campos iguais, um do lado do outro, havia uns vinte. E mais longe, onde nem a vista chegava, havia mais. O campo tinha um quilômetro de comprimento. No final, havia uma guarita. O campo era cercado por arame eletrificado. Haviam oito crematórios sempre acesos. Podiam se ver as chamas.”

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan (narração): Neste momento, eu noto a sua tatuagem, já apagada com o tempo, mas ainda legível. Letras e números, A16334. Uma prática comum para controle de prisioneiros.

Lili: As crianças, quando eram pequenas, perguntaram “o que é isso?” E eu falei que era número de telefone... **(os demais riem)**. Eu nunca quis contar. Mas isso era... era... quem entrou para trabalho foi tatuada...

Ivan: Mas como que tatuaram?

Lili: Assim... Não doía...

Ivan: Não doía?

Lili: Não.

Ivan: Porque essa doeu!

Ivan (narração): Eu aponto para as tatuagens no meu braço esquerdo, que ocupam ele inteiro.

Ivan: Essas doeram! (risos)

Lili: Dói? Ah, você tem...

Ivan: É eu tenho...

Lili: Dói?

Ivan: Doeu, para mim doeu! (risos)

Lili: Ah, mas também não é... não é esse pouquinho! Tem muito!

Carlos: Os números, eles eram restritos ao complexo de Auschwitz. Então, quando a gente vê que um sobrevivente tem tatuado esse número no braço, significa que ele passou em algum momento por Auschwitz. Mas o contrário também não corresponde, isso não quer dizer que todos aqueles que passaram por Auschwitz tenham a marca no braço.

Noemi: É com agulha mesmo que eles faziam?

Lili: Acho que sim, tipo caneta.

Ivan: Tinta de caneta e agulha...

Lili: É... Você também?

Ivan: É... para mim era uma maquininha, foi mais fácil.

Lili: À máquina...

Ivan: É.

Carlos: Esse número, ele era marcado num sistema bem primitivo de tatuagem mesmo, existiam nove números, né. 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8; o 6 e o 9 eram o mesmo, e números individuais, cada um deles com dezenas de pequenas agulhas, como é feita a tatuagem. E esse número também não existia nenhuma determinação de que todos seriam feitos no mesmo lugar, no mesmo braço. Então, alguns são feitos na parte próxima do pulso, outros na parte frontal do braço. Então, não existia nenhum rigor do local.

Noemi: Essa letra “A”, mãe, o que tem no teu braço...

Lili: Auschwitz.

Ivan: Auschwitz.

Lili: Eu acho... ou *Arbeitslager*.

Noemi: É, uma vez você me falou que era *Arbeitslager*, que era Campo de Trabalho.

Lili: Campo de Trabalho...

Ivan: É isso que eu queria saber. Funciona... Tem uma... é um código que significa alguma coisa.

Carlos: Esses números, alguns com letras, outros sem letras, eles se referiam exatamente ao registro daquele prisioneiro em Auschwitz. Se é um prisioneiro que foi realocado para um campo, um sub, como existiam vários sub campos, um subcampo de trabalho específico, para uma fábrica de um trabalho específico, eles eram marcados ali. A partir do momento que saíam desse campo, eram deportados para outro campo, aquele número, aquele símbolo, ele já não era mais representativo para o próximo que ele passaria. E aí, normalmente, o que acontecia na maioria dos campos era um número no próprio uniforme, na própria blusa, ou camiseta, ou casaco que se usava. Por isso, de novo, as tatuagens são muito específicas de Auschwitz e a gente acaba imaginando que em todos os campos, em todas as situações tatuavam o número na pessoa. Na verdade, não.

Ivan: É, porque até a Lili, quando ela vai explicar também o significado da tatuagem, ela se confunde. Ou não, eu não sei se ela tem certeza de que o “A” poderia significar tanto Auschwitz quanto *Arbeit*, que é trabalho em alemão, não é?

Carlos: É... o que eu posso te dizer é que pelos registros que a gente conhece, esse “A” seria de *Arbeit*, seria de “trabalho”. Era realocada para um subcampo de trabalho ali. Mas existem outros casos que (incompreensível), que começam com a letra B. E aí, a gente pode estipular que B pode ser alguma coisa relacionada à Auschwitz, ou se existia uma conotação simples de A, B, C, D; uma sequência alfabética simples.

Ivan: É, eu tava vendo que pode se referir também ao grupo de judeus que chegaram. Então, grupo A, grupo B, grupo C.

Carlos: Exatamente, uma separação alfabética simples. Alguns dizem que pode estar direcionado a questões regionais, de grupos de deportados, de onde aquelas pessoas vêm, de que lugar elas vêm. Mas a gente nunca teve uma determinação exata, e é muito comum também essa confusão.

Ivan: É que parece que é um sistema de registro que foi evoluindo com o tempo também. Uma época significa uma coisa, e depois outra.

Carlos: Exatamente. Por isso mesmo que a gente vê alguns que nem têm letra. Que é comum também não ter a letra, não ter o A, nem o B, nem o C. Tem números que são maiores, tem números que são menores, e aí você... provavelmente os que tem números menores chegaram antes, ou não, também não tem lógica que os números mais baixos sejam aqueles que chegaram primeiro, também não é essa a lógica. Então, acredito que provavelmente seja isso mesmo, um sistema de gerenciamento que foi evoluindo.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO: NOEMI JAFFE NARRA)

“O número no braço dela é A16.334. Os judeus da série A foram presos a partir de maio de 1944. Foram contabilizados 20.000 homens e 29.354 mulheres. Dentre essas mulheres, portanto, ela era de número 16.334. Quando a filha visitou o museu do holocausto Yad Vashem, em Jerusalém, em 2010, buscando encontrar o diário dela que está lá guardado, a diretora do museu encontrou casualmente um registro de funcionárias da cozinha de Auschwitz de 1944. Era um registro elaborado por um oficial nazista. Lá estavam o nome e o número dela, além do de várias outras companheiras. O efeito de ver o número no braço dela já como parte de seu corpo e da composição de sua figura, tanto que ninguém o percebe mais, e o efeito de ver seu nome e o número escritos numa folha de registro do campo, grafados por um oficial nazista, é radicalmente diferente. Era como se a filha o estivesse vendo pela primeira vez, como se nunca soubesse que a mãe tinha um número tatuado no braço, nem mesmo que ela tivesse sido prisioneira. Então, aquela história que foi contada em casa, na sala, na cozinha, na infância, também está guardada em registros oficiais, aconteceu de verdade? Tudo aquilo que foi contado, que tem dimensão de realidade somente dentro da imaginação de quem escuta e na lembrança de quem viveu, teve corpo, tamanho, volume, também nas mãos de um soldado? Ele escreveu o nome e o número dela? Não era exatamente a infração que os nazistas tatuavam no corpo dos prisioneiros, mas a identificação inapagável de que se tratava de um prisioneiro. Servia para facilitar o trabalho dos nazistas e para inscrever na carne do condenado sua maior e única infração: existir. Aquilo que fica inscrito na carne como as rugas, a flacidez, mas, acima de tudo, as tatuagens, adquire, dá à pessoa o sentido da existência. Ela existe porque tem essa marca, e tem essa marca porque existe.

– Mãe, você sabe o que significa este A na sua tatuagem?

– sei, é Auschwitz.

– Não, não é! Eu sei, é arbeit, trabalho.”

(FADE IN e fade out DE TRILHA SONORA)

(FIM DA LEITURA DO TRECHO)

Ivan (narração): Noemi Jaffe, lendo o capítulo chamado “Tatuagem”, de seu livro “O que os cegos estão sonhando?”

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): O “A” no seu braço pode, então, significar tanto Auschwitz quanto Arbeit, trabalho em alemão. E foi essa rigorosidade em registrar seus prisioneiros que permitiu aos pesquisadores entender quantas e quais pessoas foram aos campos alemães e o que exatamente teria acontecido com elas.

Ivan: Por quê eles registravam todas essas atrocidades? Em algum momento, será que não passava pela cabeça deles que um dia toda aquela eficácia em registrar coisas horríveis

poderia ser ruim pra eles? Ou eles tinham tanta certeza de que iam ganhar a guerra que não se importavam em fazer isso?

Carlos: Não é nem uma questão de se importar ou não se importar. A questão do registro é, desde o início, era importante pra se mostrar para as próximas gerações o bem que foi feito. Vou te mostrar um exemplo. Já existem comprovadamente, não são teorias, que já desde o fim dos anos 30 e já no início dos anos 40, ainda no início da guerra, já se tinha um plano para se criar, em Praga, um museu judaico. Mas como assim um museu judaico? Era um museu da vida judaica que tinha acontecido ali até aquele momento. Qual que é essa ideia? A ideia era mostrar para as gerações futuras como se havia exterminado uma praga, como se havia resolvido um problema da Europa. Por que o que tem, o que o holocausto possui de diferente, de inédito, de sem precedentes em relação a outros genocídios? Se a gente for parar pra pensar, não é a brutalidade física incomparável um com o outro, não é o número de pessoa, isso também não faz nenhuma lógica, não é o grau de sofisticação do sistema de extermínio, que isso também é incomparável. O que pode ser? E o que a gente determina que como aquilo que é o sem precedentes, o inédito, é justamente essa ideia de totalidade, de globalidade, como se o extermínio dos judeus fosse a solução dos problemas da Alemanha, da Europa e do mundo. Isso devia ser mostrado para as próximas gerações. Então, se registrava. Boa parte dos registros que a gente tem são registros vindo de material bruto que seriam usados em propagandas. E a gente sabe o tamanho de investimento que se foi feito pelo ministério da propaganda nazista. Então, o uso desses materiais como propaganda, futuramente com um material para se mostrar às próximas gerações o bem que foi feito, era o principal estímulo.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO: NOEMI JAFFE NARRA)

“O guia de um grupo de turistas. Vamos agora para as câmaras de gás. Os antigos barracões de prisioneiros agora são blocos divididos por nacionalidades. Há o bloco húngaro, o bloco romeno, o bloco iugoslavo, o bloco grego. As portas do bloco húngaro lembram as portas do banco de ‘O Processo’. Quando K. estava próximo de uma dessas portas, ele ouve um barulho de espancamento. Abre a porta e vê um homem sendo espancado. Pergunto o que estava acontecendo. O espancador responde: ‘eu sou um espancador, eu espanco.’

Na exposição geral, ‘*The one who does not remember history is bound to live through it again*’, Mauricio Santaiana.

Correspondência entre alemães mostrando os valores retirados de judeus: 124.940 zlotys; 20.415,00 rublos; 15.537,00 ‘carbunes’; 500...”

(FADE OUT E FADE IN DA NARRAÇÃO)

“Mensagens secretas do movimento de resistência do campo à organização secreta clandestina: 9 314 7 4 3 24 3 2 8, 7, 0...”

(FADE OUT E FADE IN DA NARRAÇÃO)

“Cálculo do custo de construção de um crematório: 19 mil marcos...”

(FADE OUT E FADE IN DA NARRAÇÃO)

“Zyklon B: Marca registrada de um pesticida a base de ácido, cloro, nitrogênio; que foi utilizado pelos nazistas como veneno no assassinato em massa por sufocamento nas câmaras de gás, era ativado em contato com o ar.”

(FADE OUT E FADE IN DA NARRAÇÃO)

“Roman Nadolski, Roman Yopala, Kal Kassler, Lao Rajner, Pola Fogilman, Sima Szfranska, Raquel...”

(FADE OUT E FADE IN DA NARRAÇÃO)

“Roupas de bebê, bonecas sem cabeça...”

(FADE OUT E FADE IN DA NARRAÇÃO)

“Triângulo vermelho: prisioneiros políticos. Triângulo verde: criminosos. Triângulo vazado dentro de quadrado: ciganos. Triângulo preenchido dentro de quadrado: antissociais. SU:

Prisioneiros de guerra soviéticos. Triângulo rosa: homossexuais. Triângulo roxo: testemunhas de Jeová. Uniformes listrados. Em cada bloco, haviam de 700 a 1000 prisioneiros.”

(FADE IN DE TRILHA SONORA, QUE CESSA ABRUPTAMENTE)

“No banheiro, há uma pintura de dois gatinhos se lambendo, para lembrar a importância da higiene. Uma criança lavando a outra com uma tina de água.”

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan (narração): Noemi Jaffe, lendo o capítulo “Em Auschwitz”, de seu livro “O que os cegos estão sonhando?”

Lili: Lá estava com minhas primas, tinha três primas, que ficavam sempre juntas.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Primeiro de Agosto de 1944. À tarde, depois da revista do Pavilhão, apareceu um homem com uma faixa vermelha no braço, ele era chamado de *Capo*, era inspetor da cozinha e Alemão. Escolheram mulheres fortes para cozinha. Minhas três primas foram escolhidas com outras 40. Eu estava fora dali naquela tarde, pois fui ver a Kátia. Quando cheguei, contaram-me, fiquei desesperada, eu não queria me separar delas. As quarenta escolhidas tinham de ficar fora da fila. Chovia forte. Eu tinha uma blusa fina de véu com saia preta. Devíamos ficar em pé, não podíamos se quer erguer as mãos. Quando terminou a revista, queria me enxugar um pouco as mãos e, assustada, vi que não havia mais blusa em mim, desfez-se com a chuva. Como não podia ficar em pé ali nua, apanhei o minúsculo cobertor que já tínhamos e fiquei parada assim. Lamentei muito me separar de minhas primas. Chorei, e pensei, o que poderia fazer?”

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Lili: Quando cheguei, as minhas primas falara, “E agora, o que vamos fazer? Foi escolhido quarenta meninas para ir na cozinha e você não tava.”

(EFEITO SONORO DE PULSAÇÃO LENTA E GRAVE)

Lili: Ficamos na fila, quarenta meninas, e o Alemão veio contar e falar que “o que aconteceu, invés de quarenta tem quarenta um?” Todo mundo ficou quieto. Então, ela falou que “Se não vão falar quem entrou, eu vou selecionar de novo”. Então, selecionou de novo e chegou para minha vez e falou, “Eu te escolhi?” eu falei “Esqueci”. Ela deixou e tirou outra. Quem entrou na cozinha foi salva por que tinha comida.

Ivan (narração): Agora na cozinha, ela tinha uma função, já estando menos suscetível a ser morta pelos nazistas. Mas estando lá, ela se viu capaz de fazer mais do que apenas cozinhar, e essa é uma parte da vida no campo de concentração que nós geralmente não ouvimos muito.

Lili: a Minha prima trabalhava no lugar onde distribuíam margarina. Margarina era grande coisa por que nós roubamos comida e colocamos a mão entre a grade eletrificado.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Passou-se quase um mês desde que estou na cozinha. Acostumei-me ao fato de que tínhamos tanta comida quando precisamos, mas isso não bastava. Tínhamos muitos conhecidos que passavam fome, não podíamos ficar inertes vendo isso. Esgoto-nos de trabalho, mas vamos adiante. É muito perigoso roubar, ainda que de modo organizado. Coitado daquele que for apanhado por um alemão. Ainda assim, começamos. Uma vez que os nossos conhecidos não estão em nosso campo, eu tinha que entregar tudo pela cerca eletrificada. Isso era muito perigoso e apenas eu tinha coragem de fazê-lo. O primeiro alemão que visse atiraria imediatamente. E mais, minha mão não podia tocar no arame eletrificado, porque isso também era a morte. Mas eu não temia, não tinha medo da morte, por isso encarava tudo com frieza.”

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Carlos: Nos campos de concentração nazistas que a gente tá acostumado a falar, normalmente eram feitos muitos desses contrabandos, que partiam dos carregamentos, partiam da cozinha e eram utilizados para se trocar com outros setores do campo. Por

exemplo, no caso de Auschwitz, que você tinha uma parte homens, uma parte para mulheres, uma parte para prisioneiros que não eram os judeus que vieram de outras partes. Muitos traziam com eles algumas coisas que era possível ser trocadas. Então a troca, o contrabando de comida, este caso, no caso que ela contou do desvio de comida de dentro da cozinha, e isso era muito arriscado, perigoso, mas muito comum também.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“Primeiro de setembro de 1944. Tive muitas dores na perna, o mais terrível era o fato de que já era o segundo dia assim, sem conseguir trabalhar. No primeiro, pensei que nunca mais seria capaz, mas eu não podia fazer nada, aqueles para os quais levava coisas já então estavam famintos, e eu tinha coisa à mão. Não podia suportar a incapacidade de lhes levar algo.

Um dia eu atravessava o campo, olhei para o campo masculino que ficava ao lado do nosso. Procurava conhecidos, como sempre. Quase no último pavilhão, ouvi dizer que havia alguns recém-chegados. Gritei, indaguei a respeito de Papai e do meu Irmão.

Saiu um rapaz do bloco, que me disse que esteve na fábrica junto com meu Pai. Pedi-lhe que me falasse sobre Papai e ele me disse que trabalhavam juntos, parecia estar bem, tinha o que comer e, além disso, recebiam cigarros também. ‘E como não fumava, dei-lhe os meus cigarros’. Perguntei por que ele estava ali agora.

– Porque estou doente, tenho malária. E além disso, estou magro. Tenho 32 anos e receio que me levem ao crematório.

No mesmo dia, levei-lhe um pacote de quinino que conseguira arrumar, pão e açúcar. Por sorte, consegui passar tudo. Levava-lhe, assim, alguma coisa todos os dias. Certo dia, faz 5 dias, arrumei quinino de novo e um pacote de comida, atirei sobre o arame. Agradeceu-me e disse-lhe: ‘Vá, corra para que ninguém perceba’. Abaixou-se para apanhar o pacote e, no mesmo instante, surgiu um alemão no seu campo, e no nosso, a alemã. Percebi tudo e me escondi entre as outras garotas, o coração pulava na minha garganta e eu olhava para minha perna dolorida, ao mesmo tempo. Observava-o e me doía ver como o alemão surrava brutalmente. Tirou-lhe o pacote, atirou no chão e não deixou de espancá-lo até que não desmaiasse.”

(EFEITO SONORO DE IMPACTO)

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan (narração): Elas roubavam comida da cozinha, especialmente margarina, segundo ela, para poder passar para os prisioneiros do outro lado, especialmente os homens que estavam separados por uma grade eletrificada. Até o dia em que uma soldada alemã descobriu.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“- O que você está fazendo aqui?

Alice, assustada, respondeu:

– Peguei um pouco de margarina.

– Como assim?

– Bem, somos quatro irmãs. E como não estamos nos sentindo bem, juntamos as nossas porções.

– É isso que você me responde?

Esbofeteou Alice.

– Mostre-me suas irmãs.

Eu não estava lá. Em meu lugar, apresentou-se uma de nossas amigas.

– Ahh, então são vocês. Vocês ficarão de joelhos diante da cozinha, até a revista, que será a 1h30. Se, até lá, vocês não confessarem quem de vocês roubou a margarina, atirarei as quatro no crematório.

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Lili: Perguntou quem foi... E as três irmãs não queriam falar quem foi a irmã. Então, falaram para eu aceitar, eu aceitei.

Ivan: E o que aconteceu?

Lili: Então... alemão falou que “você sabe o que vai acontecer com você?” E comecei a chorar e pedi desculpas, mas... alemão não queria deixar que eu me salvasse.

Ivan (narração): Um oficial alemão entra em cena, e era ele quem iria decidir o destino de Lili.

Lili: Me colocou no joelho, no...nas pedras bicudas. Tinha que segurar uma pedra em cima da cabeça, duas horas.

Ivan: E você ficou duas horas?

Lili: Fiquei lá.

Ivan: E depois?

Lili: E depois ele falou “levanta-se e vai embora!”

(EFEITO SONORO DE UM PULSO GRAVE)

Lili: O alemão tinha dó de mim. E eu pra levantar?... Foi difícil de levantar, tava todo machucado o meu joelho.

Ivan (narração): Essa atividade de roubar comida da cozinha era extremamente perigosa, mas havia outros motivos para elas fazerem isso, além de ajudar os mais famintos.

Ivan: Você continuou roubando comida depois disso ou...

Lili: Não, a gente ajudava ainda, porque do outro lado tinha gente que tinha malária, e se a gente deu margarina ou uma coisa que vale, eles venderam e receberam remédio. Porque nós tínhamos bastante comida, trabalhávamos na cozinha... então... tínhamos bastante comida, então a gente ajudava quem podia.

Ivan: E eles ajudavam também?

Lili: Não.

Ivan: Não tinham nada pra ajudar?

Lili: Eles não tinham. Por isso a gente ajudou. Porque eles não tinham.

Ivan: Como é que conseguia o remédio que você citou?

Lili: Eles vendiam a margarina, não sei para quem, eles recebiam o remédio.

Ivan: Então eles davam a comida que vocês deram e ganhavam remédio?

Lili: Isso.

Ivan (narração): Existia, então, uma economia em Auschwitz, baseada especialmente no sistema do escambo de produtos roubados ou contrabandeados. Era uma forma de sobrevivência importante, que sem dúvida salvou muitas vidas. E nesses casos, sem dúvida, o crime compensa.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan: O que mais você lembra da sua vida lá?

Lili: Não tem nada pra lembrar... foi sorte que eu entrei na cozinha, porque o resto morria de fome. Tinha uma amiga que... eles procuravam gente que são gêmeas. E ela era gêmea de... de uma... não estava junto com ela. Levaram ela no hospital e fizeram... fizeram...

Noemi: (incompreensível).

Lili: Hã?

Noemi: Experiências.

Lili: Experiências. Coitada, eles judiaram tanto até matar. Até morrer. Eles são capazes de dar... dar... não cimento... esse pó, como...

Noemi: Cal?

Lili: Cal. Cal para engolir, para ver o que vai acontecer.

Ivan: Só pra saber...

Lili: Só pra, é... experiência.

Ivan: Eu ouço essas diferentes terminologias, né. Campos de trabalho, campos de concentração, campos de morte. Quais são as classificações e quais as diferenças, assim?

Carlos: Bom, é... o mais conhecido, o que acaba se tornando uma metonímia dos campos é o campo de concentração. O campo de concentração é... a diferença entre o campo de concentração e o campo de trabalho era muito sutil. Normalmente, nos campos de concentração, se separava a mão de obra pra se trabalhar. A diferença principal entre um campo de concentração e um campo de trabalho é que, normalmente, no campo de trabalho, se trabalhava não no campo, não apenas pro funcionamento do próprio campo.

Porque no... vou dar um exemplo. Nos campos de extermínio, existia trabalho, ele era também um campo de trabalho, eram separadas pessoas para fazer o trabalho de funcionamento do próprio campo. No campo que a gente chama de campo de trabalho, eles tinham trabalho que são feitos dentro do campo, mas não apenas para o funcionamento dele. As quatro principais formas de campos nazistas que existiram são os campos de concentração, a maior parte deles, os campos de trabalho, os campos de trânsito, que eram apenas usados pra relocar, pra organizar as deportações e enviar para outros lugares, e os campos de extermínio que... é, nós crescemos ouvindo que eram seis, né. Que eram os campos onde eles tinham as câmaras de gás. Chełmno, Treblinka, Sobibór, Majdanek, Bełżec e Auschwitz. Mas hoje outros campos já fazem parte dessas terminologias. Campos de extermínio, por exemplo, que foram usados não câmaras de gás, mas fuzilamento, por exemplo. Normalmente a gente usa essas quatro terminologias, mas elas se misturam muito, elas acabam se tornando líquidas. Por exemplo, no caso de Auschwitz. Auschwitz, o que era Auschwitz? Auschwitz era um campo de extermínio, de trabalho, de trânsito, ou um campo de concentração? Eu respondo para você. Era os quatro. Então a gente inclusive costuma tratar Auschwitz, especificamente, que era o maior deles, não como um campo, como um complexo. Porque dentro de Auschwitz você tinha alguns campos de concentração. Auschwitz 1, Auschwitz 2, que era Birkenau, Auschwitz 3, todos os campos satélite que eram campos de trabalho, você tinha um grande complexo. E nesse complexo, essas quatro denominações se inseriam. Então, Auschwitz acaba sendo um complexo de campos, dentre eles campos de extermínio, campo de concentração, campo de trânsito e campo de trabalho. Então essa denominação, ela também é contemporânea. Não se tinha muito claro no período, bom, esse é um campo disso, esse é um campo de outra coisa. Nós, a historiografia, ao tentar resgatar essas experiências, tratou de diferenciar, de alguma forma, que hoje existem mapas e registros de que seria um campo disso, que seria um campo de outra coisa. Mas no período, até pela... pela forma como que muitos campos tinham características não próprias, como campo de trânsito não era só um campo de trânsito, muitas vezes, isso fica mais difícil a gente estabelecer duramente que existiam apenas essas quatro formas de campos.

Ivan: É, você citou aí vários campos e eu lembro que eu já... alguém já me falou, ou eu li, não me lembro, que um dos piores, se é que a gente pode colocar aqui que é um dos piores sofrimentos, né, mas que Dachau era um dos piores, assim, né...

Carlos: É. É. Dachau é um exemplo de um campo de concentração que também era um campo de trabalho. Não existiam campos específicos de extermínio na Alemanha. Mas Dachau, uma das minhas avós foi libertada de Dachau pesando 27, 28 quilos. Ela perdeu a família inteira, e ela acabou chegando a Dachau no final. E é muito interessante a gente entender como a maior parte, a maior parte, boa parte das vítimas, elas não se restringiram a um campo apenas. Elas foram indo de campo a campo, seja transportados em vagões de gado, seja naquelas caminhadas, naquelas marchas da morte de um campo até outro. Então, é muito comum ouvirmos dos sobreviventes que eles passaram por vários campos de concentração. Dentre eles, muitas vezes, o próprio complexo de Auschwitz. E chegou a Auschwitz, e se estabeleceu, durante algumas semanas, num campo satélite que era um campo de trabalho ou

um campo satélite que era um campo de *transfer*, e foram realocados para outro campo, por exemplo Dachau. Isso é muito, muito comum.

Ivan: Sim, mas eu já ouvi falar que em Dachau ocorriam, por exemplo, experiências...

Carlos: Existem registros de experiências médicas extremamente contestadas no campo da bioética, hoje em dia. Entre eles, Dachau, Auschwitz, Bergen-Belsen, Buchenwald, todos eles na Alemanha. Existiam outros campos. Existe uma discussão se eles são considerados campos de concentração ou não, ou se são considerados campos de extermínio ou não, que são centros que ficaram conhecidos como centros de eutanásia, que de eutanásia não tinha nada, eram centros de extermínio, em que vítimas que eram escolhidas e que se determinava que existia algum tipo de deformidade ou problemas físicos que iam contra a ideia, a teoria da pureza racial, eram mandados a estes centros e ali eram feitas experiências até o descarte dessas pessoas. Em Dachau, existia. Mas em outros lugares existia. E Auschwitz talvez tenha sido um polo de experiências médicas, experiências com mulheres grávidas, com gêmeos, experiências relacionadas à cor dos olhos, câmaras de oxigênio. Tem vários relatos como estes. E como eu disse, são extremamente questionáveis, não apenas os métodos, mas também os resultados, do ponto de vista da ciência contemporânea.

Ivan: Aham... É que até a Lili também mencionou que ela conhecia duas irmãs gêmeas no campo e que foram levadas para experiências.

Carlos: Exatamente, era muito, muito comum.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Como se não bastassem todos os maus tratos sofridos, havia ainda outro fator que tornava a vida mais difícil. O frio.

Lili: Gente... é... não dá pra acreditar. Tinha dez grau embaixo do zero, gente tinha que limpar a estrada, a calçada do neve, com chinelo e uma camisa, a gente pegava o cobertor e fizemos um buraco para pôr a cabeça e íamos para não ficarmos congelados. E com a... cena... cena?

Noemi: Feno.

Lili: Feno? Com o feno a gente costurava do lado para poder usar como se fosse casaco.

Ivan: Fechava, do lado?

Lili: É. O alemão veio, falou “vocês viram? Elas estão limpas”. Porque a gente tirava a noite pra não sujar, pra poder por de manhã. Então, é. Ela nos mostrou para outros o que a gente fazia.

Ivan (narração): Talvez você se pergunte como que é possível alguém chegar nesse nível de apatia com outro ser humano. Para entendermos isso, é necessário lembrarmos que boa parte dos esforços de propaganda nazista visavam desumanizar o judeu, assim como outros grupos sociais, como ciganos, homossexuais, comunistas. O campo de concentração era o fim desta trajetória de discriminação. Lá o oficial nazista não entendia aquele indivíduo como uma pessoa, assim como o próprio judeu já se via muito enfraquecido.

Lili: Às vezes, sozinha, pensando o que eu ia fazer com essa gente, que maltratava nós. Eu não sou vingativa, não conseguia. Eu não ia conseguir fazer. Não consigo ser vingativa.

Ivan: Nunca guardou ódio?

Lili: Nunca. Especialmente ódio, não. Tristeza, sim. Ódio? Odiar para matar, ir lá, não ia conseguir.

Ivan: Mas outras prisioneiras tentaram? Num momento...

Lili: Mas que tentaram? Não tem. Ninguém tentou nada.

Ivan: Nunca tentaram se organizar e...

Lili: Não.

Ivan: Por que você acha que não?

Lili: E por que você acha essas... essas pessoas que vão agora na Iraque cortar cabeça, eles se deixam? Por quê? Também a gente não sabe. Por quê? Se sabe que vai morrer, por que não se levanta e vai em cima dele? Também é para perguntar, né?

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Lili: Eu não sei porque a gente se deixa.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan: Tinha momentos no campo em que tinha alegria?

Lili: A gente fazia... um pouquinho... lembranças. A gente falava do comida, como a gente fazia, como foi. A gente falava isso.

Ivan: Você pode me contar um caso?

Lili: É... a gente ficou sentada em cima da cama (risos), e contava, minha mãe fazia... esse... de batata, assim...

Noemi: Bolinho.

Lili: Bolinho de batata. A gente fazia assim, a gente falava como que se faz.

Ivan: Você e suas primas?

Lili: É. E com outros também. Tinha lá uma mulher que olhava na mão o quê vai acontecer.

Ivan: Era uma cigana?

Lili: É. Ela começou ler minha mão e falar que você vai viajar longe e você vai ter três filhas (Risos. E aí, eu escrevi no livro isso).

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): No final de 44, corriam notícias de que as forças aliadas se aproximavam. Lili e outros tantos prisioneiros foram retirados de Auschwitz e começaram a ser deslocados pelas tropas alemãs.

Carlos: Já no finalzinho da guerra, com a derrota iminente, e com a aproximação do exército soviético, por exemplo, os campos começaram a ser evacuados, e aí, destruídos. Auschwitz, boa parte dele, foi destruído na retirada. E aí, sim, começa a destruição de material, de documentos. Corpos que não dava mais tempo para ser incinerados começam a ser enterrados pra fuga. Mas até determinado momento, o registro era importante pra propaganda, pra o que estava sendo feito para as próximas gerações, o bem que estava sendo feito.

Ivan (narração): Novas viagens em trens de carga, acompanhados por oficiais da SS, e a total incerteza do que aconteceria. Sobreviveriam? Seriam Assassinados? Na fronteira com a Dinamarca, tinham que tomar algumas decisões.

Lili: Já foi fim da guerra, quase fim. A gente tinha tanta fome que nós saímos dos vagões e os alemães que estava conosco também não tinha comida. Então a gente pediu para nos matar porque não aguentávamos mais de fome.

Ivan: Vocês pediram para...

Lili: Para nos matar. E nós sentamos todo mundo assim, a volta, esperando para nos matar. Então o alemão sozinho falou que “nós pedimos ajuda do Cruz Vermelha e eles prometeram que vão ajudar nós, trazer comida. Se não vai chegar, a noite, a gente mata vocês”.

(EFEITO SONORO GUTURAL DE PULSAÇÃO GRAVE)

Ivan (narração): No próximo episódio, o que aconteceu na fronteira com a Dinamarca? Como Lili sobreviveu? Quais os efeitos da guerra em sua cidade natal? E o que teve que fazer para reconstruir a sua vida? Tudo isso, na próxima parte de “As Filhas da Guerra”, aqui no Projeto Humanos.

(FADE IN E FADE OUT DA TRILHA SONORA)

Ivan (narração): O Projeto Humanos é um podcast que visa apresentar histórias íntimas de pessoas anônimas. Ele tornou-se possível graças à ajuda dos patrões do Anticast, que contribuem mensalmente para que nossos programas continuem acontecendo. Se você gostou da nossa proposta e gostaria de ajudar, clique no link do post do Patreon e contribua também. Agradecimentos especiais à Gabriela Gianinni, que me ajudou em algumas transcrições;

Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba, que me auxiliou com vários pontos da pesquisa sobre o holocausto; Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, que me ajudou com questões políticas sobre a história da Iugoslávia. Obrigado também à Domenica Mendes, do site Leitor Cabuloso, que leu algumas passagens do diário de Lili. E é claro, não posso deixar de agradecer Lili, Stella e Noemi, que me receberam de braços abertos e cederam seu tempo e memória para que este programa ocorresse. A trilha sonora utilizada é de Kevin Macleod, do site incompetech.com e do site *Audio Network*. Eu sou Ivan Mizanzuk e vou ficando por aqui. Nos vemos no próximo encontro.

(FADE IN E FADE OUT DA TRILHA SONORA)

FIM

Transcrição por: Eduarda Severo, Murilo Maciel, Pedro Luiz Amorim Pereira, Karina Constancio Sanitá, Junior Lazaro, Sharisy Pezzi, Henrique Pinheiro. Edição por Sidney Andrade. Revisão por Jean Carlos Oliveira Santos

Transcrição do episódio 3 –“A profecia”

Ivan (narração): Ei, pessoal. Aqui é o Ivan, e antes da gente começar este episódio, eu gostaria de agradecer às centenas de mensagens que eu tenho recebido, com elogios ao Projeto Humanos, isso me deixa muito feliz. Obrigado mesmo, de coração. Ah, e muitos de vocês têm me dito que gostariam de mandar um beijo ou dar um abraço na Lili. Então, eu vou fazer um pedido. Vão agora para o Twitter e mandem uma mensagem de carinho para sua filha, a Noemi, que foi responsável em publicar o diário da Lili. O Twitter da Noemi é @noemijaffe, com dois Fs, e utilizem também a #projetohumanos, tudo junto, pra que a gente possa acompanhar tudo que vocês tão falando. A gente tá curioso com isso. E a Noemi vai repassar tudo pra Lili, e tenho certeza que vocês vão fazer ela muito feliz. Vamos ao programa.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

(início de leitura de trecho)

“Primeiro de dezembro de 1944. Estávamos muito contentes nesse campo. Trabalhávamos, descansávamos. Ouvimos hoje uma notícia sobre política, que os russos já chegaram a Auschwitz, e os outros que ainda estavam com eles estão a caminho de *DeuremBerg*. É claro que não ficamos contentes, porque sabíamos que isso significava que éramos gente demais. E depois, tínhamos medo dos alemães que estiveram em Auschwitz. Diziam que havia crematórios aqui também, etc. Etc. Perdemos a vontade de ter diversão.”

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

“10 de maio. Atravessamos a fronteira alemã. Estamos na Dinamarca. O alemão saltou do trem e grita: ‘Hitler morreu, o trabalho está concluído!’”

(EFEITO SONORO DE ESTAMPIDO SEMELHANTE A TIRO)

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan (narração): Olá, pessoal. Aqui é Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos. Histórias reais sobre pessoas reais. Neste terceiro episódio, a Guerra já está no fim, as Forças Aliadas já invadiram a Polônia e os prisioneiros de Auschwitz começaram a ser deslocados em massa. Eles e os soldados nazistas estão na fronteira com a Dinamarca, esperando ver o que vai acontecer. Com vocês, Lili Jaffe.

Lili: A gente tinha tanta fome, que nós saímos dos vagões e os alemães que estavam conosco também não tinha comida. Então, a gente pediu para nos matar, porque não aguentávamos mais de fome.

Ivan: Vocês pediram pra...?

Lili: Pra nos matar. E nós sentamos, todo mundo, assim, à volta, esperando pra nos matar. Então a alemã, sozinha, falou que nós pedimos ajuda do cruz Vermelha, e eles prometeram que vão ajudar nós, trazer comida, se não vai chegar a noite a gente mata vocês. Chegou.

(EFEITO SONORO DE PULSAÇÃO LENTA E GRAVE)

Ivan: Os alemães, então...

Lili: Já sabiam que estavam cercados, com os americanos.

Ivan: Eram os americanos que foram lá?

Lili: É.

Ivan: Não foram os soviéticos...

Lili: Então, eles já sabiam que acabou a guerra. Então, já queriam nos ajudar.

Ivan: Por que você acha que eles quiseram ajudar, então?

Lili: Porque eles também sofreram. Àquela hora eles viram o sofrimento como a gente sofreu.

Ivan: Porque tavam passando fome...

Lili: é.

Ivan (narração): Com a chegada da Cruz Vermelha, os prisioneiros, agora, estavam finalmente salvos.

Ivan: E como foi sair de lá? Quando que...

Lili: Ah, foi... (ela ri) O Cruz Vermelho nos deu comida, depois nos levou para trem de verdade, a gente sentou no assento de couro, sozinha, fomos para Dinamarca. Quando chegamos Dinamarca, a enfermeira esperava-nos com chocolate quente. E depois, falaram que pra fazer fila, tomar comida. E eles deram pouquinho, porque para acostumar o estômago, para comer. Então deram pouquinho, ela falou... Eles falaram “vamos dar pouquinho pra não fazer mal.” E tinha gente que repetia, entrou outra vez na fila. E morreram.

Ivan: Que comeram muito...

Lili: De repente, assim. Eles cuidaram de nós.

Ivan (narração): Eram muitos os prisioneiros que estavam com a saúde tão debilitada que, se comessem demais, o organismo não aguentaria e, literalmente, morreriam de tanto comer. Ou seja, não bastasse ter aguentado já o horror dos campos, os sobreviventes agora tinham que cuidar para não morrer por outras causas decorrentes deles, mesmo que fora deles. Mais uma vez, são fatores que dificultam o entendimento da dimensão do número de mortes que realmente ocorreu nos campos. Mais uma vez, Carlos Reiss, do Museu do Holocausto, de Curitiba.

Carlos: A estimativa é de, aproximadamente, 6 milhões. E esse número se tornou um número importante, é um número referência. Em todos os anos, nos dias de celebração, de lembrança à memória das vítimas, é já costume acender seis velas, cada uma representando o que seria 1 milhão de vítimas. Essa estimativa é muito próxima do que a gente acredita que tenha sido a realidade. Eu vou te dar um exemplo, o Museu do Holocausto de Jerusalém, Yad Vashem, desde os anos 50 tem um projeto de, através de fichas, resgatar o maior número de dados possíveis de vítimas que foram mortas durante o Holocausto. Então, parentes, irmãos, filhos, irmãos, pais, primos. Também amigos, qualquer pessoa que conheça alguma vítima que foi morta durante o Holocausto. Quando a gente fala durante o Holocausto, nós estamos falando qualquer pessoa que tenha sido morta pelo regime nazista ou por seus colaboradores, entre 1933 e 1945. Pode deixar o registro nessa ficha. Então, desde os anos 50 começou-se a fazer isso, e há alguns anos, o Museu em Jerusalém declarou que já tinham chegado numa marca significativa de 4,5 milhões de fichas. Isso já há alguns anos. Claro, retirando qualquer ficha que tenha sido repetida, ou ficha que não tenha nenhum tipo de comprovação, ou autenticidade. Hoje, já se passaram alguns anos disso, acredito que o número esteja próximo de 5 milhões. E eles correm contra o tempo, pra ter o maior número de fichas, porque a geração... Né, a geração das pessoas que podem deixar um testemunho que conhecia alguém está acabando. Então, eu posso dizer pra vocês que, da estimativa de 6 milhões de judeus,

uma estimativa muito próxima, porque acredita ser o número mais perto do exato, quase 5 milhões já não são mais números, já têm nome, já têm sobrenome, já têm lugar de nascimento, já têm um maior número de informações. Isso, um trabalho sendo feito há mais de 50 anos. A gente não pode descartar também, em termos de números, apesar de que como eu disse, no Museu, números são o menos importante, o número de vítimas também de ciganos, homossexuais, Testemunhas de Jeová, deficientes, comunistas, poloneses, eslavos, a lista é grande. Todos esses grupos de vítimas, a gente deve acrescentar mais alguns milhares de nomes aí.

Ivan (narração): Após o resgate, os sobreviventes começaram a ser deslocados para países próximos de seus locais de origem, de forma que pudessem voltar para casa, quando estivessem em condições.

Lili: Depois fomos para Dinamarca, fomos pra Suécia. Lá também tava muito bom.

Ivan: E foi lá que você escreveu o seu diário...

Lili: Como?

Ivan: O seu diário foi escrito na Suécia?

Lili: Foi, né?

Noemi: Foi. Em Malmö.

Lili: Malmö, também. É. Estocolmo.

(INÍCIO DE LEITURA DE TRECHO)

“03 de julho. Os homens muitas vezes vem nos buscar para passearmos. Vou, mas gosto de ir sozinha, ter ilusões, construir o futuro dentro de mim. Penso muito em papai, meu irmão, certamente eles já estão esperando em casa. Infelizmente, sei onde mamãe deve estar. Que ao menos encontre papai e meu irmão. Como seria bom voar até eles para ficar junto deles. Não há nada mais bonito que eu deseje.”

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

(FIM DA LEITURA DE TRECHO)

Ivan (narração): Agora na Suécia, alimentada e aquecida, o horror das experiências do campo podiam até ter ficado para trás, mas suas consequências ainda tinham que ser descobertas.

Lili: Nós tínhamos lá um cônsul Iugoslavo, que veio nos visitar, e ela pediu para a gente ficar e nós não queríamos ficar, nós pensamos, ainda tínhamos a esperança que vamos encontrar alguém em casa. Encontrei meu irmão.

Ivan: Seu irmão estava em campo também.

Lili: Foi, mas ele também se salvou.

Ivan: E seu pai e sua mãe, como é que foi?

Lili: Não, minha mãe foi logo embora, meu pai depois, meu irmão contou.

Ivan (narração): Por um minuto visualize essa situação. Um dia você está em casa com sua família, amigos, sua rotina normal. De repente, do dia para a noite, tudo isso é retirado de você, com base puramente no ódio que o governo tem pelo seu grupo. E, ao finalmente retornar para casa, você descobre que seus pais, diferente de você, não voltaram.

Lili: Gente acha, parece que perdemos o sentido, não sei, acho, quando a gente sofre já sabíamos que eles não estão mais, não sei.

Ivan: Você já sentia que eles já tinham morrido.

Lili: É.

Ivan (narração): Não havia papel, nem lápis, nem caneta em Auschwitz, para Lili escrever. Mas assim que pôde, ela se esforçou em registrar o que lembrava, o que implica que seu diário possui também um pouco de invenção, já que foi feita a partir das memórias cada vez mais distantes. E ao organizar o diário da mãe, Noemi tomou o cuidado de manter algumas dessas confusões de tempo que existem. às vezes, os dias retrocedem. Outras horas, avançam muito rápido. E são essas incoerências que nos revelam melhor as cicatrizes deixadas pelos

nazistas. Em Noemi, seu próprio processo de construção do livro foi influenciado por essas questões.

Noemi: Lá em Auschwitz, em uma vitrine de malas, tem vitrine de cabelo, vitrine de roupas, vitrine de objetos que os alemães tiraram dos Judeus, e tem uma vitrine de malas. E eu fiquei anotando os nomes que eu lia nas malas. E aí, eu comecei a inventar a história da dona de um nome que eu anotei. *Svelenka Fanto*, o nome que eu anotei, que eu não sei quem é essa mulher. Eu comecei a inventar a história dela.

Lili (interrompendo): quem é?

Stella (ao fundo): Essa é uma menina, mãe, de agora.

Lili: Ah sei.

Ivan: Você quer ler um pouquinho?

Naomi: Dessa Svelenka? Deixa eu ver onde que tá. Histórias inventadas.

(Naomi folheia o livro, fade in de trilha sonora)

Naomi (lendo): Svelenka Fanto e *Rafaela Satatansky* não se conheciam pessoalmente, mas seus caminhos já tinham se cruzado algumas vezes, no percurso até o bonde que Rafaela fazia todas as terças e quintas, quando passava pela porta da casa da neta de Svelenka, que a visitava regularmente. Rafaela vinha de uma família moderna de Viena, totalmente aculturada e orgulhosa das práticas comuns a alta burguesia intelectual da cidade. O pai era médico psiquiatra e tinha, inclusive, estudado e endossado algumas teorias do Dr. Freud, com quem chegou a travar um contato distante. Sua mãe era uma professora de piano, razoavelmente conhecida na cidade. Embora tenha se frustrado na carreira de solista, aceitara com tranquilidade a ideia de estimular novos talentos em sua própria casa.

Naomi: E assim eu fui inventando a história toda delas duas. Depois eu mudo e digo que não foi nada disso, e começo a inventar outra coisa.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Noemi: Aí, eu tava conversando com uma amiga minha, que mora no Rio, e falei, “Maisa, olha que loucura o nome dessa mulher Svelenka Fanto, como alguém pode ter um nome tão bonito desse?” Aí, ela falou, “olha que nome não sei o que”... e foi pesquisar. E a mulher tá viva e foi para a Suécia também. Provavelmente esteve junto com a minha mãe no mesmo lugar. E algumas coisas sobre essa mulher, essa Svelenka, eram parecidas com o que eu tinha inventado. Aí, a Maisa falou pra mim, “nós vamos procurar ela, vamos atrás dela, vamos conversar com ela.” Aí, eu falei, “não, chega”. Eu não aguentava mais, era muito peso, sabe. Eu tava sofrendo já. Daí, quando eu soube, eu falei, “não, mas eu não conheço essa mulher, não quero mais”, sabe... muito cansativo, muito desgastante, não foi um... uma escrita alegre, assim, dá para perceber.

Ivan: Foi o livro mais difícil que você escreveu?

Noemi: Foi... foi.

Ivan: Pela técnica ou pela carga?

Noemi: Não, pela carga... pela carga. Eu acho até que eu escrevi o outro que era para me aliviar desse, porque eu escrevi junto.

Ivan: Escreveu junto, os dois?

Noemi: É.

Ivan (narrção): Curiosamente, esse outro livro que Noemi fala se chama “Verdadeira história do Alfabeto”, no qual inventou biografia, histórias de vidas das letras A até Z. E daí, percebemos que inventar cura. Ao inventar as histórias daquelas prisioneiras anônimas, ela continuou o legado da mãe. Criar histórias é um exercício milagroso, possui o poder de ressuscitar vidas, as vezes de outros, muitas vezes as nossas.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Voltemos a Lili. Ao retornar para casa, sabendo da morte dos pais, viu que sobrou o irmão, suas primas e um tio, com quem foi morar, mas já não havia mais casa, ao menos como conhecera. E seu irmão foi o primeiro a sair da Iugoslávia.

Lili: Meu irmão se apaixonou por uma menina e ele tinha um documento para procurar eu, os americanos deram para ele, mas ele deu para a namorada meu nome, então ele foi para os Estados Unidos, então eu só tinha vontade de ir atrás dele.

Ivan (narração): Após a guerra, os americanos haviam dado para seu irmão permissão para que os dois fossem para os Estados Unidos, mas ele queria levar sua namorada e, para isso, deu os papéis de Lili para ela. Por conta disso, Lili ficou sem nenhum documento, o que lhe impedia de sair da Iugoslávia.

Lili: Eu não consegui. Então, eu pensei que se venho aqui no Brasil, vai poder ir mais fácil para o Estados Unidos.

Ivan (narração): O antigo namorado chegou a convidar Lili para morar com ele em Israel, mas ela recusou. Ela só queria ir para os Estados Unidos. E foi nesse tempo, nesse período, que ela conheceu alguém que mudaria sua vida.

Lili: Eu fui na casa do meu tio e ele estava lá e se apaixonou por mim.

Ivan (narração): O nome desse menino, que Lili conheceu na casa do Tio, era Aaron, Aaron Jaffe.

Ivan: E quantos anos vocês tinham?

Lili: Dezoito.

Ivan: Os dois tinham dezoito? Ele também tinha ido para campo?

Lili: Ele tava lá onde eu ia descer... devia descer e ele sobreviveu com a mãe dele.

Ivan: E o namoro foi rapidinho, se conheceu e já começou a namorar?

Lili: Não, demorou (rindo).

Ivan: Conta um pouquinho.

Lili: Do meu namoro?

Ivan: Isso.

Lili: Ele estava na Iugoslávia e eu não quis casar com ele, porque eu queria ir só... a minha cabeça estava para ir para Estados Unidos, atrás do meu irmão. Então eu fugi, fugi da Iugoslávia ilegalmente para a Hungria.

Ivan (narração): Lili morava na Hungria já a um ano, quando recebeu uma carta de Aaron, dizendo que ele estava a caminho, pois havia conseguido um passaporte, para ir de lá para a Polônia, onde sua mãe morava, e de lá iria para a Itália.

Lili: Então ele me escreveu que eles vinham para a Hungria em Budapeste, para eu achar um lugar onde ele vai morar, porque eles vão ficar uma semana em Budapeste. E eles... esse... durante essa semana eles não conseguiram passaporte, ficaram um ano (risos), durante esse um ano a gente se encontrou.

Ivan: ah, ta certo...

Lili: Então, fomos juntos para a Itália. Na Itália ficamos 3 meses e depois de 3 meses fomos para... não recebemos entrada para o Brasil e fomos para o Uruguai.

Ivan: Uruguai?

Lili: É...no Uruguai ficamos 2 meses, depois fomos como turistas para o Brasil. Minha sogra tinha a família toda aqui.

Ivan: E daí, gostaram daqui...e ficaram...

Lili: E ficaram...

Ivan: Mas vocês se conheceram, e ele já pediu em casamento?

Lili (risos): Ah, demorou 2 anos.

Ivan: Dois. Mas quando se conheceram, ele pediu?

Lili: Ah, ele queria, mas eu não quis, porque não quis ficar (eles riem).

Ivan narração: Mas há mais coisas dessa história que Lili não revelou. Por sorte, suas filhas estavam lá e contaram

Stela: Como o irmão dela roubou a identidade dela para dar a namorada dele...

Ivan (narração): Quem está falando é Stela, uma das irmãs de Noemi.

Stela: a minha mãe não tinha documento nenhum, então existia um certo acordo entre ela e o meu pai. Independente dela gostar dele ou não, pra ela poder sair, ela tinha que ter um documento. Então meu pai combinou de casar com ela ... Se ela tivesse um documento e um nome, porque ela não...

Lili (interrompendo): É, na Hungria ainda... A gente se casou, mas só nós dois, sem ficar casado. Eu fui um lado, ele foi no outro, mas recebemos o passaporte como casados.

Stela: Porque ela precisava de um nome para poder continuar a viajar. Com ele ou sem ele, não importa. Eles precisavam estar...ela precisava se chamar... ela precisava existir!Então, ela passou a ser Livia Jaffe. O meu pai ofereceu casamento para ela por conta de ter um documento. Foi assim que ele conseguiu casar com ela, se não, ela não teria casado.

Ivan: entendi

IVAN (narração): Mas como sabemos, o Aron já era apaixonado por Lili desde quando moravam na Iugoslávia. E quem nos contou mais detalhes sobre isso foi a Noemi.

Noemi: O diário da minha mãe acabou sendo depositado lá no Museu do Holocausto, em Jerusalém, onde está até hoje. As moças que trabalham no museu do holocausto ficaram muito curiosas com a história do diário, e por que meu pai...quando minha mãe conheceu meu pai, na Iugoslávia... Quando ela voltou da guerra e conheceu meu pai, ela deixou o diário dela com ele. Ela foi para Hungria, como ela contou, e deixou como lembrança pro meu pai o diário que ela tinha escrito. Então, ela achava que nunca mais veria esse diário. Então, o próprio diário tem uma história. E meu pai preencheu as páginas do diário que faltavam com cartas de amor para a minha mãe, porque ele era completamente apaixonado por ela. E isso não tá aqui nessa transcrição, NÉ. Eram cartas de amor. E ele achava que não encontraria mais ela. Então, ele foi pra Hungria e levou o diário. E depois, eles trouxeram o diário para o Brasil. E aí, esse diário foi parar nesse museu, em Jerusalém. E as funcionárias que sabem ler iugoslavo... Porque lá tem funcionários que sabem ler todas as línguas. Elas leram o diário da minha mãe e as cartas do meu pai. E ficaram muito curiosas em saber o que tinha acontecido com aquele casal. E daí, quando elas souberam que eles tinha se casado, elas ficaram super felizes, e tal. E no fim, elas acabaram avisando a equipe do Spielberg que... (vozes ao fundo a interrompem) É, ele tem uma fundação nos EUA, não sei em que cidade. E o objetivo dele é recolher depoimentos de todos os sobreviventes, uma coisa meio impossível né? Mas ele tenta fazer isso. Então, elas avisaram essa equipe dele. Aí, eles mandaram lá para Israel. Minha mãe tava lá com a minha irmã, lá, essa época. Uma equipe de pessoas que falam iugoslavo. E eles entrevistaram minha mãe em iugoslavo.

Ivan (narração): Aquela história que eu contei no início do programa, sobre o diário de uma sobrevivente que continha cartas de amor a ela no final, acabou tendo um final de filme. Eles ficaram juntos. Mas você pode estar se perguntando, se ela casou-se, primeiramente, somente pelos documentos para poder sair da Iugoslávia, teria ela se apaixonado mais tarde?

Stela: Ela se casou mais para poder ...

Ivan: pra poder...

Stela (para Lili): Quando vocês começaram a namorar mesmo, você e o papai? Quando foi o primeiro beijo?

Lili: Na Itália, ficamos 3 meses juntos num lugar só...então eu já resolvi que vou ficar com ele.

Stela: mas na Hungria, vocês não eram mesmo namorados, eram só amigos?

Lili: é.

Ivan: e daí, virou a paixão...

Lili (entre risos): É...

Ivan: Ficaram quanto tempo juntos?

Lili: Ele morreu 18 anos atrás.

Ivan: A vida inteira, então.

Ivan (narração): Um amor construído a partir das ruínas de suas vidas. Uma nova vida no Brasil, muito longe de Auschwitz, com 3 filhas que vieram em seguida. A cigana que leu sua mão no campo, no fim, estava certa.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): No próximo episódio, casados e vivendo no Brasil, Aron e Lili tem 3 filhas e se veem com um dilema em mãos. Como deveriam falar com as crianças sobre o quão mal tratados e humilhados foram durante a guerra? Tudo isso na próxima parte de “As Filhas da Guerra”, aqui no Projeto Humanos.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Projeto Humanos é um podcast que visa apresentar histórias íntimas de pessoas anônimas. Ele tornou-se possível graças a ajuda dos patrões do AntiCast, que contribuem mensalmente para que nossos programas continuem acontecendo. Se você gostou da nossa proposta e gostaria de ajudar, clique no link do post do Patreon e contribua também. Agradecimentos especiais a Gabriel Gianinni, que me ajudou em algumas transcrições; Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba, que me ajudou com vários pontos da pesquisa sobre o holocausto; Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, que me ajudou com questões políticas sobre a história da Iugoslávia. Obrigado, também, a Domenica Mendes, do site Leitor Cabuloso, que leu algumas passagens do diário de Lili. E é claro que não posso deixar de agradecer a Lilli, Stela e Noemi, que receberam de braços abertos e cederam seu tempo e memória para que esse programa ocorresse. A trilha sonora utilizada é de Kevin MacLeod, do site incompetech.com e do site *Audio Network*. Eu sou Ivan Mizanzuk e vou ficando por aqui. Nos vemos no próximo encontro.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

FIM

Transcrição por: Sidney Andrade, Alexandre Bertoletti, Aline Koroglouyan. Editado por Sidney Andrade. Revisado por Jean Carlos Oliveira Santos

Transcrição do episódio 4–“As Filhas da Guerra”

Ivan (narração): Olá pessoal, aqui é Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos. Histórias reais sobre pessoas reais. Neste quarto episódio, acompanhamos os efeitos que a guerra trouxe para a vida de Lili, especialmente agora que ela casou-se com outro sobrevivente, Aaron Jaffe. E a pergunta chave aqui neste ponto pode ser, como reconstruir sua vida, sua família, sendo marcado por aqueles horrores do passado? Como que eles falariam sobre isso com as filhas que, um dia, viriam? Mas antes de entrarmos nessas questões, eu gostaria de voltar um pouco no tempo. Naquela noite em que ela e os outros prisioneiros ainda estavam nas mãos dos alemães, já não mais em Auschwitz, mas na fronteira com a Dinamarca, com a garantia de que, se a Cruz Vermelha não viesse, eles seriam mortos, pois já não aguentavam mais de fome.

Ivan: Mas os alemães, então...

Lili: Já sabiam que estavam cercados, com os americanos.

Ivan: Eram os americanos que foram lá?

Lili: É.

Ivan: Não foram os soviéticos?

Lili: Então, eles já sabiam que era, que acabou a guerra. Então já queriam nos ajudar.

Ivan: Por que você acha que eles quiseram ajudar, então?

Lili: Porque eles também sofreram. Aquela hora eles viram o sofrimento, como a gente sofreu.

Ivan: Porque tavam passando fome?

Lili: É.

Ivan: Mas é que eu realmente, eu acho que é a primeira vez que eu to ouvindo um relato assim de alguém que passou por uma experiência de campo e se compadeceu com o próprio soldado que tava te aprisionando. Você, como... nunca te chamaram a atenção assim, dizendo “como é que você pode ter compaixão por um cara desse”?

Lili: Não compaixão, eu não tenho compaixão. Eu falo que não conseguia a vingança ou matar alguém, eu não ia conseguir.

Ivan: Mas não dava um sentimento de satisfação de ver que ele tava passando pelo mesmo que você?

Lili: Naquela hora a gente se parecia igual. Porque não era ruim, ela falou que “não vamos matar vocês porque vai chegar ajuda”. Então, aquela hora, acho que era a gente.

Noemi: Mas você não sentiu alegria de ver que eles estavam sofrendo também?

Lili: O que é... A gente nem sabia que é alegria (risos ao fundo).

Ivan (narração): Da conversa que tive com a Lili, essa foi a coisa que mais me surpreendeu, e que mais serviu de exemplo para mim. A ausência de ódio. E para a minha surpresa, ao estudar sobre outros relatos, este parece ser um comportamento bastante comum entre os sobreviventes do Holocausto. Quem comenta sobre isso é Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba.

Carlos: Eu nunca conversei com qualquer sobrevivente, eu nunca assisti nenhum depoimento de sobrevivente, seja ele ao vivo, seja ele gravado, que tenha dito que existe algum tipo de ódio. Ódio a gente não combate com ódio. Ódio a gente combate com amor e com educação. E eles têm muito claro, passados muitos anos depois disso. Os anos, anos de vida somados ao trauma, somados à essa sabedoria que naturalmente se consegue com os anos... é muito clara essa ideia de que não há nenhum tipo de ódio.

Ivan: É, mas os filhos já se nota um pouco mais desse ódio, né?

Carlos: É, eu já não sei se eu posso chamar isso de ódio, mas é uma espécie de... se pode dizer que a próxima geração, ela já tem uma inquietação muito mais forte. Aquela ideia de que... é normal também, normal tanto os filhos, quanto os netos... isso é uma coisa que nós... Quando falo nós, o Museu e as instituições que trabalham com o Holocausto. A gente precisa trabalhar isso muito bem, que aquela ideia de tirar essa dose sentimental de vitimização, que isso dificulta o processo educativo. Isso é problemático do ponto de vista educativo. Mas é mais comum ver, na segunda geração, nos filhos e até mesmo nos netos, uma inquietação, às vezes até um discurso mais radical em relação à tudo aquilo que aconteceu. Eu não vou chamar de ódio porque cada caso é um caso...

Ivan: Claro, claro.

Carlos: ...mas isso é muito diferente em relação aos próprios sobreviventes.

Ivan (narração): Mas eu me perguntava como será que suas filhas encaravam isso. Especialmente a Noemi, que se esforçou tanto em publicar o diário da mãe.

Ivan: Você divide dos sentimentos dela ou você tem sua opinião diferente?

Noemi: Ah, acho que é muito diferente, tem uma coisa...

Lili: Você imaginou...?

Noemi: Ah, eu sei que é uma coisa muito forte para mim o fato dela ter passado pelo Holocausto, desde que eu sou muito pequena. Eu ia na escola, eu lembro que eu me sentia muito diferente das outras crianças. Porque, como eu sou bem mais nova que as minhas duas irmãs, eu sou de uma geração cujos pais não estiveram no Holocausto. Então, eu era a única na escola, que a minha irmã provavelmente tem amigas cujos pais também estiveram no Holocausto, mas eu não. Então, eu me sentia muito diferente dos meus amigos por causa

disso. Porque os meus amigos tinham avós que estiveram no Holocausto e eu não. Para mim era a mãe. Então, eu me sentia ao mesmo tempo, inferior e superior. Era um sentimento muito misturado, eu achava que eu era melhor do que eles porque meus pais tinham sofrido mais. Não sei te explicar isso daí, mas era assim que eu me sentia. Isso era uma coisa... É verdade que eu me sentia assim. Como se eu soubesse mais sobre a vida do que eles, porque eles tinham tido mais facilidades do que eu. Mas nem é verdade, porque minha infância foi muito boa. Minha irmã não, minha irmã sofreu muito porque ela... quando ela nasceu meus pais não tinham muito dinheiro, meu pai batia nela, eles... ela foi criada pela minha vó. Eu não, eu fui criada no maior conforto, eu fui criada por... eu tinha três mães, e meus pais já tavam bem de dinheiro, falavam português, minha vó já não morava mais lá. Mesmo assim eu me sentia especial.

Ivan (narração): A diferença de idade entre as irmãs representa algo crucial a entendermos os efeitos póstumos do holocausto. A Noemi, sendo a mais nova, passou por experiências diferentes daquelas que a irmã. E mesmo o pai delas, Aaron, encarava os traumas da guerra de forma totalmente diferente da própria Lili.

Stela: Sou Stela Jaffe de Lima Forte, tenho 64 anos e sou avó (risos). Hoje sou avó (risos). Não sou mais nada, sou avó.

Ivan: Ah, que é isso...

Stela: Verdade.

Ivan: E é filha da Lili.

Stela: Sou filha... isso.

Lili: E arquiteta (Stela nega). Arquiteta de interior, né?

Stela: Não, minha profissão é publicitária. A minha relação com... meu pai foi muito... meu pai era um cara que tinha... ele era muito sofrido, ele era uma pessoa depressiva, ele tinha momentos que, chegava a ser dias, que ele ficava quieto, sentado numa poltrona. Ele tinha muita enxaqueca. Então ele ficava assim, quieto, na dele. Ele nunca foi... ele sempre foi de contar. Ele foi muito carinhoso comigo depois que eu fui maior. Ou eu fui perceber isso depois que eu fui maior. Mas de pequena, ele foi muito enérgico comigo. Extremamente enérgico. Ele chegava a me por de castigo....

Noemi: Batia...

Stela: Batia, eu lembro a cena dele...

Lili: Batia? Não batia.

Stela: Batia.

Noemi: Batia com cinto, mãe. Com cinto.

Stela: Ele me ameaçava muito com... eu era muito...

Lili: Cabeça dura.

Stela: É, teimosa. E ele falava “faz isso” e eu falava “não faço”, “faz!” “não faço”. E ele adorava pegar o cinto, dobrar e esticar. (risos ao fundo). E isso era uma... eu me lembro que eu defendia virando a cadeira, tipo leão e domador. E eu virava a cadeira e ele vinha e a gente se peitava muito. Era uma coisa muito...

Noemi: Ele te punha de castigo naquele...

Stela: No banheirinho embaixo. Para mim eram horas, na verdade deveriam ser minutos que ele me deixava. Tinha um banheirinho, tipo um lavabo pequenininho na casa que eu morava, e tinha uma trinca por fora...

Lili: Ele, quando castigava ela, ele entra no outro quarto, chorava.

Ivan (narração): Ela disse que depois que o Aaron castigava a Stela, ele entrava no quarto e chorava.

(TODOS RIEM)

Stela: Isso eu não via (risos). Mas ele castigava, né. Ele... para ele, ele tava... ele ainda tinha mentalidade, acho que de campo, de que... de que você resolve a coisa com castigo, né? Meus

pais não tem educação, eles pararam no ginásio. Então, é... e eles foram educados assim. Então, é o que eles trouxeram. Até eles se aculturarem, até eles... demorou o tempo do meu crescimento.

Ivan: Então, você acompanhou bem o processo de crescimento.

Stela: Eu cresci com eles, eles cresceram comigo, acho que é o contrário, eles cresceram comigo, se formaram, fizeram a vida, enquanto eu fui crescendo e eu era o símbolo para eles de um... eu era um sonho, né eu, acho que de repente eu ter nascido foi uma coisa inesperada, assim, milagrosa para eles, que nunca esperavam nem estar vivos, quanto mais ter uma filha. E ele exigia demais de mim, meu pai sempre exigiu muito de mim e quando eu não correspondia, ele... Não é maltratar, não posso chamar isso de maus tratos, ele era muito jovem, ele não tinha nem trinta anos. Então, sair de guerra, sem falar o idioma, a cultura dele era mínima

Lili (interrompendo): Ele era um homem muito bom.

Stela: Não, ninguém discute isso, ele era muito bom, mas ele era muito enérgico. E aí, ele com o tempo, ele foi relaxando e se encontrando também né, porque ele estava completamente desconstruído. Às vezes, eu penso como a nossa vida aqui é linear, redondinha, a gente mora aqui, fala o idioma, nasceu, cresceu, casou, teve filhos. De repente, eles passaram por uma guerra, saíram de um país que falava o idioma, chegaram aqui sem entender porra nenhuma do que estavam fazendo, não sabia o que fazer da vida. Meu pai era um mascate, pega roupa daqui, dali, para vender, não tinha ideia do que acontecia com a vida dele. E aí, ele pariu uma filha, é um negócio, assim, surreal. Como é que ela vai viver, como ele vai sustentar, como eu vou fazer, o que vai acontecer? Então, foi. Meu pai começou a conversar comigo mesmo, quando eu tinha meus oito, dez anos. Aí, eu me lembro que a gente passava, às vezes, a noite, ele adorava me dar... Tomar leite quente. E a gente ficava na copa, na cozinha, a gente ficava conversando e ele contando... Ele contava histórias que eu nem entendia na época. Nem posso me lembrar pra te falar. Mas eu me lembro que ele contava muita história. Não era branca de neve, a história dele, era a história do Tito, era a história da Jugoslávia. Era a história, não da guerra. Ele falava de como era a Jugoslávia antiga, da época que era um país só, né. Como era, como era o Tito, como era a monarquia. E aí, ele falava assim da guerra, que ele tinha muita raiva da Alemanha. Nós nunca tivemos nada alemão em casa, nem carro, absolutamente nada, nada.

Ivan: Você como designer querendo...

Stela (interrompendo): Eu não consigo imaginar, eu nunca fui para a Alemanha. Isso é uma coisa atávica minha, eu não me imagino entrando na Alemanha.

Ivan: Você não consome produtos alemães?

Stela: Não, eu consumo. Já tive, adoro Nivea. Eu tenho (risos), não é isso, não é isso. Mas, assim, o país, uma vez eu estava na França e a gente estava num pequeno restaurante na Provans, e eu entrei com o meu marido e tinha um grupo alemão que levantou e começou a cantar. Eu não me lembro o que eles cantaram, devia ser uma música qualquer, mas eles levantaram e começaram a levantar as taças e cantar. Eu fiquei tão incomodada que eu saí do restaurante, eu não consegui ficar. E eu não passei por isso né, então.

Ivan (narração): Os traumas da guerra se manifestam de forma diferentes entre os sobreviventes do holocausto. E o ritual de saber contar suas histórias para seus descendentes, a primeira geração após o trauma, foi um processo longo e doloroso, especialmente para aqueles filhos que, como Estela, acabaram crescendo junto com seus pais.

Ivan: Você é a filha mais velha?

Stela: Sou.

Ivan: Nascida em?

Stela: 50.

Ivan: 50, então você ainda pegou boa parte da história da sua mãe.

Stela: Eu não peguei, porque... É assim, minha mãe e meu pai foram falar da história deles...

Lili: Nós chegamos em 49.

Stela: É, muito mais tarde. Primeiro porque eles não tinham como se comunicar, eles falavam... Eu nasci aprendendo alemão e iugoslavo, eu não ouvia português, só na escola. E eu fui para a escola com cinco anos, seis. Então, eu escutei muito pouco português. Eles não sabiam falar o idioma e eles não falavam da história deles. E eu não sabia o que cutucar, porque eu também não sabia nem direito da onde eles vinham. De pequena, você não sabe nada. Quem começou a cutucar foi a Noemi.

Carlos: Eu posso dizer por experiência própria também, porque isso aconteceu na minha família. Meus quatro avós foram sobreviventes e eles passaram décadas sem falar. É, tem a questão do trauma, tem a questão da reconstrução da vida deles em outro lugar. Os filhos desses sobreviventes, também, mesmo nascidos no Brasil ou em qualquer outro lugar, também carregam esse trauma, carregam essa ideia de que a família começou com o pai, com a mãe, nunca se falou em outros familiares. O processo de que nós chamamos de formação de uma memória coletiva do holocausto, uma memória coletiva universal do holocausto foi longo. Ele foi lento, ele foi doloroso. Eu posso dizer para você que a necessidade de se contar essas histórias, de se externar essas coisas, que hoje em dia para a gente é tão, do ponto de vista educativo, tão natural, necessário, ele é uma formação dentro de um contexto dos anos 70. Fim dos anos 70 e início dos anos 80. Até esse período, os primeiros trinta anos pós holocausto, ele foi de um processo lento, doloroso, difícil, de formação dessa memória coletiva.

Ivan: Você nunca...?

Stela: Eles falavam que vinham da Iugoslávia, que passaram pela guerra. Mas eu fui saber o que é guerra com dez, doze anos de idade. Antes, você não sabia. A criança era muito poupada e a escola que eu fui era o Renascença, lá no Boa, eu morava num gueto realmente... Eu morava no Bom Retiro, onde só tinha judeu, numa escola judaica, com amigos judeus, frequentava o clube judeu. Então, assim, era aquela redomazinha, era um gueto. E eu não tinha a noção, para mim meus pais chegaram da Europa e eu fui saber que tinha havido a guerra, isso quando eu já estava no ginásio, porque primário, você...

Ivan: Mas os próprios judeus da comunidade judaica não falavam disso?

Stela: Não, meus parentes, nada, nunca se discutiu.

Ivan: Na escola?

Stela: No ginásio, sim, começou a se falar de uma segunda guerra, de alguma coisa, mas não era uma matéria, e fazia muito pouco tempo da guerra ainda, né. 50, fazia cinco anos.

Noemi: O holocausto começou a ser usado em sessenta e cinco, vinte anos depois.

Stela: Não se falava, era uma coisa meio... Não era um tabu. Mas hoje, olhando para trás, na época eu não sabia. Existia, assim, uma certa neblina sobre isso, para que não... Ainda machucava muito. Então, meus pais não falavam. Não se fala na família. Meus pais sempre fizeram... Sexta-feira existe o sabá. Minha mãe sempre fez jantar de sexta-feira a noite, vinha algumas pessoas da família em casa, tinha o irmão da minha avó, que a gente chamava ele de tio-avô, vinha na minha casa. Depois, jogavam buraco. Isso existia todo um ritual. Mas era tudo muito bem, tudo muito bom, não existia... Ninguém se lembrava mais. Então, eu não cresci com isso. Eu fui saber da guerra, que existiu e que meus pais viveram a guerra, tudo isso com dez, quinze anos. E a Noemi já cresceu ouvindo um pouco mais, porque eu tinha doze anos quando ela nasceu. E aí, eu já tinha treze, quatorze, quinze anos. E assim, começamos a falar sobre guerra. E aí, sim, meus pais tinham já... Conseguiram verbalizar, pelo sentimento e pela língua, pelos dois. Era muito recente pra eles tudo aquilo, né. Acho que tinha que decantar um pouco a coisa, para você poder conseguir até falar a respeito.

Ivan (narração): O que percebemos com esses relatos, então, é que nem mesmo os próprios sobreviventes tinham noção do que havia sido o holocausto como um todo. Havia tanta dor,

sofrimento e até dificuldades de comunicação, que apenas anos mais tarde, que o assunto passou a ser debatido, mais inclusive pelos seus filhos e especialmente netos, refletir sobre o tema tornou-se tarefa deles, gerando grandes diferenças de percepção emocional.

Ivan: Mas, por exemplo, sua mãe não guarda mágoa.

Noemi: Eu guardo

Ivan: Você guarda?

Noemi: Eu guardo.

Ivan: Isso que eu quero saber.

Noemi: Eu tenho até mágoa porque ela não tem mágoa.

Ivan: Eu imagino.

(LILI RI AO FUNDO)

Noemi: Eu tenho raiva por ela. Eu guardo... Eu tenho...

Lili (interrompendo): Mas o que, o que você ia fazer?

Ivan (narração): A Lili está fazendo essa pergunta para mim.

Ivan: Eu não sei... De verdade, qualquer coisa que eu falar vai ser injusto. Porque eu não tenho... a minha família, por exemplo, lá em Curitiba, a maioria é Polonês e Ucraniano. Família é polonesa. Então, eu não tenho nenhum pouco disso, sabe. Então, eu não tenho noção do que vocês passaram. Do que você passou. Ou do que um judeu passa. Até porque eu fui criado como católico. Então, eu não sou minoria, né. Eu nunca fui minoria. Eu sempre fui branco, heterossexual, classe média, homem (Lili e Noemi riem)... E católico, sabe. Então, em Curitiba, então, eu nunca tive problema disso. Eu nunca me senti por fora. Então, eu nunca senti o peso de alguma coisa na minha vida. Então é por isso que eu pergunto, porque de certo modo também quem passou isso foi sua mãe. Vocês aqui no Brasil, querendo ou... por mais que tivessem dificuldades, também já estavam assim sem problemas de perseguição...

Noemi: Claro.

Ivan: Do governo...

Noemi: É.

Ivan: Mas ainda assim você sente. Parece que sente mais do que ela.

Noemi (hesitante): É... eu... é muito ambíguo o que eu sinto, sabe? As vezes, eu sonho que eu tô lá. Eu sonho muito com trem. Direto... eu sonho com trem. E eu tenho uma relação com trens muito louca. Assim, eu sempre que eu embarco num trem eu penso nela.

Ivan: Como é que é aquela frase? Acho que é um verso bíblico, é “os filhos pagarão pelos pecados dos pais”.

Noemi: É.

Ivan: Você acha que é um pecado sua mãe não sentir ódio?

Lili: Não, mas interessante que, como que o sentimento, se você ouve uma coisa triste, sente, sente como ele balança. Não, não é como ele. Mas sente raiva e sente. E eu que estava dentro? É diferente mesmo.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Stela: Tem uma corrente, em Israel, que diz que quem sofreu mais com a guerra são os filhos da guerra, né. Isso... tem uma terapia, inclusive, que minha irmã, lá, uma época trabalhou essa terapia. Que os filhos da guerra é que sabem o que foi a guerra, né. Até porque, acho que quando a pessoa tá dentro da coisa, você não percebe a dimensão. Não tem a realidade do que foi. Você não tem a história.

Ivan: Me explica o que é “os filhos da guerra”, só pra...?

Stela: Filhos da guerra, acho que somos nós, né. É aquilo que percebe o que o seu antepassado, aquele que esteve na guerra passou. O que isso transformou a pessoa.

Lili: Acho que eles sentem mais do que eu.

Stela: O que isso quis dizer, né. Porque quando você tá na situação é muito difícil de você ver, né. Sempre o que tá de fora enxerga. A gente sempre fala brincando, “ai, me dá uma luz aqui, né, porque eu não tô enxergando”. Então, aquele que tá de fora, que olha pra cima... Às vezes, tá lá e você não vê, né. Aí, um olho estranho vem e “pá”. Então, eu acho que os filhos dessa geração, que viveu a guerra, não só judeus, mas que viveu a guerra. Inclusive, eu tenho um pensamento muito... eu acho que quem sofre muito hoje são os filhos dos nazistas. É um sofrimento que deve ser muito maior que o nosso. Muito maior. Então, eu sempre imagino o que eles não... porque eles devem ser perseguidos. Nós somos acolhidos. Eles são os perseguidos. É uma coisa... é um dever que a gente tem. É um legado que, às vezes, incomoda. Eu casei com um não judeu. Isso foi uma coisa difícilíssima. Pra mim não. Porque eu acho o contrário. Eu acho que o judeu tem que se abrir. Isso é na minha cabeça. Porque eu acho que o antissemitismo, muito dessa culpa é do próprio judeu. Porque ele se fecha e cria essa, essa... esse... sei lá como é que chama esse amálgama que não permite que nada penetre. Então, quando não permite isso, a coisa fica... cada um julga como quer. Se você abre. Se você mostra quem você é. Se você divide. Se você reparte. Aí, a coisa... você não deixa de ser judeu porque se casou com um não judeu. Você continua sendo judia. Só que você se abre. Aí, o próprio não judeu aprende a conhecer o judeu. Então você agrega. Não é que você tá diminuindo. Você tá agregando, né. Você agrega não só ele, como a família, como os amigos, como ao que é. Então acho que é um lega... o filho da guerra é bem isso, acho que é o legado que a gente tem de manter isso.

Ivan: Uma coisa que me chamou bastante atenção no relato dela, é que ela, por exemplo, ela não guarda ódio dos alemães, né.

Carlos: Isso é comum.

Ivan: É, isso que eu ia perguntar, até que eu acredito que ela não seja a única e também não é regra geral. É... mas que as filhas levam isso muito a sério. E até veio o termo, que daí elas me explicaram, que é o “filhos da guerra”.

Carlos: É, exatamente.

Ivan: Como é que é esse fenômeno?

Carlos: É pouco se... já se estudou, já se escreveu... sobre, sobre essa segunda geração. Mas a questão do ódio, isso é muito, muito forte. As perguntas que foram gravadas pela Fundação *Shoah, do Spielberg*, fazia parte muitas vezes do roteiro, lá no final, perguntar se existia algum ódio, alguma coisa. E é muito comum nessas entrevistas a gente ouvir que não. Uma coisa é a questão da justiça. Tem um sobrevivente do holocausto, que já faleceu há uns 10 anos. O nome dele era *Simon Wiesenthal*. Escreveu vários livros, dava muitas palestras. E um dos livros que ele escreveu chamava-se “Justiça, não vingança”. Então, o próprio nome do livro dá esse caráter de justiça. Mas muitos sobreviventes, isso no pós guerra, começaram a exercer a sua vingança de uma forma muito interessante. Que era reconstruindo rapidamente a sua família e tendo filhos. É impressionante o número de crianças que nascem ainda nos campos de refugiados, os casamentos... Porque isso, pra alguns, inconscientemente, pra outros até conscientemente, ter filhos significava mostrar que o plano de extermínio daquelas pessoas, daquele povo, ele não foi consumado.

Ivan (narração): Sendo filhas da guerra, Noemi, Stela e Jane, que hoje mora em Israel, se veem na obrigação de passar essa mensagem para gerações futuras. E é curioso como este legado se mostra bastante evidente em diálogos como este, que presenciei naquela tarde entre Lili e Noemi.

Noemi: Aí, eu resolvi dividir por temas, o livro, né. Aí, são esses temas que estão aqui. Dinheiro, amor, raiva, memória, tatuagem, esquecimento. E falando não só sobre a história da minha mãe ou sobre o diário, mas sobre aquele tema de uma forma geral também, né. Então, tem um capítulo aqui só sobre crueldade. Então, qual a diferença entre ser perverso, sádico, mau e cruel. Eu fui atrás...

Lili (interrompendo): Mas é tudo a mesma coisa...

Noemi: Não, não é tudo a mesma coisa. São todas coisas diferentes. Então...

Lili: Eu acho que se é mau, é mau, não tem diferença.

Noemi: Mas tem. Tem diferença. É ser sádico e ser perverso, cruel.

Lili: Aí sim. Esse que eu contei que foi no... que eu disse que eu ia saber no hospital que vai acontecer, esse é sádico?

Noemi: Sim... É, gostar de ver o outro sofrer.

Ivan (narração): A filha que se esforça em explicar as diferenças sobre a maldade para a própria mãe, que presenciou o mal em pessoa. Como se pegassem sua mão e a acompanhassem pelos sentidos da vida que passou. Uma maneira de lidar com a própria herança que lhe foi dada. E assim como Lili até hoje busca entender as diferenças entre os tipos de maldade, nós mesmos, como raça humana, parece que estamos constantemente aprendendo. E muitas vezes, parece que não fomos capazes de tirar nenhuma lição que o tempo nos deu. Afinal, seria muito cômodo falarmos que o antissemitismo acabou. Ou que nunca mais o holocausto irá acontecer, seja com judeus ou com qualquer outro grupo. Mas, infelizmente, essa não parece ser a realidade. E um pequeno exemplo disso, Se pesquisarmos no Google, por exemplo, sobre o holocausto, não é incomum encontrarmos pessoas que argumentam que ele nunca existiu. Mas ao ouvir um relato como o de Lili e de tantos outros sobreviventes, que tiveram suas vidas destruídas por puro preconceito, essas ideias incomodam. Naquela tarde que conversamos, eu as indaguei sobre isso. É uma coisa que eu sempre quis conversar com um sobrevivente. O que você pensa sobre pessoas que defendem que o holocausto nunca aconteceu? E é sobre isso que falaremos no próximo programa.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): O Projeto Humanos é um podcast que visa apresentar histórias íntimas de pessoas anônimas. Ele tornou-se possível graças à ajuda dos patões do Anticast, que contribuem mensalmente para que nossos programas continuem acontecendo. Se você gostou da nossa proposta e gostaria de ajudar, clique no link do post no Patreon e contribua também. Agradecimentos especiais a Gabriela Giannini, que me ajudou em algumas transcrições; Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba, que me auxiliou com vários pontos da pesquisa sobre o holocausto; Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, que me ajudou com questões políticas sobre a história da Iugoslávia. Obrigado também a Domenica Mendes, do site Leitor Cabuloso, que leu algumas passagens do Diário de Lili. E é claro, não posso deixar de agradecer Lili, Stela e Noemi, que me receberam de braços abertos e cederam seu tempo e memória para que este programa ocorresse. A trilha sonora utilizada é de Kevin Macleud, do site incompetech.com e do site *Audio Network*. Eu sou Ivan Mizanzuk, vou ficando por aqui. Nos vemos no próximo encontro.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

FIM

Transcrição por Hana Augusta De Andrade, Alexandre Bertoletti, Débora Veiga Ruiz. Editado por Sidney Andrade. Revisado por Jean Carlos Oliveira Santos

Transcrição do episódio 5–“O que Aprendemos?”

Ivan (narração): Olá, pessoal. Aqui é Ivan Mizanzuk, do Projeto Humanos. Histórias reais sobre pessoas reais. Este é o último episódio da nossa primeira temporada “As filhas da guerra”. Mas já adianto que no final do programa trarei algumas surpresas que podem interessar a vocês ouvintes. Mas enquanto não chegamos lá, temos que terminar nossa história com Lili. E para continuarmos de onde paramos, eu gostaria de falar algumas coisas sobre mim. Meu pai, depois de muitos anos, decidiu fazer faculdade. Era algo comum para pessoas da minha geração, que hoje tem em torno de 30 anos, os pais fazerem faculdade só depois de

estarem estabilizados em suas carreiras. Como ele sempre gostou de história, foi o curso que acabou fazendo, já na casa dos 40. E o tema predileto dele sempre foi guerras, especialmente a Segunda Guerra Mundial. O resultado disso é que, durante toda a minha vida, eu assistia com ele filmes, documentários, conversávamos... E quando surgia o tema Holocausto, era sempre um assunto que vinha acompanhado de toda a carga emocional que exige. Sempre pensávamos como que é possível que as coisas tenham chegado a tal ponto. Não somos judeus e, como já expus no episódio passado, sempre fomos homens brancos, héteros, classe média, com formação cristã. Ou seja, com todos os privilégios que o mundo podia oferecer. Aceitar que um horror daquele tamanho possa ter acontecido era algo inconcebível e sentíamos por todas as vítimas. Em outras palavras, o Holocausto sempre foi um dado histórico cujos pesos da documentação existente ressoava até em nós que supostamente não tínhamos nada a ver com isso. Mas então veio a internet.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Eu acho que foi em 2005. Eu estava no Orkut, antiga rede social tão popular no Brasil na época. E em algum grupo de discussão que eu participava surgiu o tema nazismo. E no meio da conversa, um membro começou a dizer que o Holocausto nunca tinha acontecido e que aquilo era uma das maiores farsas da história da humanidade. Foi a primeira vez que eu ouvi aquilo e, infelizmente, não foi a única. A seguir, eu reproduzo trecho de um vídeo facilmente encontrado no Youtube que mostra um pouco do que estou falando. Ele usa uma voz eletrônica do *Google Translator*, então não estranhem. E se você nunca ouviu essa versão da história, se prepare.

(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO: VOZ SINTETIZADA)

“A grande farsa do holocausto judaico. Por que não devemos investigar? Uma vez que os judeus, durante toda sua existência, estiveram mergulhados em mentiras. Podemos dizer ainda que os judeus estão envolvidos em todas as grandes mentiras da história desse planeta.”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

“Capítulo 2: Fotos falsificadas. Algumas perguntas devem ser feitas. Por que haveria necessidade de se falsificarem fotografias, se nos é dado o Holocausto como algo incontestavelmente verdadeiro?”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

“Mais uma falsificação grotesca. Notem o rosto extremamente mal desenhado e a desproporcionalidade. A imagem não parece ser tridimensional e não nos dá uma sensação de profundidade entre os corpos, fazendo parecer com que todos estejam empilhados, um em cima do outro, retilineamente.”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

“Capítulo 3: Números fraudulentos para ofuscar o verdadeiro holocausto dos japoneses.”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

“Os Estados Unidos jogaram duas bombas atômicas em cima de população civil de duas cidades japonesas, Hiroshima e Nagasaki. Um crime bárbaro contra a humanidade. E a partir daí, os Estados Unidos se viram na obrigação de maquiagem esta tragédia, fabricando o holocausto dos judeus.”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)

Ivan (narração): No total, esse vídeo tem mais ou menos uma hora de duração. Mas há incontáveis vídeos com esse tema. Se vemos a quantidade de sites com esse objetivo, os números tornam-se incalculáveis. Como toda teoria da conspiração, essas narrativas de que o Holocausto não aconteceu são muito sedutoras. Na minha opinião, atraem por apenas um motivo. Nos dão a sensação de que descobrimos alguma verdade oculta, que somos mais especiais, inteligentes e, portanto, melhores, mais lúcidos e iluminados. Estamos acima da humanidade. Mas como geralmente brincamos em estudos históricos, as teorias da

conspiração fazem tanto sentido que só podem estar erradas. Não é possível exigirmos bom senso ou lógica da humanidade. Eu não sei quanto a vocês, mas digamos que eu sofri algum tipo de violência. Tipo, eu fui assaltado, sequestrado ou algo assim. Digamos que eu conte isso para alguém. Se essa pessoa não acreditar em mim, no meu sofrimento, por menor ou maior que seja, eu me sinto muito irritado. Como se sentiria então alguém que passou por um horror tão grande como o Holocausto, ao ser confrontado com ideias desse tipo? Desde aquela minha experiência no Orkut, quando encontrei pela primeira vez a versão de que o Holocausto nunca teria acontecido, eu sempre tive vontade de perguntar para algum sobrevivente o que eles achavam sobre isso tudo. Com Lili eu pude fazer isso. Mas antes eu precisava conversar com alguém que entendesse melhor sobre o assunto...

Filipe: Meu nome é Filipe Figueiredo, eu tenho 29 anos, eu sou graduado em história, minha profissão é uma miscelânea. Eu sou professor, tradutor, *youtuber*, *podcaster*, produzo conteúdo...

Ivan: E é do “Xadrez Verbal”, né?

Filipe: Isso, isso. Meu blog se chama “Xadrez Verbal”. <https://xadrezverbal.com> o endereço. Também está no Youtube: youtube.com/xadrezverbal; e também tem o podcast, que fica hospedado no site do “Xadrez Verbal”.

Ivan: Quem que são essas pessoas? Você já conseguiu analisar quem que faz essas teorias e porque elas existem? Qual sua opinião sobre isso? O que você já levantou em relação a isso?

Filipe: Assim... O cara que teve mais relevância nisso, por assim dizer, é um britânico, que inclusive foi condenado criminalmente, chamado David Irving. Ele é o negacionista mais famoso. E ele é mais famoso justamente porque ele foi o primeiro que apelou para um discurso pseudocientífico. Então, é aquele cara que vai falar “olha, não existem vestígios do gás aqui onde eles dizem que era a câmara de gás. Então é tudo uma farsa”. Existem dois tipos de negacionistas. Existe o negacionista propriamente dito, que é o que fala que não existiu Holocausto. E aí, a gente vai falar deles. E existe o relativista, que é o que sempre fala “não, não, os nazistas fizeram crimes mas...”. Ou ele emenda com “os nazistas também fizeram coisas boas”, né, que é aquele... esqueci o nome da falácia, o nome técnico... ou então, ele aponta o crime dos outros. Que é aquele “olha, os nazistas cometeram crimes, mas os aliados também” ...

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO: VOZ SINTETIZADA)

“Assim, eles tentariam justificar essa barbárie no Japão, e ainda levariam o foco para a Europa e, mais precisamente, para os seus aliados de instigarem essa guerra, os judeus.”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)

Filipe: né, então assim, uma coisa é você falar que não tem santo em uma guerra. Outra coisa é você colocar baixas civis, por exemplo, na mesma categoria de você criar um processo industrial de matar gente, de você fazer uma reunião pra chegar num método mais efetivo, usando todo seu aparato de Estado, para matar gente. Entendeu? Isso é completamente distinto.

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO: VOZ SINTETIZADA)

“Auschwitz foi, ao mesmo tempo e sucessivamente, um campo de prisioneiros de guerra, um vasto campo de trânsito, um campo hospital, um campo de concentração e um campo de trabalhos forçados e de trabalho livre. Não foi jamais um campo de extermínio, expressão inventada pelos aliados. A realidade na Alemanha teve que ser escondida para poder ofuscar as duas bombas atômicas que os Estados Unidos jogaram em cima de população civil nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão.”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)

(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)

Filipe: Agora, indo para os negacionistas. Normalmente, ou é uma pessoa que é extremamente antissemita, né, que normalmente fala “ah não, isso foi uma invenção dos judeus para que eles tivessem uma justificativa para se fazer de coitadinhos para criarem o Estado de Israel”. E eu já tive um cara que falou exatamente isso no meu canal do Youtube, porque eu tenho um vídeo lá só sobre o Holocausto. Inclusive, eu pretendo fazer um vídeo sobre o negacionismo do Holocausto, em breve.

Ivan: Excelente.

Filipe: A segunda justificativa costuma ser a da diminuição do Holocausto. Que o Holocausto foi acidental, foi decorrente de uma epidemia de tifo...

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)**(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO: VOZ SINTETIZADA)**

“Apesar das rigorosas medidas de higiene, da abundância de galpões e edifícios hospitalares dotados, muitas vezes, dos últimos avanços da ciência médica alemã, O tifo, uma enfermidade endêmica entre a população judia-polonesa e entre os prisioneiros de guerra russos, ocasionou juntamente com as febres palustres e outras epidemias enormes devastações nos campos e na cidade de Auschwitz, assim como entre os próprios médicos alemães e a população civil. Onde que durante toda a existência do campo, essas epidemias aliadas, segundo alguns, às terríveis condições de trabalho naquelas zonas pantanosas, à fome, ao calor e ao frio, causaram a morte de aproximadamente 150.000 prisioneiros, desde 20 de maio de 1940 até 18 de janeiro de 1945.”

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)**(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)**

Filipe: ...de que foi executado pelas próprias populações locais. E foi o que a gente falou, as populações locais, sim, colaboraram para o processo do Holocausto na Ucrânia, na Polônia, na Croácia. Isso é inegável. E esses países, embora tentem muitas vezes negar, eles tiveram sim uma participação no Holocausto, porém com uma coordenação, digamos assim, com... o maior executor era a Alemanha nazista.

(EFEITO SONORO DE CLIQUE)**(INÍCIO DE CLIPE DE ÁUDIO: VOZ SINTETIZADA)**

“Com essa produção cinematográfica dessa farsa do holocausto, os judeus deixariam de ser culpados e passariam a serem vítimas. E os Estados Unidos, na posição de salvador da humanidade.”

(FIM DO CLIPE DE ÁUDIO)**(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)**

Ivan: Você já deve, com certeza, ter ouvido falar naquelas teorias da conspiração que tem por aí, principalmente na internet, de que o holocausto não aconteceu, de que esses números não batem, de que os alemães não tinha ódio pelos judeus, só queriam tirar eles do território, que só começaram a matar gente quando não tinha mais alimento e que até os alemães começaram a sofrer com isso. Pra essas pessoas que acham que o holocausto não aconteceu da maneira como é reportada, o que você geralmente (risos)... Digamos que você está com uma pessoa dessas na sua frente, não sei se já encontrou alguma assim, mas o que você diria pra uma pessoa que pensa assim?

Carlos: Olha... Eu vou te dizer...

Ivan (narração): Carlos Reiss, do Museu do holocausto de Curitiba

Carlos: ... que a maior parte dessas teorias, elas se alimentam de algumas técnicas que vão existir já há muito tempo, e que tudo isso já tá documentado. O que eu estou querendo dizer com isso? Todos esses argumentos, que são utilizados em favor da negação do holocausto, muitas pessoas vão chamar isso de revisionismo. Isso não é revisionismo. Revisionismo é

uma corrente legítima dentro da História. E isso não é revisionismo. Isso é negacionismo. Vão se utilizar dessas teorias. Mais importante nesse momento é entender que as pessoas que negam o holocausto, elas negam o holocausto por um objetivo ideológico. Elas não negam o holocausto pelo simples fato de negarem o holocausto. Esse não é o fim, esse é um meio. Então qual é o objetivo final? Nós estamos falando de um antissemitismo arraigado, por exemplo, a teoria da conspiração judaica, que dizem que os judeus dominam o mundo, que os judeus dominam os bancos, que os judeus dominam a mídia. Então, pra se utilizar, pra se chegar nesse fim que é o antissemitismo, que é o ataque a uma determinada pessoa, um determinado grupo se usam desse meio, que é a negação do holocausto. Pra finalizar, eu posso dizer, se o holocausto não aconteceu, cadê a minha família? O que aconteceu com ela? Onde que ela tá?

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Teorias da conspiração são fáceis de serem identificadas. Geralmente, elas envolvem um número gigantesco de cúmplices em prol de uma ação de consequências globais de forma muito lógica. Ora, se você já pediu para alguém guardar um segredo e na semana seguinte viu que todos sabiam o que acontecia, você deve imaginar como é difícil acreditar nesse tipo de coisa. No caso do holocausto, negá-lo é algo perigoso e cruel. E é assim não apenas porque se torna uma atitude consciente de ignorar a vasta documentação sobre o assunto, mas principalmente porque diminui o sofrimento daqueles que passaram pelos campos. Sim, japoneses sofreram, comunistas sofreram, homossexuais sofreram, isso é inegável. Mas diminuir o sofrimento dos judeus, especialmente aqueles civis que foram perseguidos com base em preconceitos históricos, soa desumano, imoral. O sofrimento não é mensurável. Não há como dizer qual o menor ou o maior, especialmente nos casos em que ocorre o atentado à vida. Sofrer é sofrer.

Filipe: Então assim... O problema, a origem do negacionismo... Aí entra até um aspecto, um discurso um pouco mais emocional, saindo um pouco aqui da mera análise empírica, alguma coisa assim... Mas ele tem um quê de *mau-caratismo*, porque é algo extremamente documentado, inclusive pelos próprios nazistas. Era algo feito de forma extremamente organizada. Então, o que não faltam são provas, são depoimentos, provas fotográficas, provas documentais, testemunhos. O que não faltam é prova. Desculpa o erro de concordância (risos). E com a internet, as provas ficam com uma facilidade de acesso absurda. Então, você negar o que tá ali estampado na sua cara por um motivo cínico que seja, ou legitimar o regime nazista, que seja deslegitimar o Estado de Israel. E aqui, eu faço questão de frisar que eu não sou judeu. Não precisa ser judeu para achar razoável a existência de Israel e também não implica em defender a política de Israel perante o Estado da Palestina. Se vocês entrarem no blog do *xadrezverbal.com*, vocês verão muitas e muitas críticas minhas ao Benjamin Netanyahu, inclusive. Seja por esses motivos, é extremamente torpe você negar o que está esfregado na sua cara. Então, normalmente, tem ou um quê de conspiração dos judeus, ou uma questão de limpar a barra do regime nazista, ou então relativizar um pouco as coisas. Mas assim, o holocausto executado pela Alemanha nazista contra judeus, ciganos, eslavos, homossexuais, dissidentes políticos, Testemunhas de Jeová foram mortos no campo de concentração, porque eles não aceitavam servir no exército, toda essa perseguição é inegável e é sem precedentes, sem paralelo.

Ivan: Uhum, perfeito.

Filipe: Até peço desculpa pelo discurso um pouquinho mais emotivo, mas é porque é algo que realmente me tira do sério. Porque, para mim, não é uma questão de debate intelectual. Debate intelectual é você debater, por exemplo, os efeitos da Segunda Guerra Mundial na atual região da Iugoslávia, que são sentidos até hoje porque é uma geração que ainda está viva. Isso é um debate intelectual. Você negar o que tá escrito, o que está na frente da sua cara, é questão de caráter.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan: Você, eu não sei se sabe, mas tem pessoas, por exemplo, que dizem que o holocausto não aconteceu.

Lili: Ah...

Ivan: O que você teria para dizer para estas pessoas?

Lili: Num quer acreditar, num acredita.

Ivan: Mas você passou por isso. Você não tem vontade de dizer “olha o meu braço, olha minha mãe, meu pai...”

Lili: Adianta discutir? Hoje li na revista que tinha holocausto branco contra preto. Ele escreve como que ele sente quando vai no restaurante e não vê quase nenhum preto sentado no restaurante. Também chamam holocausto. De falar que não só contra os judeus. Todos que são uma raça contra outra é o tipo holocausto, né?

Noemi: O holocausto aconteceu, tá acontecendo...

Ivan: Por que você acha que as pessoas pensam isso?

Noemi: Porque elas querem, elas precisam, porque o antissemitismo não acabou. As pessoas são muito ignorantes, né, isso que minha mãe falou. A religião parece que só serve pro fanatismo...

Stela: Ou as pessoas não conseguem acreditar que uma maldade tão grande possa ter acontecido...

Noemi: Ah, não. Não acho, não é isso não. Acho que quem não acredita que houve tem algum interesse nisso. Não acho que existe ingenuidade, acho que é malícia. Cê vê o braço da mamãe, ela fa...

Stela (interrompendo): É que a maldade é tão grande que às vezes as pessoas acham que ninguém consegue alcançar esse nível de maldade.

Noemi: Não acho que é por isso. Eu acho que quem não acredita, não acredita maliciosamente, porque tem um preconceito. Porque fala “não, os judeus estão querendo se fazer de vítimas”. Já conheci muita gente que, sem saber, tem sentimentos antissemitas. Sim, já.

Ivan: Como o quê?

Noemi: Por exemplo, quem fala assim “Ah! Do quê que os judeus tanto reclamam? Eles são super ricos. Os judeus dominam a indústria cinematográfica”, É... “os judeus são sovinas”, sabe, “são pão-duros”, “não existe judeu pobre”, isso é antissemitismo (ela solta um riso).

Carlos: O antissemitismo, ele é um dos males do Século XX e do Século XXI também. Vou te dar um exemplo que está acontecendo hoje. Ontem, a gente teve uma perda muito significativa aqui no Brasil, que foi o falecimento de um sobrevivente que era um dos símbolos da necessidade de se transmitir essas histórias. O nome dele era Aleksander Laks, vivia no Rio de Janeiro. Ele dedicou praticamente toda a vida dele para contar a sua história. Ele ia em faculdades, escolas, viajava o Brasil inteiro, muitas vezes até Europa, Israel e tudo mais. E ele era um grande símbolo da sobrevivência do holocausto, a gente pode dizer assim. Era um dos poucos sobreviventes que praticamente abriu mão da sua vida pra contar a sua própria história. Ele faleceu ontem e hoje os jornais estão dando um destaque grande, o Globo.com, o G1, UOL, vários desses estão noticiando o falecimento dele.

Ivan: Só pra marcar aqui no tempo, hoje é dia 22 de julho de 2015. Então, ontem foi 21 de julho.

Carlos: É, ele faleceu no dia 21 de julho, ontem à tarde. Tudo bem que a gente não pode levar tanto em consideração esse... Não as notícias, mas os comentários. Basta passar, rolar ali a barra de comentários no globo.com, por exemplo, pra você ver alguns desses exemplos de como o antissemitismo é um fenômeno arraigado. Da mesma forma como qualquer tipo de racismo, de preconceito, de ódio, de discriminação. A gente vê isso o tempo inteiro, a gente vê isso na rua, a gente vê isso em casa, a gente vê isso na sala de aula, a gente vê isso em

estádio de futebol. O que acontece em relação ao judeu acontece em relação a várias outras minorias. Então, dá mesma forma que existe o racismo, discriminação e preconceito, o antissemitismo é um exemplo deles. O que acontece de diferente em relação ao antissemitismo até o holocausto é a inclusão de um novo elemento aí, que não existia até o período, que é o elemento estado de Israel. E hoje, muito se fala sobre Israel. Não de um ponto de vista única e exclusivamente de uma crítica. Eu particularmente sou muito crítico em algumas determinadas políticas, em alguns determinados pontos. Mas, muitas vezes, se fala sobre Israel utilizando de estereótipos, dessas características, muitas delas medievais, que transformaram o antissemitismo num fenômeno também sem precedentes. O antissemitismo existe, ele toma novas formas e ele consegue novas características, isso já é marca do fenômeno. Isso vem desde o período antes da Era Comum e, assim como outras discriminações, preconceito, ódio, racismo, intolerâncias que a gente vê com toda e qualquer minoria, toda e qualquer pessoa que a gente considera diferente da gente, com os judeus isso acontece também.

Noemi: Mesmo na posição que as pessoas têm contra Israel, né, as pessoas confundem muito Israel e Judaísmo, né. Então, se a pessoa tem uma... se a pessoa é contrária à política de Israel, como eu sou, também é contra os judeus. E não pensa que Israel não é... Israel não são os judeus, né. Tem mais judeus fora de Israel do que dentro de Israel. Então, confundem demais as coisas, sabe. Do mesmo jeito que a gente também confunde com relação aos árabes, e fala “os árabes, ah, esse ISIS, esse...”

Ivan: Estado Islâmico.

Noemi: “Estado Islâmico são os árabes”. Não são, né. São... é uma facção dentro do mundo árabe, que é gigantesco, né. Ou fala “os palestinos”, também não existe isso, também é preconceito, né, “ah, os palestinos são todos terroristas”. Imagina, tem grupo de terroristas dentro do povo palestino. Então, tem muito preconceito, né. Então, já discute, sim, com pessoas, já rompi amizades por causa dessa história de Israel. Gente que fala “ah, Israel, nossa, os judeus sofreram o holocausto e agora tão fazendo igual com os palestinos”, eu não posso ouvir isso. Isso me deixa num estado... Aí, eu já rompi amizade por causa disso.

Ivan: Por quê? O que te incomoda?

Noemi: Não, primeiro é que não são os judeus, né. Quem tá atacando os palestinos e o governo israelense não são os judeus. Então, não suporto que as pessoas não saibam. Pessoas que tem a mesma formação que eu, que mora em São Paulo, que fizeram universidade, que têm o dever de se informar sobre o que dizem, sobre o que falam. “Os judeus tão praticando o nazismo contra os palestinos.” Isso eu não admito. Segundo, o que o governo de Israel tá fazendo com os palestinos não é a mesma coisa que os alemães fizeram com os judeus. Não é... não são nem os alemães. Os nazistas fizeram com os judeus... Não é a mesma coisa. E eu acho que quando alguém diz isso, tem um certo prazer, sabe? como se isso diminuísse o sofrimento dos judeus...

Lili: É igual com o racista...

Noemi: É, Sabe. É a mesma coisa que dizer “ah, a Dilma foi torturada, né, e agora ela tá aceitando que a polícia agrida os...” Sei lá, os manifestantes. Quando a pessoa fala isso, eu acho que tem um certo prazer de diminuir o sofrimento da Dilma, sabe. Fala “ah, no fundo ela não sofreu tanto, ela tá fazendo igual.”

Ivan (narrção): A história do holocausto não é apenas os judeus. É da humanidade. E nós, como seres humanos, deveríamos aprender com isso os perigos de discursos de ódio e preconceito para qualquer grupo que seja. Reduzir o sofrimento de alguém do presente ou do passado, do tamanho que seja, não deveria ser uma prática comum, mas é. Afinal, quantas vezes já não ouvimos coisas como “negros são assim” e “pobres são assado”, “mulheres são X”, “evangélicos são Y”, “gays são os Z”, e por aí vai. Na história do mundo, não há qualquer exemplo de um ódio socialmente organizado, a qualquer grupo que seja, que tenha trazido

bons resultados. Nessas horas, é muito difícil escaparmos da sensação de que não aprendemos nada com o passado. O próprio caso da Iugoslávia, país natal de Lili, é um exemplo disso. Sendo uma região de conflitos étnicos que duram séculos, sua região de origem, a Sérvia, figura até hoje em notícias sobre tensões perigosas, especialmente aquelas que estouraram na década de 90, durante a guerra civil iugoslava.

Filipe: A Segunda Guerra Mundial, ela deixa cicatrizes muito grandes na Iugoslávia, na sociedade iugoslava. Essas cicatrizes serão curadas superficialmente, durante o governo Tito, que vai conseguir unificar essas regiões, tanto pela autonomia quanto pela simbologia de ser um povo unido, um povo que resistiu, né. De ser uma nova era, né. Vai colocar a Iugoslávia como o líder do movimento dos não alinhados. Ou seja, nós não somos nem o bloco oriental nem bloco ocidental. Nós temos nossa identidade própria. Porém, após a morte do Tito, vão voltar as disputas entre especialmente croatas e sérvios. As disputas pela hegemonia na Iugoslávia. E vai voltar todo o rancor que foi suprimido, foi sublimado durante o governo Tito. Então, todos os crimes, todas as barbaridades da segunda guerra mundial vão voltar à tona na década de 1980. E esse cenário de disputa interna, misturado com o acirramento dos nacionalismos e marcado pelo fim da guerra fria. Ou seja, nós não temos mais a ordem mundial que existia pra nos ancorar. Vão desembocar na guerra da Iugoslávia que, além de ser uma série de conflitos separatistas, também nós teremos casos de política de genocídio, massacre de civis, estupro como arma de guerra. Então, todas essas cicatrizes, esses rancores étnicos e um pouco menos políticos, enfim, todos esses rancores étnicos que vão ser aflorados, que vão ser exacerbados na década de 90 vêm da Segunda Guerra Mundial. Isso é inegável.

Ivan (narração): Não apenas este rancor histórico serviu de pretexto para a Guerra Civil Iugoslava, como auxiliou também num nível estrutural, para que novos horrores acontecessem no final do século XX, naquela região. E aqui é importante ressaltar que, daquelas classificações de campos nazistas que dispomos, sendo campos de trabalho, campos de trânsito, de concentração, etc. Os de extermínio ficavam todos no leste europeu, com a exceção de apenas um país do ocidente, justamente a Croácia.

Felipe: Durante as guerras da Iugoslávia, foram reativados, foram reutilizados antigos campos de concentração, e o campo de extermínio da Croácia, foram reutilizados durante a guerra da Iugoslávia. Então assim, nós tivemos a política do genocídio, inclusive usando a, entre aspas, a estrutura do maior genocídio, né, do genocídio mais conhecido, pelo menos. então, durante as guerras Iugoslavas. É por isso que eu friso que na Croácia nós tivemos dois campos de extermínio. Que por exemplo, campos de concentração nós tivemos no Brasil, também, para imigrantes japoneses, mas campos de extermínio são uma... aspas gigantescas, né, frutos do nazismo.

Ivan (narração): Em minha conversa com Carlos Reiss, eu cheguei a perguntar se ele acreditava se ainda ocorriam holocaustos hoje em dia. Sua resposta foi que, no sentido de genocídios, sim, eles ocorrem e possuem características similares. Contudo, o uso do termo holocausto pode ser problemático. Em um primeiro momento, porque mais que o exercício de história comparativa seja sempre válido, existe o risco de se buscar, medir e comparar horrores que guardam características particulares. Em segundo lugar, porque esse exercício comparativo pode levar justamente a ignorarmos o que há de específico em cada caso, diminuindo a dimensão de cada um.

Carlos: O que acontece é que, muitas vezes, violações de direitos humanos, ou alguns outros eventos que são relacionados a direitos humanos, se utiliza a expressão holocausto. Mais por uma questão mercadológica, mais por uma questão dar voz a alguma coisa, do que realmente se utilizando de um critério conceitual. Pode parecer uma picuinha, mas não é. Por quê? Porque a gente tá se utilizando de uma expressão que ela diz respeito a um evento específico.

Ivan: Sim, sim, é que nem quando o Bush, por exemplo, declarou a guerra ao terror e disse que ia fazer uma cruzada pela democracia.

Carlos: Exatamente, exatamente...

Ivan: É que eu tenho a cruzada, eu... é completamente diferente. (risos)

Carlos: É, exatamente. O holocausto também... O fato do holocausto ser um episódio histórico, ele automaticamente se torna comparativo, e deve ser comparativo, porque se ele não for comparativo, como é que a gente vai transmitir, não é?

Ivan: Claro.

Carlos: Como é que a gente vai compreender, como é que a gente vai explicar algo que não pode se comparar com nada? Como é que a gente pode estudar alguma coisa? Como é que a gente pode transmitir? Então, ele tem que ser comparativo, pelo fato de ele ser histórico, de ele ser humano.

Filipe: De certo modo, nós temos genocídios ocorrendo cotidianamente. Lembrando que o genocídio, por exemplo, ele implica também em apagamento cultural, que é uma coisa que acontece, por exemplo, em boa parte da América Latina. Falando por exemplo, na África, né, nós tivemos a questão de Darfur, nem três anos atrás. Nós temos agora a questão do auto intitulado Estado Islâmico e seus desdobramentos regionais, como Boko Haram, na Nigéria, que podem ser de uma maneira mais bárbara, por assim dizer, né, que o diferencial do holocausto executado pelo nazismo foi o seu cinismo. A verdade é essa, né, é você usar todo um aparato de estado, é você fazer uma planilha de horários de trem extremamente pontuais para massacrar gente. Mas massacres, os massacres, eles continuam a existir, eles continuam ocorrendo. Hoje, literalmente. Então, é uma pergunta complicada de se responder porque eu acho que não é uma previsão que cabe, porque é algo que já acontece.

Ivan (narração): O Felipe bem apontou essa diferença essencial do nazismo em relação a outros massacres, seu rigor técnico, sua mecânica e planejamento. É isso que mais assusta. Talvez seja possível termos algum conforto em pensar que esse tipo de refinamento seja mais difícil de ser atingido nos dias de hoje, mas ainda assim eu me questiono sobre essa possibilidade, mesmo no ocidente, na Europa. E eu perguntei isso pra ele.

Ivan: Mas eu me refiro justamente a essa questão de uma apatia grande, institucionalizada, num estado que tenha... que use de aparatos estatais justamente contra um determinado grupo. Eu vou dar um... vou te contextualizar melhor essa pergunta, até baseado nas conversas que eu tive por aqui durante o programa. Em relação aos árabes na Europa, né, que nós temos uma islamofobia ali que tá, ao meu ver, está começando a ficar perigosa, e a ascensão do Estado Islâmico acaba piorando. Então, eu até tive uma conversa com o meu pai, esses dias, assim, que ele disse que não, isso jamais vai acontecer. Daí, eu disse não, mas aí você tá pensando em história em termos lineares. Vamos falar, por um acaso horroroso, que um Estado Islâmico da vida pega aí uma bomba atômica qualquer dia, explode em alguma cidade e, com isso, aquela islamofobia que já tem na França bastante disseminada, a ponto de por exemplo, eu tenho familiares que moram na França e uma coisa comum, aqueles pequenos atos do dia a dia, né, que mostram os horrores mais arraigados, eles já têm um termo bastante comum que quer dizer assim, “ah, o meu vizinho faz muito barulho”. Daí, descobre na verdade que ele é descendente de argelino, ou argelino, que é uma migração muito forte na França, e eles usam o termo “ah, mas ele não é francês de verdade”, entende. Ou seja, o que me preocupa quando eu vejo a relação principalmente da França e na Alemanha, por incrível que pareça, também, em relação daí já aos turcos, e russos também, tem bastante isso, de eles dizerem assim, “ah, esses caras aí, eles não são alemães ou franceses de verdade”. Coisa que, pra mim, eu já começo a sentir um cheiro daquele início de pré Segunda Guerra Mundial, assim, entende. Então, de repente, se acontece uma crise econômica mundial muito grande, pior que a de 2008, ou acontece uma coisa horrorosa como

o Estado Islâmico faz alguma merda enorme aí, você vê possibilidade de isso acontecer de novo?

Filipe: Olha, a resposta que eu quero dar é não.

Ivan: Aham (risos).

Filipe: A resposta que eu acho que eu devo dar é “é possível”...é que eu acho que genocídio, pensar em genocídio na Europa ocidental, hoje, é um pouco forte. O que eu consigo pensar, cogitar, são questões como por exemplo, expulsões em massa ou dificuldades de imigrações, ou muros, literalmente falando, Até porque os exemplos que você citou é, por exemplo, os turcos estão na Alemanha a convite, né, a origem da imigração turca pra Alemanha é porque a Alemanha, na década de 60 e 70, estava crescendo muito economicamente, mas não tinha gente pra trabalhar, porque teve uma grande queda demográfica por causa da guerra. Então, eles convidaram imigrantes turcos. E depois da década de 90, teve muitos imigrantes da ex-Iugoslávia pra Alemanha. Então, são políticas a convite. E no caso da França, é por conta do antigo império colonial, né, principalmente no caso dos pied noir que você citou agora...

Ivan: Veja, na França, por exemplo, a Le Pen tá ficando cada vez mais forte, né? O Houellebecq já falou que acredita que ela vai ser presidente.

Filipe: Então, mas a política dela acho que dificilmente vai ser uma política genocida, seria mais uma política talvez de dificuldade de imigração. Mas, óbvio, as coisas podem escalar de tal forma que é difícil prever.

Ivan (narração): Eu fiz uma pergunta similar ao Carlos, no Museu do Holocausto.

Ivan: Se a gente ver a situação dos judeus antes da Segunda Guerra Mundial, e analisar hoje a situação dos muçulmanos e árabes em geral, na Europa, principalmente França, Alemanha, dá pra encontrar alguma similaridade, existe algum medo que aconteça uma tragédia das mesmas proporções, qual a sua opinião sobre isso?

Carlos: Olha, existem algumas diferenças, algumas semelhanças. As principais diferenças, elas estão hoje em dia, nas ondas migratórias, né. Mas as principais semelhanças que a gente pode identificar é justamente um sentimento de olhar pra aquela pessoa que tá ali como diferente de você, como um estrangeiro, como alguém que não faz parte daquele lugar. Isso acontece na Europa desde os anos 60. A gente via isso em Londres muito, com outras comunidades que se estabeleceram ali. Na Europa, você tem grandes regiões com comunidades de imigrantes. É muito perigoso o discurso da xenofobia e temos que ficar em alerta com esse tipo de ação, porque ela é muito perigosa. Essa é uma semelhança que a gente pode identificar, o fato que existem ainda pessoas que olham para aquele que é considerado diferente e não importam se aquela pessoa tem a mesma carteira de identidade que você, que tem os mesmos direitos, os mesmos deveres, porém é visto como um diferente, como um ser estranho.

Filipe: Você ter políticas de genocídio, você ter climas de extermínio contra curdos, contra yazidis no Oriente Médio, contra a população de Darfur na República Centro-Africana por questões religiosas. Você ter essa série de conflitos étnicos, de massacres étnicos na África central, no Oriente Médio, faz com que esses países, que vivem em um clima de instabilidade, que sempre vai esparramar para região, pois o conflito nunca fica centrado na fronteira. E isso vai fazer o quê? Deslocamento de refugiados, que vai gerar uma corrente migratória e que vai chegar no país mais estabilizado, porque a pessoa quer primeiro ficar viva, ela não quer atrapalhar a vida do francês, ela quer ficar viva. Só que o francês que vai ter a sua vida, entre aspas, atrapalhada, aí ele vai querer expulsar esse cara. Então, as situações de extermínio na África e no Oriente Médio serem, falando de forma otimista, resolvidas traria um alívio também para a Europa. Agora, na Europa, eu acho inegável que estamos em um momento de maiores restrições de imigração, um momento muito sensível por atentados terroristas. Aí, nós temos uma islamofobia, nós temos o ódio ao outro, seja ele quem for. Mas uma política de genocídio institucionalizada, como na Alemanha Nazista, hoje na Europa ocidental, eu

acho muito improvável. Como eu disse, é um pouco a resposta que eu quero dar. Porque se eu virar para você e disser, “Não, a França, em até vinte anos, vai começar a criar campo de extermínio para muçulmano, para árabe, para berbere...” Aí, sei lá! Aí, eu vou desligar o Skype e entrar em depressão.

Ivan (rindo): Eu acho que todos vamos.

Filipe: Mas eu acho que, assim, foi uma pergunta muito interessante que você fez. Como você pôde perceber, me fez pensar. Eu gaguejei algumas vezes. Porém, eu acho que é importante lembrar que são problemas correlacionados. Olha só! Para ficar no exemplo mais próximo da nossa realidade: cinco anos atrás, quando você estava lá vendo TV e aparece lá um dos piores terremotos da história no Haiti. Naquele momento, você pensou que aquilo estaria conectado com a sua vida diretamente?

Ivan: Não.

Filipe: Não necessariamente. Hoje, especialmente em São Paulo, você tem uma grande discussão sobre a presença de imigrantes haitianos, que são decorrências diretamente da total crise humanitária que vive o Haiti, agravada pelo terremoto de 2010. Então, é importante notar que esses eventos globais, sejam naturais ou de ódio ou políticos, estão ligados. O tsunami no Bangladesh faz o imigrante ir para Indonésia, para Austrália. O terremoto no Haiti faz o imigrante vir para cá. O massacre do autointitulado Estado Islâmico no oriente médio, como o próprio Obama disse, não é nem Estado e nem Islâmico, na região da Síria e do Iraque faz com que esse imigrante ir para a Turquia ou tentar ir para a União Europeia. É importante ter essa noção que as coisas estão ligadas. E vida de imigrante nunca é fácil, principalmente se você é de uma etnia diferente. Imagina a vida de um africano negro islâmico na Europa hoje? Não é uma vida fácil. Mas se a situação no país dele estivesse mais confortável, ele, talvez, nem estivesse lá.

Ivan: Você deve estar vendo o que está acontecendo com a questão dos muçulmanos na França, na Alemanha. Você, como judia e com uma mãe que passou por um campo de concentração, sente? Como você se posiciona? Você tem medo de uma coisa parecida com muçulmanos?

Noemi: Tenho, tenho. Eu tenho muito medo sim. Eu acho que na Europa tem muita xenofobia. A Europa é o berço desse chauvinismo, desse fanatismo, como minha mãe falou. Eles têm um peso histórico de tradição, que é de muita segregação, muito isolamento. Eles têm dificuldade de acolher pessoas, pois também é um continente muito pequeno, é tudo muito difícil, muito frio. Enfim, cada um tem sua história. Mas aconteceu muita perseguição, por muito tempo, então lá é tudo bem complicado. Eu acho que se surgir outra coisa parecida, será lá mesmo na Europa. Mas, sim, eu tenho muito medo. Na França já está ocorrendo muito antissemitismo, tem vários judeus saindo da França e indo para Israel. Mas a islamofobia lá na França é gigantesca! Eu acho que na Alemanha também, mas na França eu tenho certeza que é. Eu tenho amigos que moram na França que me contam. Ano passado, eu passei um mês morando lá e vi como os árabes e os africanos vivem lá, eles são muito isolados.

Carlos: Qualquer caso, por menor que seja, de xenofobia na Europa tem que ser visto com muito cuidado. E nós podemos transportar essa ideia aqui para o Brasil. É muito importante a gente ter consciência do perigo desse tipo de ação. Isso ficou muito claro para gente aqui no período eleitoral do ano passado. Nós percebemos nas redes sociais, a gente percebeu no discurso do dia a dia como esse ódio, como essa diferença se afluou. Também não é uma coisa nova, mas, aqui no Brasil, isso ficou muito latente nas eleições do ano passado, com a questão dos nordestinos, com a questão do sul do país. Isso também é um eco! Um eco que pode ser identificado e que pode ser trabalhado com as lições que nós deveríamos aprender do Holocausto. Também não é só na Europa que isso pode acontecer. Aqui, no nosso quintal, acontece! E isso é perigosíssimo.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): A história de Lili e de tantos outros sobreviventes possui uma lição importante. Mesmo com tanto ódio no mundo, a vida, de alguma maneira, insiste em continuar. E mesmo para aqueles que passaram por traumas tão grandes, gerando às vezes comportamentos tão duros com seus filhos, como foi o caso de Aron, ainda sim existe a potência de se gerar carinho.

Ivan: Qual a melhor lembrança que você tem dele?

Stela: Do meu pai? O leite quente.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Stela: Eu saía... Quando eu saía à noite, assim, meu pai me esperava. Ele sempre me esperava. Às vezes, pra brigar, em baixo, né, em um prédio, ou até esquina. Mas o meu pai sempre me esperava. Tinha meus horários pra voltar, 10, 11h, sei lá... E sempre me esperava. E quando eu chegava, era um (ela solta um suspiro de espanto), né. E a gente ia pra cozinha, tomar leite quente. Aí, ele fazia leite quente. A gente tomava leite quente, tinha pão, era pão preto que tinha lá no Bom Retiro. A gente comia pão preto com leite quente. Até hoje, quando eu quero me acalmar, eu faço um leite quente, é... Assim, falar no meu pai... O sinônimo do meu pai, de bom é leite quente, de ruim era enxaqueca. Essas duas coisas...

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan: E se você pudesse, hoje... vamos dizer, você pudesse, hoje, voltar no tempo e falar com a Lili que tá no campo, o que você diria pra ela?

Lili (entre risos): Não sei...

Naomi: (Incompreensível), mãe...

Lili: O quê?

Naomi: Se você pudesse voltar no tempo e encontrar a Lili lá no campo, o que você diria pra ela?

Lili: Ia dizer que fazer assim como eu fiz... (Naomi e Ivan riem) O que eu podia fazer? (ela pergunta entre risos)

Ivan: Imagina o que ela tá sentindo, você no passado, o que você tava sentindo naquela hora, como você tava...

Lili: Eu não imagino. Não imagino...

Ivan: Uhum. Mas você não consegue, daí, pensar em alguma coisa pra dizer pra ela?

Lili (interrompendo): Não, por isso falou que, eu sozinha, às vezes, penso que ia fazer. Por isso falei que não sou vingativa. Não conseguia fazer nada.

Naomi: Mas se você pudesse ter feito alguma coisa diferente, o que você faria de diferente?

Lili: Não sei...

Naomi: Você não ia... Você ia fazer tudo igual?

Lili: Acho que também era criança. 17, 18 anos é uma...

Stella: Não, por isso a pergunta, mãe. Com a cabeça de hoje...

Lili: Tô falando...

Stela: ... tudo que você viveu até hoje, se você...

Lili: Não imagino, não.

Stela: Se você pudesse... Se o tempo fizesse assim, e as duas Lilis se encontram, você com a Lili de 17 anos, você ia falar alguma coisa pra ela?

Lili: Não.

Stela: Nem um conselho? Nada?

Lili: Não sei. Não sei, não.

Ivan: Que significa que foi... que conseguiu aguentar bem o campo, então. Não foi...

Lili: É, ou aguenta ou mata. Sei lá...

Ivan: Não tinha escolha, né.

Lili: Não.

Naomi: Mas se você pudesse voltar no tempo, você, de novo, iria entrar naquela fila pra ser a escolhida pra ir pra cozinha?

Lili: Esse foi um... foi uma sorte, né.

Naomi: Foi...

Ivan (narração): Após a conversa naquela tarde, havia uma parte da história de Lili que não me saía da cabeça. Quando ela arriscou ser selecionada para a cozinha, como forma de sobrevivência, ela tentou uma vaga entre as 40 meninas. Mas, ao fazer isso, alguém perdeu seu lugar. Eu não consigo imaginar o que faria se fosse ela. Não sei sequer se essa pergunta é justa. Mas ficava a dúvida, o que teria acontecido com aquela menina? E o que Lili pensava sobre isso?

Ivan: Você chegou a parar pra pensar, já, o que aconteceu, de repente, com a menina que foi tirada, daí?

Lili: Como?

Ivan: você se sentiu culpada, por causa da menina que saiu?

Lili: Ah, isso tô pensando. Que... Por minha causa...

Ivan: Ela pode ter sobrevivido...

Lili: Sei lá...

Ivan: Ela pode ter sobrevivido.

Lili: É, pode ser que foi, sobreviveu. Eu acredito no destino. Você acredita? (as suas filhas riem ao fundo)

Ivan: Acredito. Depois de conhecer você, eu não tenho dúvida. (todos riem)

Naomi: Essa é a grande discussão entre nós duas. Ela acredita no destino, e eu, não (Ivan ri).

Lili: Mas acho que tem sim. Ah, foi muita milagre, né. Muita coisa. Como... isso... isso, penso muitas vezes. Como que aguentei o frio? Agora, só agasalhada e sinto frio. E como que a gente sobreviveu? Isso, penso muitas vezes. Não dá pra acreditar, verdade, não dá. Sem... sem alimentar... Alimentação, um pedaço de pão duro que tínhamos dividir para nós três. E a gente sobreviveu.

Ivan: Que lição você tirou de tudo isso?

Lili: Como?

Ivan: Qual lição você tirou?

Lili: É isso, que o destino.

Ivan: Que o destino... Você... Não tem outra explicação...

Lili: É... Não tem outro jeito.

Naomi: Eu acho que tem uma coisa que você sempre fala pra a gente. Que você fala que a gente consegue aguentar tudo, tudo depende da força de vontade. Não é essa tua lição?

Lili: É isso agora. Mas esse é diferente. Esse parece um milagre (segue-se um breve silêncio). ME LARGUE! (Ivan ri)

Ivan: Vamos te largar, então. Eu acho que só tenho a agradecer, então. Obrigado. Você quer passar uma mensagem final? Um último comentário?

Lili: Para nunca acontecer, para ninguém.

Ivan: Você tem medo que aconteça de novo? Não com os judeus, mas de repente, com...

Lili: Ah, não acontece em Iraque a mesma coisa? Imagina, por causa que... que foi na escola, para matar alguém por causa que ela quer ir na escola. É, o chauvinismo é a pior coisa que tem.

Ivan: Você acha que a humanidade aprendeu alguma coisa?

Lili (hesitante): Tem... Tem lugares que sim. Tem lugares que não. Mas esse... Esse religião muito forte é... Não é bom, não.

Ivan: você, hoje, não é religiosa forte, então?

Lili: Não... Meu religião é a bondade. Eu gosto de dar. Isso... Isso eu acho religião. Mas para ser tão religioso para matar alguém, por causa que não é igual a ele, isso eu acho contra. Muito contra.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Já era noite, quando eu saí do prédio, em Higienópolis. A rua estava tranquila e, apesar de já não ver mais famílias judias circulando, eu me sentia rodeado delas. Como se os fantasmas daqueles que morreram, agora, me acompanhassem no caminho para o metrô. E até hoje eles me acompanham. Lembrando-me, diariamente, do privilégio que foi conversar com Lili e suas filhas. E também do dever que temos em transmitir essa mensagem. Nunca nos esqueçamos. Nunca.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Chegamos ao fim da jornada da história de Lili Jaffe. E eu espero que a experiência dessa primeira temporada do Projeto Humanos tenha causado algum efeito positivo em você. E qual o futuro do Projeto Humanos, agora? A minha intenção inicial era de que a primeira temporada fosse um conjunto de várias histórias isoladas, cada programa sendo uma narrativa diferente. Mas enquanto eu trabalhava na história de Lili, e ao ver a quantidade de caminhos que ela aponta, eu me vi na obrigação de dedicar essa primeira temporada inteira para ela. Contudo, há uma outra história que eu havia montado, que fazia parte da ideia original deste podcast. Ela já está pronta e será lançada na semana que vem. Então, vocês terão uma faixa bônus do Projeto Humanos. O nome deste episódio é “A verdade nua e crua”. E vocês verão um *teaser* dela no final deste episódio. Além disso, daqui há algumas semanas, no Anticast, eu lançarei as entrevistas completas que fiz com o Carlos Reiss e Filipe Figueiredo, aqui para o projeto humanos. Eu recomendo fortemente que ouçam, pois há muitas outras histórias e detalhes sobre o Holocausto, especialmente sobre a história da Iugoslávia, que são interessantíssimas e não couberam aqui nos programas. E o que acontecerá no futuro? Bem, isso depende de várias coisas, especialmente de vocês. Sim, eu quero fazer uma segunda temporada. Pode ser uma parecida com essa, pode ser algo totalmente diferente. Pode ser daqui há um mês... Não, daqui há um mês é muito rápido. Mas, com certeza, ano que vem sai alguma coisa. Eu não sei. Eu não sei o que vai acontecer, na verdade. O que eu sei é que eu preciso de duas coisas. A primeira é uma coisa chata, mas eu tenho que dizer, que é dinheiro. Eu quero comprar equipamentos melhores, de repente, ter uma equipe de gente sendo paga para me ajudar, produzir novos programas, treinar pessoas, tudo isso. E como que você pode ajudar? Tem várias formas. Se você tem alguma empresa que gostaria de ter seu nome anunciado aqui no Projeto Humanos, ou em qualquer podcast do Anticast, como ele mesmo, ou o 3 Páginas, o Não Obstante, entre em contato conosco. O seu apoio pode ser significativo nos rumos que vamos tomar. E mesmo se você não tiver uma empresa, pode continuar contribuindo mensalmente no nosso Patreon. O Patreon é a plataforma na qual arrecadamos doações mensais para o Anticast. Você pode doar quantias desde US\$ 1 até US\$ 50, o que for melhor pra você. Eu recomendo que faça pagamento por *PayPal*, porque cartão de crédito, às vezes, dá um probleminha. Mas se você tiver o teu cartão de crédito relacionado com teu PayPal, já dá ótimo. E US\$ 1 por mês, se todos os nossos ouvintes derem US\$ 1 por mês, a gente consegue fazer muita coisa legal. Bom, esta é a primeira coisa que eu preciso, que é chata, que custa dinheiro, enfim. A segunda já é mais leve. A segunda é de graça, na verdade. Ou melhor, você vai gastar apenas tempo. Eu preciso de histórias. Sim, eu quero ouvir boas histórias de você ou de pessoas que você conhece. Se você conhece algum caso legal, seja trágico, cômico, bobo, edificante, enfim, se você acha que tem algo que vale a pena ser contado, eu quero saber. Há duas formas de você me enviar sua história. Um, você pode me enviar ela por email, para contato@projetohumanos.com.br; ou, dois, no nosso site projetohumanos.com.br; no formulário que tem lá, dizendo “envie a sua história”. Eu lerei todas. E se eu me interessar, eu vou atrás de você ou das pessoas que

você me indicou pra gravar. E para encerrar de vez essa temporada, eu só tenho, agora, que agradecer a todos que acompanharam o Projeto Humanos, nestes episódios, e reafirmar que foi um prazer contar com seus ouvidos, mentes e corações. Foi um grande aprendizado para mim. E eu espero que tenha sido pra vocês também. E mesmo se você achou minha voz chata, ruim, fanha, qualquer coisa assim, se você acha que ela não se encaixa nesse tipo de podcast mais narrado, eu digo que eu concordo com você. Mas eu espero que essa estrutura e essa proposta inspire novos podcasts. As possibilidades dessa mídia são infinitas. E eu confio que coisa muito bacana ainda está por vir. Espero sinceramente que venha de você. Então, vamos àquelas frases finais que vocês já estão acostumados. Este episódio do Projeto Humanos foi possível graças à ajuda dos patrões do Anticast, que contribuem mensalmente para que nossos programas continuem acontecendo. Obrigado também a Gabriela Giannini, que me ajudou em algumas transcrições; Carlos Reiss, do Museu do Holocausto de Curitiba, que me auxiliou em vários pontos da pesquisa sobre o Holocausto; Filipe Figueiredo, do site Xadrez Verbal, que me ajudou com questões políticas sobre a história da Iugoslávia. Obrigado também a Domenica Mendes, do site Leitor Cabuloso, que leu algumas passagens do diário de Lili. E é claro, eu não posso deixar de agradecer Lili, Stela e Noemi, que me receberam de braços abertos, e cederam seu tempo e memória para que este programa ocorresse. A trilha sonora utilizada é de Kevin Macleod, do site incompetech.com; e do site *Audio Network*. Eu sou Ivan Mizanzuk e vou ficando por aqui. Nos vemos até o próximo encontro. Tenham uma boa vida, se possível, com muitas histórias pra contar.

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

Ivan (narração): Semana que vem, na faixa bônus do Projeto Humanos...

Voz: Numa sexta-feira de manhã, eu vim pra aula, normal. Era frio, eu lembro que eu tava com blusa de lã e calça, eu tava na aula de Projeto, eu desci pra comer e todo mundo tava me olhando. Apontando, me olhando. O pessoal da faculdade inteira, Era Engenharia... Tanto que eu... Tinha uma mesa cheia de pessoas que eu sei que estudam Engenharia, que conheço de vista. Todos levantaram, começaram a bater palma. As meninas apontando, e eu não entendi. Pensei, meu deus, eu tô linda hoje, que eu não percebi. Eu tô com uma roupa normal. E eu vi meninas... Grupo de meninas, assim, de duas, três meninas mexendo no celular e apontando. Peguei, voltei pra sala. Entrei na sala. Algumas pessoas da sala também tavam me olhando. Eu vi meninas passando o celular de mão em mão. Mas não achei nada de mais, e fui embora. Quando... Nesse dia, eu tinha combinado de almoçar com meu namorado, e ele me encontrou. Ele tava bem tenso. Ele falou, “olha, eu preciso conversar com você.” E daí, o que foi? Daí, ele... “Tal menina...” Que era uma antiga ficante dele, é... “ela tá com as suas fotos.”

(FADE IN E FADE OUT DE TRILHA SONORA)

FIM

Transcrição por Giancarlo Palmeira, Henrique Pinheiro, Aline Koroglouyan, Sharisy Pezzi, Mariana Diello, Sidney Andrade. Edição por Sidney Andrade. Revisão por Jean Carlos Oliveira Santos

ANEXO B**Link da primeira temporada do *podcast* “Projeto Humanos”**

<https://www.projetohumanos.com.br/temporada/as-filhas-da-guerra/>